

convergência

JAN/FEV ■ 1995 ■ ANO XXX N° 279

SÍNODO DOS BISPOS SOBRE A
VIDA CONSAGRADA



convergência

CRB
40
anos

SUMÁRIO

EDITORIAL	
O SÍNODO TERMINOU! E AGORA?.....	1
Pe. Spencer Custódio Filho, sj	
PALAVRA DO PAPA	3
ALGUNS EIXOS TEMÁTICOS DO IX SÍNODO (I)	6
Pe. Edênio Valle, svd	
DIÁRIO DE UM PADRE SINODAL	20
Pe. Camilo Maccise, ocd	
A PREPARAÇÃO DO SÍNODO	32
D. Jean Schotte	
O PRIMEIRO RELATÓRIO SOBRE A VIDA CONSAGRADA	37
Card. Basil Hume	
INTERVENÇÕES NO SÍNODO	55
MENSAGEM FINAL DO SÍNODO	91

NOSSA CAPA

Detalhe-arremate do Painel sobre os 500 anos de Vida Religiosa no Brasil, de autoria dos artistas populares Anderson Sousa Pereira, MSC, e Elda Broilo, SC. Mostra a caminhada, ou melhor, a marcha confiante da Igreja de hoje. O segredo é a fé. O seu Deus-Libertador é Jesus de Nazaré. Os pobres sustentam a cruz da Evangelização. Solidária com eles, segundo e seguindo o Evangelho, a Igreja participa de suas lutas na cidade e no campo. A Mãe de Deus, a Virgem Maria, Nossa Senhora da Conceição Aparecida, indica a direção do amanhã. Vai à frente. Religiosos, mulheres e homens se misturam. Somos um povo que alegre vai. O caminho é a nossa casa. Sempre estamos indo. Peregrinos no campo, na cidade, na favela e muito mais. Nos olhos, muita luz. Lá, bem dentro, a esperança que conduz (Pe. Marcos de Lima, SDB).

ASSINATURA PARA 1995:

BRASIL: taxa única

Terrestre ou aérea R\$ 37,00

EXTERIOR: taxa única

Terrestre ou aérea R\$ 85,00

Número avulso (Brasil) R\$ 2,50

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB.



convergência

Revista Mensal da
Conferência dos Religiosos
do Brasil: CRB

DIRETOR-RESPONSÁVEL:

Pe. Edênio Valle, SVD

REDATOR-RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB (Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenador:

Pe. Spencer Custódio Filho, SJ

Membros:

Integrantes da Equipe de Reflexão Teológica
(ERT) da CRB-NACIONAL

DIREÇÃO, REDAÇÃO,

ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar

Cinelândia — Tel.: (021) 240-7299

20038-900 — Rio de Janeiro — RJ

DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:

Edições Loyola

Rua 1822 n. 347 — Ipiranga

04216-000 — São Paulo — SP

Tel.: (011) 914-1922

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do DPF sob o n. P.209/73

EDITORIAL

O SÍNODO

C.R.B.
- BIBLIOTECA -
R. Alcindo Guanabara, 24 - 4.º

TERMINOU! E AGORA?

Pe. Spencer Custódio Filho, SJ

Sempre, ao final de um grande encontro, somos tentados a perguntar-nos sobre a sua validade. Teria valido a pena? algo da vida cotidiana sofrerá modificações, já que estamos tão distantes do que lá foi feito? Diante dessas questões é que se apresenta a situação da "receptio", palavra técnica para indicar a receptividade, a acolhida, que um tema dado recebe por parte dos seus destinatários.

O presente número de CONVERGÊNCIA, primeiro deste novo ano, orienta-se justamente para os destinatários do Sínodo em nossas terras brasileiras: religiosos e religiosas que na luta cotidiana talvez não estejam tão atentos a uma série de questões mais universais que tocam a vida religiosa e que, por outro lado, a partir da prática e experiência engajada que têm, poderão ampliar em muito a visão sinodal. Trata-se, portanto, de "caminhar juntos" (tal é o sentido etimológico da palavra Sínodo) numa segunda etapa, que não é aquela dos salões e da refinada discussão teológica, mas aquela que brota da vida vivida e sofrida.

Tendo como horizonte do presente número de nossa revista a proposta de contribuir para a "receptio" dos temas sinodais, fez-se opção por apresentar a reunião dos Bispos representantes da Igreja universal na sua seqüência histórica, a partir do sermão de abertura feito pelo Papa. Desde o início houve uma tom positivo de agradecimento a Deus pelo dom da Vida Consagrada na Igreja, particularmente a vida

religiosa feminina que ao final conquistou o importante passo de ver reconhecido o direito de participar mais nas situações que o requeiram na consulta e na elaboração de decisões na Igreja. Após a **Palavra do Papa**, nosso presidente nacional, P. Edênio Valle, svd, procura realçar **alguns eixos temáticos do IX Sínodo** em meio à extraordinária dispersão de abordagens acontecida desde o primeiro momento.

Segue-se o interessante relato de D. Jean Schotte, secretário geral do Sínodo, sobre as iniciativas tomadas depois da VIII Assembléia Geral (1990) na preparação do atual encontro. Mesmo com as limitações institucionais que ainda temos em nossa Igreja, percebe-se que a abertura para uma participação maior e efetiva da base da vida consagrada foi e é um fato. Tendo secretariado a preparação das respostas dos bispos brasileiros e da vida consagrada em nosso país, posso testemunhar pessoalmente que o *Instrumentum Laboris* elaborado posteriormente aos *Lineamenta* respeitou e absorveu integralmente os pontos levantados por aqueles que assumiram a participação. Pena que certas áreas que, com frequência, clamam por espaços de participação, não o tenham feito nesta oportunidade.

A mesma constatação de uma participação amplificada e atenta à base não pode, entretanto, ser feita quanto à composição do Sínodo. Pela própria legislação que o rege, e o fato de ser um Sínodo de **Bispos**, limita-se extremamente o que pode ser trazido por aqueles e aquelas que estão mais na "periferia" da vida consagrada. Deta-

lhes destas participações poderão ser lidos no "Diário de um padre sinodal" do P. Camilo Maccise, ocd, geral dos carmelitas e já conhecido de nossas páginas.

Resultado das primeiras intervenções, publica-se na seqüência a Primeira Relatio do cardeal Hume, tentativa de resumir os problemas e tendências constatados até aquele momento e preparando os trabalhos dos diversos grupos, cessado o tempo de intervenções individuais. Destas intervenções optamos por publicar todas as de nossos bispos presentes ao Sínodo, bem como de religiosos e religiosas brasileiros que estavam como participantes ou auditores. Destacamos ainda os pronunciamentos de alguns bispos latino-americanos ou mesmo de outros lugares pela qualidade de sua contribuição ou inusitado da mesma. Finalmente, uma seleção de manifestações de religiosos e religiosas que mani-

festasse a diversidade de problemas e diferenças de aproximação dos diversos problemas levantados. Penso que será interessante retomar vários desses pronunciamentos e perguntar sobre a sua leitura em nossas realidades pessoais e comunitárias de serviço de vida religiosa.

Terminamos com o olhar para o futuro: a composição do conselho da secretaria geral, onde foi eleito nosso D. Luciano Mendes, e a mensagem final que os padres sinodais mandaram reescrever pois a primeira redação foi considerada pouco positiva e com fortes sinais de pessimismo. Possamos nós também rezar estas páginas de história da Igreja, de história nossa, na esperança de uma renovada adesão convicta e entusiasmada a Jesus Cristo que permita ao Espírito renovar com novas e antigas formas de inesgotável santidade a construção do Reino.

PALAVRA DO PAPA

Homilia na abertura solene da IX Assembléia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, na Basílica de S. Pedro

1. "Segue-me!" (Mc 10,21).

Hoje voltamos de novo a esta perícopie evangélica tão sugestiva: o diálogo de Cristo com o jovem. Trata-se de *uma passagem simples e, ao mesmo tempo, singularmente rica*, que apresenta tantos motivos de aprofundamento. Na *Carta aos Jovens e às Jovens* do mundo inteiro no Ano da Juventude, em 1985, tive ocasião, na verdade, de comentá-lo amplamente. E também a última Encíclica *Veritatis splendor* se refere a este texto evangélico.

Hoje, dando início ao Sínodo dos Bispos dedicado à vida consagrada e ao papel que os Institutos religiosos ocupam na Igreja, ouvimos de novo ressoar esse *convite de Cristo*. Cada um de nós, venerados e queridos Irmãos e Irmãs, a um certo ponto da própria vida ouviu precisamente esta chamada: "Segue-Me!". Era um convite que trazia em si uma força particular: a graça da vocação. A força provinha d'Aquele mesmo que falava. Falava-nos o bom Mestre, mediante o Espírito Santo: o Espírito de verdade, o Espírito das vocações.

2. Desde há tempo estávamos nos preparando para este Sínodo, que tem como tema "A vida consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo". Ele recorda-nos que as Comunidades religiosas são chamadas a um empenho de perfeição, claramente expresso por Cristo no colóquio com o jovem: "Se queres ser perfeito" (Mt 19,21).

Em seguida, no curso dos séculos, a tradição da Igreja deu uma expressão doutrinal e prática a estas palavras. O estado de perfeição não é só teoria. É vida. E foi precisamente a vida a confirmar a verdade das palavras de Cristo: a maioria dos Santos canonizados não provém, porventura, das Ordens e Congregações religiosas?

Poder-se-ia dizer que o horizonte do Reino de Deus se desvelou e se desvela continuamente de maneira singular, mediante a vocação para a vida consagrada. Não é porventura destes anos o maravilhoso florescimento dos *Institutos Seculares* e das *Sociedades de Vida Apostólica*, que estão fazendo tanto bem na Igreja? Além disso, está-se assistindo ao nascimento de novas formas de consagração, em particular no interior de movimentos e associações eclesiais, que pretendem exprimir, com modalidades adequadas à cultura atual, a tradicional tensão da vida religiosa para a contemplação do mistério de Deus e para a missão em favor dos irmãos.

O Sínodo, que se ocupa da vida consagrada, não pode, portanto, deixar de revestir uma particular importância para todos os filhos da Igreja, os quais não deixarão de amparar os trabalhos do mesmo com o contributo das suas orações.

3. É significativo que, depois do recente Concílio, no decurso dos Sínodos atinentes aos vários aspectos do ensinamento conciliar sobre a Igreja, o dedicado aos Institutos religiosos só chegue agora, ou seja, depois dos Sínodos sobre a família cristã (1980: *Familiaris consortio*), sobre a vida dos leigos (1987: *Christifideles laici*), sobre o ministério dos sacerdotes na Igreja (1990: *Pastores dabo vobis*).

Poder-se-ia dizer que *foi mais longo o caminho* necessário para chegar, do Vaticano II, a este tema. Ele maturou mais lentamente na mesa da Igreja e da reflexão teológica. E agora — esperamo-lo vivamente — chegou o momento oportuno para tratá-lo: chegou o “*kairós*”, a ocasião providencial que o Senhor nos oferece, para aprofundar os temas e as perspectivas já presentes nos textos conciliares. É necessário que os membros das Comunidades religiosas e dos Institutos de vida consagrada, inspirando-se no modelo da Igreja primitiva (cf. *At* 2,42), empenhem-se com renovado impulso para serem um só coração e uma só alma, alimentando-se nos ensinamentos do Evangelho, na sagrada liturgia e, sobretudo, na Eucaristia e perseverando na oração e na comunhão do mesmo Espírito (cf. *PC*, 15).

4. “Vai, vende tudo o que tens, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro no Céu” (*Mc* 10,21). Lendo atentamente os textos litúrgicos hodiernos, e de modo especial a perícopes do Evangelho, podemos chegar a uma conclusão, ou seja, que neles, em certo sentido, está contido o primeiro esboço do “*Instrumentum laboris*” desta Assembléia sinodal. O diálogo de Cristo com o jovem põe em evidência o sentido e o valor da *pobreza* evangélica. Além disso, também ilumina a questão do “*não casar-se pelo Reino dos céus*”, de que se fala no Evangelho de São Mateus (cf. 19,12), e deixa entender o significado daquela *obediência*, que torna o homem semelhante Àquele que se fez “obediente até a morte” (*Fil* 2, 8).

5. “*Nós... deixamos tudo e Te seguimos*” (*Mc* 10,28), diz Pedro. São Palavras que a Igreja aplica de modo particular a vós, queridos Irmãos e Irmãs.

Se o diálogo com o jovem, bem como as palavras de Pedro, parecem referir-se apenas aos homens, não se deve todavia esquecer quanto é antiga, nos Textos sa-

grados, a tradição da “*esposa*” e do “*amor sponsal*” (cf. *Os* 2, 16-25; *Sl* 44/45, 11-18; *Ap* 21, 1-27). Quantas mulheres, ao longo dos séculos e das gerações, descobriram a sua “parte” na vocação religiosa, contemplativa e apostólica, começando por Aquela que, sendo a *Toda Santa*, tornou-se em certo sentido o “tipo”, o modelo da Igreja. A temática do Sínodo deve ser, pois, lida à luz do Capítulo VIII da *Lumen gentium*, e também tendo em conta o que procurei exprimir na *Mulieris dignitatem*, publicada em 1988, por ocasião do Ano Mariano.

6. “A palavra de Deus é viva, eficaz e mais penetrante que uma espada de dois gumes;... discerne os pensamentos e intenções do coração” (*Hb* 4, 12).

É assim a palavra do Deus vivo. Dela, os trabalhos sinodais devem revelar-se uma singular participação.

Desde o primeiro dia rezamos a fim de que quanto o Sínodo disser seja “eficaz”, isto é, de maneira a “discernir os pensamentos e intenções do coração”.

Rezamos para obter que isto aconteça durante a nossa Assembléia sinodal inteira: rezamos *pelos Bispos*, que juntamente com o Bispo de Roma constituem os protagonistas “canônicos” do Sínodo. Invocamos também o Espírito Santo para quantos, nesta Assembléia, *representam diretamente a vida consagrada*, masculina e feminina, a fim de que venham a experimentar *uma participação, típica dos mesmos, daquela “palavra de Deus” que é “viva”*.

E que significa que ela é também “mais penetrante que uma espada de dois gumes”? O amor vive sempre de verdade.

7. “Ensinai-nos a bem contar os nossos dias, para alcançarmos a sabedoria do coração” (*Sl* 89,12).

Reza assim o Salmista. E as suas palavras andam a par e passo com a primeira

leitura: “pedi a prudência e ela me foi dada; supliquei e veio a mim *o espírito da sabedoria...* Com ela me vieram todos os bens, e nas suas mãos estão inumeráveis riquezas” (*Sb 7,7.11*).

Sim, venerados e queridos Irmãos e Irmãs. *O Sínodo é a vossa vocação durante este mês.* Ele representa um grande bem para todo o Povo de Deus, uma particular riqueza para a Igreja em todas as suas componentes.

8. E como se há de deixar de ter em conta o fato de que o Sínodo, dedicado à vida consagrada na Igreja, realiza-se no “*Ano da Família*”? Daqui a uma semana reunir-se-ão aqui em Roma famílias de todos os recantos do mundo, para “celebrar” solenemente a sua presença e a sua missão na Igreja. O Concílio fala da voca-

ção dos cônjuges como de uma específica “consagração”.

Não há nesta coincidência algo de providencial? Não nos oferece ela a possibilidade de compreender mais profundamente o mistério da consagração religiosa, que é providencial “bem e riqueza” da Igreja? O Senhor quer levar-nos a descobrir, com os olhos da fé, *de que modo estas vocações se completam reciprocamente, a fim de louvarmos a Deus* pela multiplicidade dos seus dons. Tal como com as palavras do “Magnificat” glorificava ao Senhor Maria, criatura humana que, de modo admirável, une em si a vocação de Esposa virginal do Espírito Santo e de Mãe da Sagrada Família: “Porque me fez grandes coisas o Onipotente. É santo o Seu nome” (*Lc 1, 49*). Amém.

ALGUNS EIXOS TEMÁTICOS DO IX SÍNODO (I)

Pe. Edênio Valle, SVD

I. INTRODUÇÃO

1. A metodologia adotada nos dez primeiros dias do Sínodo levou a uma extraordinária dispersão de abordagens, visões e propostas atinentes à "Missão da VC na Igreja e no Mundo". Talvez essa fase inicial tenha sido propositadamente desejada pelos organizadores da reunião sinodal. O objetivo não era, evidentemente, chegar a uma síntese. Ao contrário, o que se buscava era o "levantamento" das questões. Permitiu-se grande liberdade aos que faziam uso da palavra. Cada um podia escolher o tema e a perspectiva que mais lhe aproovessem. Em um conclave tão internacional como esse, pode-se bem imaginar o complexo painel que foi sendo desenhado na semana de inauguração. Eram tantas árvores de todos os portes, espécies, formas e cores que ninguém conseguia perceber o bosque inteiro, com suas distintas partes. Alguns observadores e especialistas chegavam a se perguntar: onde irá terminar tudo isto? Quem poderá pôr uma certa ordem nesse quadro meio caótico?

2. O método, porém, teve uma grande vantagem. Todos perceberam claramente que a Vida Consagrada (=VC) não é uma realidade unívoca. Ela é diversificada de qualquer um dos lados pelos quais pode ser encarada. Além disto, tornou-se evidente a existência de um pluralismo muito grande nos pontos de partida, avaliações e propostas teológicas, pastorais, históricas e sociocronológicas que iam sendo le-

vantadas pelos mais de 200 oradores. A VC já se identifica com o mundo cultural europeu que lhe foi berço e que, hoje, parece não a compreender mais. Seu rosto já assumiu a cor e as expressões da Ásia, África e América Latina. No futuro próximo, o Leste Europeu, livre do pesadelo comunista, terá também papel importante. Encontramo-nos em meio a um processo. O mosaico policrômico surgido dessa primeira fase fez crescer no Sínodo a consciência da necessidade de escutar e acolher com humildade e objetividade esse quadro plural, já bem distinto daquele analisado pelo Concílio Vaticano II, trinta anos antes.

3. Neste breve comentário, quero apresentar os pontos temáticos de maior evidência no Sínodo. São muitas as possíveis maneiras de se chegar a esses eixos. Uma, que requer mais tempo e cuidado, seria analisar uma a uma as duas centenas de intervenções. Seguramente isto será tentado mais adiante, trazendo conclusões muito interessantes, permitindo perceber com mais clareza certos núcleos de tensão ou de convergência e possibilitando ver melhor as possíveis diversidades existentes.

Escolhemos o caminho mais rápido, dada a premência do tempo. Veremos, primeiramente, os elementos de síntese oferecidos ao próprio Sínodo nos dois relatórios do Cardeal Relator. Seivindo-nos dos pontos de referência indicados nesses relatórios, em especial no segundo, que levou em consideração as falas dos oradores inscritos, procuraremos marcar as grandes li-

nhas que os Grupos de Trabalho (“círculos menores”), da 2ª fase do Sínodo, levantaram como mais fundamentais. Mostraremos, ainda, como esses tópicos apareceram nas “proposições” finais, aprovadas pelos Bispos e entregues ao Santo Padre. Embora o artigo ofereça mais acenos do que análises, poderá dar aos leitores uma rápida visão dos pontos teóricos e práticos em torno dos quais girou o IX Sínodo dos Bispos.

II. AS SÍNTESES DO CARDEAL HUME

Do ponto de vista metodológico, a tarefa, nada fácil, de resumir e de apontar os fios condutores do vasto panorama tecido pelos oradores foi confiada ao Cardeal Hume, Arcebispo de Westminster (Inglaterra). Como relator geral, cabia-lhe uma das incumbências de maior responsabilidade no Sínodo: a de aerofotografar a confusa paisagem para ajudar os padres e madres sinodais a não perder de vista os elementos essenciais e o conjunto da VC. O Cardeal beneditino o fez em dois momentos. Antes do início das intervenções livres dos oradores inscritos, ele apresentou uma síntese introdutória, chamada “*relatio ante disceptationem*”. É um texto elaborado com mais vagar, com base no juízo do autor que tinha em mãos toda a documentação recolhida pela Secretaria do Sínodo. Vale a pena ler esse relatório. Nele o Cardeal Hume situa, inicialmente, a própria Assembléia sinodal na caminhada da Igreja, destacando o papel do colégio apostólico no discernimento da VC e delineando as tarefas que cabem aos Bispos (1ª parte). Na 2ª parte, sua atenção se volta para a temática teológica. Para ele, “a compreensão do termo e, especialmente, a realidade vida consagrada” não podem ser dadas por descontadas. É, freqüentemente, um conceito genérico e redutivo, “embora enriquecido nos últimos anos pela sua in-

serção mais ampla na vida da Igreja, pela intracongregacionalidade, pelo confronto entre suas diversas expressões e por estudos específicos no quadro da teologia” (cf. Nº 6).

As *categorias* sublinhadas pelo Cardeal Relator na abertura do Sínodo são, basicamente, as do Concílio Vaticano II. A formulação é calcada no Instrumento de Trabalho, citado em profusão. O Relator acentua que o itinerário da Teologia da VC mais recente não foi “nem retilíneo, nem uniforme”. Vê como “categoria teológica atualmente mais usada e considerada mais apta para expressar a variedade, a riqueza e a unidade interna da Vida Consagrada”, a dos carismas, termo que é usado em várias acepções (cf. nº 18). Interessante observar que o texto de Hume, divergindo nisto da impositação do Instrumento, não aprofunda a noção de “comunhão”, decisiva para todo o Instrumento de Trabalho. Tem-se até a impressão de que ao Cardeal Relator impressionava mais a variedade pluriforme da VC (cf. nº 7), do que outros possíveis aspectos, aos quais, naturalmente, ele busca dar atenção também. Contra esse pano de fundo (nos números 10 até 15), vão sendo apresentados os conceitos mais centrais do Relatório:

- VC com dom do Espírito (Pneumatologia)
- VC como seguimento de Cristo (Cristologia)
- VC como consagração especial
- Especificidade carismática de cada Instituto
- Identidade da VC no seio da comunidade eclesial

Quanto aos múltiplos *desafios* hoje existentes, o Cardeal Hume ressalta:

- os desafios que se apresentam ao próprio ministério episcopal (nº 17)
- a autonomia e a dependência da VC em relação à realidade institucional e carismática da Igreja (nº 18).

- o desafio da espiritualidade (nº 19)
- o desafio da comunidade fraterna (nº 20)
- o lugar e papel da mulher consagrada (nº 21)
- o desafio da missão (nº 22)
- o desafio da inculturação (nº 23)
- o estilo de vida (nº 24)
- as relações da VC COM AS DE-MAIS VOCAÇÕES (nº 25)

Essa síntese foi bem acolhida pelo Sínodo e exerceu influência positiva sobre o andamento das discussões. O seu tom, também, foi de importância: sóbrio, objetivo, respeitoso e abrangente. O fato de Hume ter calcado sua fala introdutória no “Instrumentum Laboris”, parece-me ter servido para valorizar esse documento, sem dúvida mais aberto que o chamado “Lineamenta”. Os Bispos, na verdade, bem como os Religiosos(as) presentes, fizeram abundantes referências ao “Instrumentum”. Dessa forma, a “1ª relatio” e o “Instrumentum” funcionaram como um grande quadro de referência e de orientação, em meio à dispersão das intervenções livres. Por esse motivo usaremos o relatório como um esquema válido para a sistematização das idéias aventadas ao longo do inteiro Sínodo, incluídas as proposições finais que foram entregues ao Santo Padre.

Segundo meu modo de ver, a chamada “Secunda Relatio”, feita pelo mesmo Cardeal após as intervenções livres, não tem a qualidade e força de síntese da primeira. No segundo relatório era visível a fadiga do relator em colocar certa ordem nos elementos desiguais trazidos ao debate.

Uma exceção é constituída pelo Capítulo I, no qual se logra dar uma visão de conjunto mais apropriada das situações e condições mutantes do mundo contemporâneo e da Igreja que se renova, obrigando também a VC a se renovar em suas formas velhas e novas, respeitados os contextos

culturais diversos e encarando mais de frente o futuro.

O Capítulo II concentra-se na VC em si mesma. A consagração de Jesus e o seu estilo de vida são a chave adotada para caracterizar a posição da VC em relação ao Reino e à Criação. A primeira comunidade de discípulos ganha ressaltado. Os três conselhos, como via de santidade, são referenciados fortemente à experiência de Deus e aos problemas peculiares de nosso tempo. A questão da mulher consagrada e o testemunho profético da VC mereceram especial atenção do Relator.

O Capítulo III parece-me trazer uma importante complementação ao que o “Instrumento de Trabalho” falava sobre a comunhão. No Instrumento, esse Capítulo tinha um lugar teológico muito fundamental. Lançava a “eclesiologia de comunhão” sobre a qual se pretendia fundamentar teologicamente toda a teologia da VC subjacente ao Sínodo. A Igreja é descrita como comunhão do Corpo de Cristo e como “comunhão de carismas e de ministérios”. Vista nessa perspectiva, a igualdade é enriquecida com a diversidade multiforme dos dons do Espírito (IL, nº 66). Esse ponto de partida é explicitado no IL 67. Aí, é apresentada a estrutura fundamental da Igreja que é, ao mesmo tempo, sacramental, hierárquica e carismática, numa comunhão orgânica e complementar entre as três categorias: os leigos, os ministros sagrados e os que professam os conselhos evangélicos. Descrita nessa forma genérica, tal noção de comunhão eclesial encontrou aceitação por parte de todos. Mas restavam ainda dois problemas. Um se refere à relação Igreja-Comunhão-Missão, tema que a CNBB tratou com propriedade no seu “Documentos da CNBB nº 40”. Não é minha intenção analisá-lo aqui. Quero apenas mencioná-lo, dada sua centralidade teológica no conjunto da reflexão do Sínodo. Alguns são de parecer que nem o Ins-

trumento, nem o Cardeal Hume resolveram a contento essa questão, de grande alcance para o tema do Sínodo, centrado na Missão.

Mas há uma outra interrogação de fundo quanto à noção de comunhão usada no Instrumento. É o conceito fundado na interpretação "Communionis Notio", carta da Congregação para a Doutrina da Fé. O problema reside na maneira de entender a comunhão: é ela uma "participação", sempre sustentada pelo Espírito, que torna a Igreja uma comunhão em Cristo, ou é ela "subordinação" a uma comunhão já preexistente? Segundo alguns teólogos, o texto do Instrumento enfatiza a comunhão hierárquica e não a participação de todo o povo de Deus, no qual se situa também a função dos ministros ordenados. O Instrumento, na sua 1ª parte (nº 10,22), abre espaço para a comunhão-participação; na 3ª parte, vai em outra direção, acentuando o papel do Bispo. Diz: "onde não houver subordinação na comunhão hierárquica, a caridade não se aperfeiçoa" (IL, nº 67). O Cardeal Hume foi sensível a essa questão. No Capítulo III do seu Relatório busca esclarecer melhor a função da VC na comunhão eclesial e, nesse contexto, abre espaço, teologicamente, para uma eclesiologia mais participativa, de co-responsabilidade e cooperação.

No Capítulo IV, são tratadas as questões da Missão e da Nova Evangelização. A contribuição teológica, como se disse acima, não é significativa. No plano prático, descrevem-se com propriedade os eixos da ação missionária que mais de perto afetam a VC. Assim: missão "ad gentes", a inculturação, a opção pelos pobres, o ecumenismo e o diálogo interreligioso. O problema da "nova evangelização", em especial nas sociedades secularizadas, pluralistas e freqüentemente atéias é mencionado muito rapidamente. Fica no ar.

III. A SÍNTESE NASCIDA DOS "CÍRCULOS MENORES"

Os "círculos menores", ou seja, os grupos de trabalho que reuniam cerca de 25 pessoas expressando-se na mesma língua, foram o espaço mais criativo do Sínodo. Foi aí que se tornaram possíveis debates, análises mais aprofundadas e busca de um consenso fundamentado no respeito à diversidade de opiniões e realidades. O que fora percebido de maneira intuitiva e em nível subjetivo podia ser socializado e verificado em um diálogo direto entre os Bispos, Superiores Gerais, ouvintes e convidados.

Os "círculos" tinham duas tarefas que, em certo sentido, interpenetravam-se. Deviam responder a algumas perguntas bem concretas formuladas pelo Cardeal Relator no fim do seu 2º Relatório ("Relatio post-disceptationem"). Eram perguntas de natureza prática e pastoral, mas abertas também à indagação teológica. Além disso, era de sua responsabilidade chegar à formulação de proposições ("propositiones") breves, nas quais fosse condensado o consenso grupal em torno dos pontos que cada círculo considerasse como sendo mais importantes. Foi nesse instante, precisamente, que os Bispos se viram obrigados a chegar aos finalmente, fazendo um balanço mais específico dos 15 dias de audição e/ou debate, nos plenários e nos grupos. As proposições de todos os Círculos foram sendo, por sua vez, recondensadas e se chegou, aos poucos, ao elenco final votado, do qual constavam 53 proposições.

Usaremos aqui os resumos das sínteses dos Círculos, assim como apareceram publicadas no "Osservatore Romano" (dias 19 e 23 de Novembro de 1994). São ao todo 15 informes breves, redigidos pelos secretários dos Grupos. Lendo-os com certa atenção, percebe-se que os Grupos de Trabalho estabeleceram um acordo tácito quan-

to a alguns critérios, que, em alguns casos, foram até expressos pelos relatores. São eles: aceitar basicamente as linhas oferecidas pelo Cardeal Hume, buscando mais complementá-las do que criticá-las; permitir a liberdade de expressão, mas tendo em vista chegar a um certo consenso; ir decantando, aos poucos, as posições comuns, das quais nasceriam as proposições do Círculo propriamente ditas. O clima geral e o tom de todos os círculos eram de apreço, pela VC, em todas as suas formas, de interesse pelas manifestações novas que estão surgindo e de confiança, em relação ao futuro, mais que de pessimismo e azedume inquisitorial (como aparecera em uma ou outra das intervenções da 1ª fase). Essa maneira cortez de tratar os assuntos parece até ter inibido uma abordagem mais direta de certos aspectos que denotam a existência de tensões e divergências. A esses aspectos o Cardeal Hume fizera clara alusão no número 17 de seu 1º Relatório e na pergunta nº 5 e 7 do 2º Relatório.

Retomamos, a seguir, os itens que nos pareceram mais significativos no debate realizado nos Círculos.

1. Identidade específica da VC e da Consagração

1.1. A definição da VC: possível?

Definir bem cada conceito e pretender chegar à sua especificidade própria é algo bastante característico do modo de pensar vigente na Igreja por séculos. Clareza quanto às idéias, não só no campo da teologia, era tido como que a solução "a priori" para qualquer tipo de problema. No "Lineamenta" temos um bom exemplo dessa mentalidade. Enfatizando a importância de partir de conceitos bem definidos, os autores do "Lineamenta" (cf. nº 5) vão buscar no Código de Direito Canônico, mais precisamente no Código 573, o ponto de partida para o capítulo consagrado à discus-

são da natureza e identidade da Vida Consagrada. E constroem todo o resto sobre essa definição com seus pressupostos sem maiores preocupações com outros possíveis dados e implicações.

O Instrumento de Trabalho, seguramente influenciado pelo caminho mais indutivo proposto pela União de Superiores Gerais (USG) em seu Congresso Mundial sobre a Vida Religiosa (Novembro de 1993, Roma), prefere deixar a via das definições estabelecidas para considerar, antes, a realidade vivida pela Igreja, tanto a empírica e existencial quanto a teológica. Essa solução encontrou forte resistência da parte dos que têm uma cabeça "escolástica" (1). A questão não podia deixar de voltar à baila tanto nas intervenções livres dos Padres Sinodais quanto nos Círculos Menores. Os distintos Círculos parecem inspirar-se em ambas as perspectivas, embora não se notem, ao menos nos relatórios publicados no "Osservatore", posições radicais firmadas unilateralmente em um ou outro dos dois pontos de partida (o indutivo e o dedutivo).

O Círculo Alemão, após sublinhar a importância da Teologia da Vida Consagrada nascida no sulco das propostas do Concílio, acentua expressamente a necessidade de se considerarem as categorias históricas e sociológicas, para bem se esclarecer o "Status quaestionis". Menciona, também, a necessidade de dar a devida atenção às culpas e falhas do passado e do presente.

Os grupos "Francês B" e "Inglês C" não vêem sentido em se concentrar na busca de uma definição. Sua proposta vai no sentido de se enunciar descritivamente as características de fato encontradas. O Círculo "Espanhol C" sugere que a descrição se faça em relação a cada uma das modalidades existentes de consagração. Na mesma linha, que é a de descer mais ao concreto, o Grupo "Italiano B" afirma que

o lugar eclesiológico da VC não é “nem fora, nem paralelo, nem por cima da VC, e sim dentro dela”. Essa contextualização, para o Grupo “Francês B” deve se ancorar em uma “sã eclesiologia da Igreja Particular”.

Essa posição é assim assumida pelo relator do Grupo “Francês C”.

“Não me parece possível definir a vida consagrada no sentido comum do termo, e isto não é necessariamente desejável. Portanto, tendo-se em consideração que o conceito de consagração é de natureza analógica, prefere-se caracterizar a VC mediante um certo número de dados comuns: vontade de seguir Cristo de modo radical em resposta a um chamado divino; celibato vivido como sinal do Reino; ruptura com as realidades do mundo; obediência aos superiores, a uma regra ou a um projeto recebido de Deus; fidelidade a um carisma fundador recebido como uma graça particular em vista do bem de toda a Igreja; profissão litúrgica e prática dos conselhos evangélicos; vida fraterna; missão ativa e contemplativa.”

A preocupação de chegar a uma definição formal da VC aflorou em vários dos Grupos. Alguns tentaram formulá-la. Eis a redigida pelo Grupo “Espanhol B”:

“A Natureza e a identidade da VC são esclarecidas pelas quatro notas propostas pela Relatio (do Cardeal Hume). O que distingue a VC dos religiosos da de outras pessoas consagradas deveria ser a profissão dos votos públicos e de caráter permanente aceita pela Igreja, a vida comunitária e o exercício do apostolado em nome do Instituto”.

Ou, então, a outra, mais pregnante do Círculo “Inglês C”:

“É um modo professado de vida, fundado sobre o Evangelho, aprovado pela Igreja, dirigido para a missão e o testemunho”.

Alguns Grupos, como o “Italiano A” e o “Espanhol C”, oferecem sugestões para o aprofundamento e esclarecimento da questão da identidade da VC. Sua preocupação vai na direção de uma descrição mais ampla, mais rica e mais eloqüente da VC também do ponto de vista catequético, vocacional e pastoral. Mencionaremos, mais adiante, tais sugestões que, no dizer do Grupo Italiano A, pretendem ir mais além do que a descrição “dada pelo Código e pelo Catecismo da Igreja Católica”.

1.2. O que entender por “consagração” e identidade da VC

A expressão “Vida Consagrada” é usada pelo Concílio na P.C.I. Antes do Vaticano II o termo era quase que desconhecido. Também a teologia a ela subjacente era de trânsito reduzido. Nos últimos anos, especialmente quando adotada pelo Código como categoria designativa ampla, a expressão passou a ter livre curso. Muitos a têm como inadequada; para alguns ela é discriminatória em relação aos cristãos fiéis leigos e pode levar a subestimar a consagração raiz que é do Batismo. O fato, porém, é que para efeitos práticos a expressão tomou foros de cidadania. O Sínodo a adotou e também os Círculos, que a tomaram em sentido analógico (cf. Círculo “Francês C”).

A posição de fundo é expressa assim pelo Grupo “Francês B”:

“A consagração fundamental em si é a dos sacramentos antes de tudo a do Batismo, que não requer suplemento algum para que o cristão possa alcançar a perfeição da caridade”.

Qualquer outro tipo de consagração só pode ser compreendido com base nos sacramentos da iniciação cristã e, de modo analógico, em relação àqueles sacramentos.

À luz desse princípio maior, é válido falar-se de uma consagração religiosa e de uma vida consagrada que “qualifica uma vida doada a Deus na seqüela de Cristo, na virgindade e no celibato pelo Reino”. A Igreja já se exprimiu sobre alguns estados de vida que “estão profundamente radicados na consagração batismal e a exprimem com maior plenitude”(SC, 5). “Esses estados de vida implicam ao mesmo tempo uma relação específica com Cristo, com a Igreja e com o mundo.” Em nada diminuem a dignidade das outras vocações de Igreja que têm sua especificidade própria na comum vocação batismal. É nessa chave geral que se discute, nos Círculos, a questão da identidade.

Em todo caso, o desejo dos Círculos é de que tudo isso seja retomado com mais propriedade pela futura Exortação Apostólica. Como dizia, com certo humor, o Cardeal Daneels, o mais deve ser aprofundado pelos teólogos. Alguns deles, na linha da P.C.5,1, acentuam o caráter dialógico da consagração, a ação e resposta da pessoa. Nos Círculos essa dimensão não está ausente, mas não é a principal. A ênfase está na ação e iniciativa de Deus que toma e consagra para si. Essa é, aliás, a perspectiva da “Redemptoris Dominum” de João Paulo II (1 a 84).

1.3. Complementações teológicas desejadas

Há uma preocupação grande em correlacionar melhor consagração e missão. Para o Círculo “Alemão”, a força vital da VC depende essencialmente de sua capacidade de desempenhar missões sempre novas, mesmo “ad Gentes”. O Grupo “Espanhol B” amplia o campo de conexões pedindo que a consagração seja correlacionada inclusivamente com os conceitos da vocação, missão e comunhão. O Grupo “Espanhol C”, dentro da Eclesiologia do Vaticano II, quer que a identidade

da VC e baseie na trilogia mistério-comunhão-missão.

Vários solicitam uma elaboração “mais decisivamente cristológica da natureza e missão da VC” (“Italiano B”). Para o “Grupo Italiano B”, a identidade da VC está em sua “capacidade de se transformar num sinal visível e claro daquela tensão para a radicalidade do seguimento de Cristo, que é ínsita à vocação de cada cristão”, pois “todos os cristãos têm o dever de viver os valores de que são portadores os conselhos evangélicos, mas só quem é chamado os assume como norma de vida”.

A dimensão da “seqüela” é vista como fundamental pelos Grupos “Inglês A” e “Alemão”. Esse último propõe que os conceitos de consagração, carisma e votos sejam aprofundados desde a concepção bíblica de seqüela. Ainda nessa perspectiva cristológica sugere que se explicita a dimensão bíblica de morte e ressurreição e, conseqüentemente, de transformação e de futuro. O Grupo “Alemão” se preocupa também com os conceitos que irão contextualizar a transformação segundo o Evangelho: a profecia, a opção preferencial pelos pobres e a inculturação, seja no sentido teológico e cristológico, seja no da espiritualidade.

A dimensão pneumatológica é assinalada de modo específico pelo Grupo “Espanhol B”. “A ação do Espírito Santo identifica a vida consagrada com Cristo e constitui-a Igreja.” Vê na santidade da VC um “sinal permanente da santidade da Igreja e um chamamento contínuo à vocação universal à santidade”.

Do ponto de vista da eclesiologia, o Grupo “Italiano B” levanta uma questão complexa, ao falar da essência da VC, que é um estado específico, ao lado daqueles do laicado e dos ministros ordenados, faz parte da estrutura da Igreja ou é só uma estrutura da Igreja?

Outro aspecto que aparece diversas vezes em abordagens diferenciadas é o da comunhão eclesial.

Telegraficamente, enunciamos alguns outros aspectos teológicos que merecem maior ressaltado:

- A importância do martírio (“Espanhol C”)
- A questão da dissensão no contexto da obediência (“Inglês A”)
- A natureza e dimensão missionária da Vida Contemplativa (“Inglês A”)
- A Comunidade e seus elementos constituintes (“Inglês C”)
- O carisma como um dos princípios teológicos englobantes (“Espanhol C”)
- A “Kenosis” e o lugar da cruz (“Francês C”)
- A contribuição da espiritualidade e teologia do Oriente (“Francês E”)
- A espiritualidade e a cultura da comunhão (“Italiano A”)
- A antropologia teológica da VC (“Alemão”).

2. Alguns itens mais práticos

O problema do “status” dos “Irmãos” nas Congregações de sacerdotes e não sacerdotes foi um assunto presente em todos os Círculos. Houve uma unanimidade quanto à necessidade de ser dada aos “Irmãos” a possibilidade jurídica de acesso a todos os cargos dentro das Congregações “mistas”, resguardadas apenas as exigências atinentes à jurisdição nascida da ordenação sacerdotal. Pediu-se que se façam alterações no nível das atuais normas canônicas, de acordo com a sensibilidade de hoje, o caráter de cada Instituto e a vontade do Fundador.

Igual unanimidade encontrou a questão das religiosas de clausura. As modificações solicitadas vão em três direções: que se ponha fim à desigualdade entre as normas prescritas para os homens e as mulhe-

res, cessando a dependência dessas últimas em relação aos primeiros; que as próprias Irmãs possam assumir as decisões em função das necessidades de suas próprias Congregações com seus objetivos, tradições e carismas; que se reveja o previsto na “Venite Seorsum”.

A crise de vocações repercutiu no Sínodo. Ela afeta principalmente os países de velha cristandade afetados pela secularização, mas tem um raio maior de influência. Sua fenomenologia é diferenciada, por exemplo, no Leste Europeu, que vem de uma longa perseguição, e nos Estados Unidos cuja VC apresentava uma extraordinária consistência na primeira metade do século. O Círculo “Inglês B” se preocupa especialmente com as comunidades em extinção. Para o “Inglês C” é urgente formar leigos aptos a darem continuidade às obras mais essenciais que os Religiosos(as) não poderão mais assumir. O Grupo “Alemão” insiste sobre a via da associação dos leigos às Congregações. Outros lembram os movimentos eclesiais.

Em uma perspectiva análoga, alguns trazem à baila a Pastoral Vocacional. Essa deve ser sensível à cultura e basear-se na consulta à Igreja Local. Ressaltou-se a importância do cultivo atento das vocações femininas, premidas por circunstâncias especiais (“Italiano B”).

3. Uma questão especial

As “novas famílias religiosas” representam algo de realmente novo, não tanto para o hemisfério sul quanto para os países do Norte europeu e (menos) Estados Unidos. Daí se ramificam e expandem para os demais países. O próprio Papa, em uma alocução dirigida ao grande público, menciona com otimismo e aprovação o surgimento desse fenômeno, tornado possível com a evolução teológica e pastoral do Concílio. O anseio de aprofundar essas “novas formas” de VC foi generalizado. O

Grupo "Alemão" teme que essas formas sejam apressadamente incorporadas à "Vida Consagrada". A tendência é caminhar com cuidado e paciência, sem ver nelas uma alternativa ou substituição à VC tradicional que bem as pode iluminar com a sabedoria acumulada ("Círculo Francês B"). Os critérios e encaminhamentos apresentados na 1ª fase por Bispos como Dom Serafim (de Belo Horizonte) e o Cardeal Martini (de Milão) foram referendados. O Grupo "Francês B" acentua a ligação com a Igreja Local.

Parece que a resistência quase incontornável às "novas famílias" reside na extensão do conceito de consagração aos membros casados dos institutos. Fica, por vezes, difícil também diferenciar os novos movimentos dos Institutos Seculares, cujo estatuto já está bem definido. Quando a ênfase das novas famílias é colocada fortemente na missão, uma possível confusão de limites se dará com as Sociedades de Vida Apostólica que não são clericais.

4. Desafios da Missão e Areópagos

4.1. Uma das perguntas levantadas pelo Cardeal Hume para os Círculos dizia assim: "Para responder aos desafios da missão nos novos areópagos, que iniciativas devem ser discernidas e favorecidas no nível diocesano e nacional?" A pergunta, se contextualizada na "2ª Relatio" do Cardeal Hume, é extremamente complexa. Tem a ver com aquele quadro religioso complexo e em mutação do qual fala a "Redemptoris Missio" (nº 32), no qual a Missão "ad Gentes" guarda o seu valor, mas que faz a Missão se confrontar com mundos e fenômenos sociais novos, com áreas culturais em erupção e com os areópagos da modernidade (R Mi 37 b,c). Para os Círculos essa pergunta suscitava dificuldades, pois cada um dos Grupos de discussão era marcado por forte heterogeneidade interna.

Teologicamente, os círculos nada acrescentavam ao que já estava na "Relatio" sobre a Igreja segundo sua natureza missionária (Capítulo IV da Relatio). A contribuição dos Círculos foi mais de cunho pastoral. Teve como ponto de referência a questão da inculturação e das culturas, que foram objeto de uma outra pergunta do Cardeal Hume.

Três cenários culturais surgiram com maior evidência. O da modernidade, antes de tudo. A VC encontra sérias resistências na moderna cultura europeia. Daí decorre uma dupla urgência, segundo o Círculo "Alemão": a de ter sensibilidade a essa cultura e de permanecer fiel às origens da VC enquanto experiência de Deus. Em relação à cultura da modernidade (e/ou da pós-modernidade), a VC deve ser, simultaneamente, sinal profético de contraste, ao denunciar a imanência dessa cultura e sua pretensão de autonomia sem limites, de posse e de violência e, também, sinal cognoscível da Boa Nova do reino nesse tempo de deserto. Os Conselhos evangélicos professados pelos Consagrados são expressão dessa postura de oposição e afirmação e representam, assim, uma contribuição e um dado concreto da inculturação do Evangelho nas novas culturas. Mas também o cenário dos abandonados e excluídos é relembrado. O Grupo "Espanhol B", mesmo ressaltando que é o mundo hodierno que deve ser salvo e no qual nos devemos santificar, menciona expressamente as populações e as culturas aborígenes e os grupos afro-americanos da América Latina, como constituindo "um desafio particular à Igreja, que torna necessária a ação múltipla da vida de vanguarda". O Grupo "Inglês A" fala mais genericamente da Missão "em favor dos pobres". Vários Círculos, descendo ao real, enumeram os grupos sociais mais abandonados que devem receber a solidariedade primeira da VC, como, por exemplo, "os refugiados e os trabalhadores emigrantes" (Círculo "In-

glês A"). Preocupam a esse Círculo também as famílias, as mulheres, os jovens, os sexualmente explorados, os doentes de Aids etc. Um terceiro contexto cultural é representado pelo Leste Europeu com seus países recém-saídos de um regime totalitário e anti-religioso. No Leste Europeu, afirma o círculo "Alemão", a VC não deve ser empregada de modo apressado na pastoral e, sim, renovada desde a raiz, segundo seu carisma".

4.2. Areópagos

Os círculos aceitam a descrição que João Paulo II faz dos areópagos. Acrescentam, porém, que não se trata de simples constatação e sim de "tarefas e apelos", de "provocações providenciais", as quais estão exigindo da Igreja e da VC a elaboração de uma "pedagogia dos sinais dos tempos". A atitude só pode ser de confiança pois "o primeiro a dar resposta é o próprio Espírito Santo" (Grupo "Italiano B"). O anúncio do Evangelho nesses areópagos deve se integrar na grande tarefa da Nova Evangelização (Grupo "Espanhol C"), mediante a qual a Igreja deve fazer-se "presença nos espaços onde se decidem os modelos culturais e sociais, nos centros urbanos, no mundo dos jovens, da ciência, da técnica e da comunicação" (ibd.). À Comunicação é dado especial relevo, devido ao seu impacto na cultura atual. "Evangelizá-las é responder ao secularismo" (Grupo "Inglês A").

O Círculo "Espanhol B" pensa que já há uma presença de Igreja nos areópagos mais ou menos significativa e qualificada. Para o Grupo "Espanhol B", o pressuposto básico é o de uma revigorada e autêntica vida cristã "para convencer, deve-se viver". Os meios existem e são até abundantes, porém, mal aproveitados. O Círculo "Francês A" considera o testemunho coletivo da pobreza e o uso adequado dos bens a serviço da Missão como um pressuposto. Para

o Grupo "Italiano A", a Hierarquia tem seu papel nessa entrada da Igreja em dois espaços. A mesma opinião aparece no Grupo "Francês B", que faz algumas outras propostas relativas ao empenho da VC nesse âmbito:

- "é necessária uma disponibilidade particular para a formação e o acompanhamento espiritual, perante a presença crescente das seitas;
- "deve-se ter em particular consideração a cultura, o ensino e a educação;
- "deve-se prestar atenção especial aos jovens, aos deficientes, ao ambiente dos hospitais e ao pessoal sanitário, aos responsáveis políticos e sociais".

O Grupo "Inglês A", ampliando a visão, menciona o diálogo inter-religioso.

5. Inculturação

Esta palavra teve largo curso durante todo o Sínodo. Já o Sínodo Africano, realizado na mesma aula, havia dado amplo destaque ao termo. Foram inúmeras as pistas e grandes os questionamentos suscitados. O Grupo "Espanhol A", no entanto, concluía ser insuficiente a análise da natureza, das exigências e dos procedimentos relativos à inculturação da VC. O que se augura é que o Santo Padre retome, sistematize e aprofunde toda a questão em sua Exortação pós-sinodal.

De um modo geral todos os Círculos acataram a perspectiva adotada pelo Cardeal Relator. Viram a inserção da VC nas culturas como uma meta e uma obrigação. A encarnação do Verbo foi tomada como parâmetro teológico exemplar. A credibilidade e o futuro dependem, diz o Grupo "Francês C", da radicação do Evangelho em cada cultura, especialmente no caso dos jovens e dos países novos. Para o Grupo "Espanhol B", "a realidade atual desafia e espera resposta"; essas decorrem de "uma

fidelidade dinâmica aos carismas de cada instituto" (Grupo "Francês C").

A inculturação é entendida amplamente. Diz respeito tanto aos estilos de vida e modos de pensar e expressar-se quanto, pela outra vertente, à impregnação das culturas e povos com os valores do Evangelho, voltado para uma transformação pascal. Algumas indicações já presentes no Instrumento de Trabalho encontraram acolhida nos Círculos. Os parâmetros, exigências e convicções sobre os quais o Instrumento alicerça o processo de inculturação (cf. Instrumento 93 e 94) são um exemplo. O Grupo "Espanhol B" ressalva, no entanto, que não se deve pensar o processo inculturativo com demasiada preocupação sistematizadora. A inculturação, em analogia com a própria vida, não pode ser planejada de antemão. Seu crescimento é lento e difícil, além de espontâneo e progressivo.

Quanto à VC os Círculos dizem ser ela, em si mesma, evangelizadora das culturas, sempre que expressão da "vivência genuína do próprio carisma e realizada, além disto", com grande amor e verdadeira estima pelo povo com quem e por quem se vive. (cf. Instrumento nº 94). Se não se seguem as leis internas à própria VC, essa pode facilmente perder a identidade e até mesmo o espírito cristão (Grupo "Espanhol A"). Alguns Círculos reconheceram o esforço realizado e o êxito de alguns Institutos Missionários que se abriram às culturas sem absolutizá-las (Francês C). O caminho por eles escolhido foi o de conhecer a cultura, a língua e a tradição antes de iniciar a obra apostólica. Desta maneira seu trabalho missionário se tornou parte do diálogo entre o Evangelho e as Culturas ("Inglês C").

O Círculo "Italiano B" enfrentou a questão da inculturação nas culturas modernas secularizadas e democráticas. Reconhece como positivo o esforço de apro-

ximação e de diálogo já feito, mas preocupa-se com a mundanização da mentalidade e com as dificuldades ao apelo vocacional aos quais dá origem. No caso da mentalidade democrática com seus aspectos positivos quanto ao respeito à pessoa, à comunicação e ao exercício da autoridade, o ponto de interrogação maior seria o da prática partida da obediência cristã. Essa supõe e só se torna possível "em espírito de fé, ou seja, com uma referência ao Absoluto de Deus e à atitude obediente de Jesus Cristo".

O Grupo "Francês B" enfatiza a importância da formação pessoal no processo de inculturação. "Uma sólida formação pessoal e um bom conhecimento da cultura, para discernir os pontos básicos e os aspectos a serem purificados, parecem ser as exigências prévias de todas as iniciativas deste gênero." Seguindo um raciocínio semelhante, o Grupo "Espanhol B" afirma a necessidade de uma formação inculturada como pré-condição para uma pastoral vocacional e ulterior perseverança dos vocacionados.

6. Mútuas relações e suas tensões

Logo no segundo dia útil do Sínodo, as intervenções veementes dos Bispos da América Latina (D. Romer, do Brasil, e Dom Castrillón, da Colômbia) fizeram surgir o temor de que o Sínodo pudesse tornar-se palco de tensões e acusações. Outro foi, porém, o rumo pelo qual se enveredou, criando um clima de cordialidade e de objetividade da discussão em torno das chamadas "mútuas relações" entre o Episcopado e a Vida Consagrada (ou, mais propriamente, talvez, a Vida Religiosa).

A tônica dos debates e a posição à qual chegaram os Círculos estão resumidas na do Grupo "Inglês C":

"O Grupo pediu um diálogo e uma colaboração mais profundos entre os Reli-

giosos e os Bispos. Onde não existem as estruturas para o diálogo, deveriam ser criadas a todos os níveis. Elas são sinais do Reino, além de serem necessárias para resolver problemas quando estes surgem. A VR deveria ser estudada nos Seminários, para que o clero a possa compreender melhor, e os sacerdotes religiosos deveriam ser encorajados a participar na vida diocesana, também no Conselho Presbiterial”.

O Documento “Mutuae Relationes” parece ter beneficiado a compreensão e a colaboração entre Bispos e Institutos de VC. Ele “pode ter mais necessidade de ser posto em prática do que de ser atualizado” (Grupo “Francês B”). No entanto, a atualização do Documento é sugerida por vários Círculos que descem até pontos particulares de uma possível revisão (ex: Grupo “Inglês D”). Para esse último Grupo, “é importante concentrar-se não sobre o poder, mas sobre o valor intrínseco de um processo consultivo e participativo”.

Há uma contestação de fundo, confirmada, aliás, no Brasil por uma recente investigação junto aos Bispos (2), a de que em geral, as mútuas relações “são boas e se estão a realizar muitas coisas boas: ignorá-lo poderia ser motivo de desencorajamento para muitas pessoas (Grupo “Espanhol A”). Constatar esse dado não implica cerrar os olhos à existência de problemas e tensões que não são redutíveis apenas ao fator pessoal. Um ponto ressaltado pelos Bispos é o apontado pelo Círculo “Francês A”:

“Os religiosos, por seu lado, nem sempre têm em consideração as prioridades apostólicas das Igrejas locais. Urge, em parte, uma colaboração de todos para a única missão”.

O mesmo princípio da “unicidade da missão da Igreja”, a sua eficácia e credibilidade, através do empenho comunitário é ressaltado pelo Grupo “Italiano A”. Esse

mesmo Grupo desenvolveu, além disso, alguns elementos fundamentais para o que chama de “uma espiritualidade e uma cultura de comunhão”. Vê nesses elementos uma realização tanto operativa como estrutural de comunhão:

“De modo particular, deve-se notar, em nível operativo, como comunhão e colaboração são fortemente condicionadas pela existência, ou não, da Igreja local, de uma pastoral de conjunto, cujos programas e planos exigem a aplicação de todas as forças eclesiais...”

Em mais de um Círculo, às vezes em um contexto diverso do das relações mútuas, surgiam com força a vocação e o papel dos leigos. Após a “Chisti Fidelis Laici”, as “Mútuas Relações” precisam ser redimensionadas nessa perspectiva. De uma relação bipolar ela deve passar a ser tridimensional. Inúmeras vezes, ao longo do Sínodo, emergiu a necessidade da comunhão integral de ministérios, dons e carismas no contexto da diversidade e complementaridade das distintas vocações básicas no seio do único e mesmo Povo de Deus, chamado à comunhão para a missão e a profecia (cf. Círculo “Italiano B”).

7. O papel das Mulheres Consagradas

O Cardeal Relator formulou uma pergunta pregnante e direta sobre este argumento: “De que maneira poder-se-ia conceder maior responsabilidade às consagradas tanto na vida da Igreja, quanto nas decisões que se referem à sua vida?” A pergunta, como se vê, dá por seguro o fato e a necessidade e quer saber o como.

Os círculos partem do mesmo pressuposto. A “questão da situação e da responsabilidade da mulher na VC diz respeito à “visibilidade e à credibilidade da própria VC e do Evangelho vivido no contexto dos atuais progressos culturais e antropológi-

cos" (Grupo "Alemão). A Igreja precisa ser "profética e estimulante" perante a sociedade civil a respeito da dignidade, do papel e da missão da mulher" (Grupo "Espanhol B"). Mais do que obter cargos de maior responsabilidade, o que importa é "fazer de modo que todos reconheçam a realidade feminina no desígnio, e sua função na criação, no mistério salvífico de Cristo e na missão da Igreja" (ibid). "Trata-se de concretizar a antropologia cristã da igualdade" ("Francês C").

São formulados princípios e critérios de fundo: "O princípio que deveria guiar a ação eclesial: Todos os leigos, homens e mulheres, consagrados ou não, têm acesso a todos os ofícios e a todas as instâncias da Igreja, que não exigem a ordenação" (Grupo "Francês A").

Dever-ser-ia tender para a igualdade de princípio entre homens e mulheres" (Grupo "Alemão").

Um caso particular no qual se insitiu neste princípio da igualdade foi o da clausura e outras normas das contemplativas.

Quanto às responsabilidades a serem assumidas pelas Consagradas, o Grupo "Inglês B", muito britanicamente, diz que sua contribuição se intitula: "Considerai seriamente a voz das mulheres". Para esse Grupo é mais o caos de as discriminações e preconceitos do que de uma "ação afirmativa" dos direitos femininos na comunidade eclesial.

Numa perspectiva semelhante, o Grupo "Espanhol B", embora concedendo o direito, alude à existência de "resistências" dentro da Igreja quanto à assunção, por parte das mulheres, de responsabilidade, cargos e funções, até os níveis mais elevados.

Ao mesmo tempo reconhece-se que não se está mais na estaca zero. Eis três manifestações expressivas:

"O Grupo enumerou muitos modos, através dos quais as religiosas já estão en-

volvidas nos processos deliberativos da Igreja, e foi sugerido que o Sínodo proceda de maneira semelhante. Alguns desses modos são os seguintes: elas redigem as Constituições de suas Congregações; servem nas Chancelarias diocesanas; trabalham na Cúria Romana; servem como Vigárias para a vida consagrada; são destinadas aos Hospitais como Capelães e às Paróquias como administradoras; atuam como ministras da comunhão. Aquilo que se discute é o desejo de as mulheres colaborarem com as autoridades da Igreja sobretudo nas questões que lhes dizem respeito. Isto não deveria ser considerado como uma concessão, mas como um modo através do qual as mulheres podem contribuir com os próprios dons, diversos daqueles dos homens" (Círculo "Inglês B").

Em particular, o Círculo quis ressaltar o papel excepcional das Religiosas em determinados contextos "missionários" e na instância... "de garantir a dimensão moral da cultura, isto é, a dimensão de uma cultura digna do homem da sua vida pessoal e social" (Círculo "Italiano A").

"As mulheres deveriam desempenhar um papel ativo na liturgia, na jurisdição quando for possível, e nos movimentos que promovem as mulheres" (Círculo "Inglês C").

Com base nesses passos já dados que dizem respeito mais aos países do Ocidente e do Norte, são feitas várias outras sugestões:

- que as próprias mulheres tomem consciência de seu valor e vocação (Círculo "Espanhol A")
- que sua formação seja adequada para ajudar assim a superar certas desconfianças ("Espanhol C")
- que o Sínodo diga uma palavra autorizada sobre a VC feminina (Círculo "Italiano B")
- que se considere a possibilidade de conferir às mulheres os ministérios

instituídos (leitorado e acolitado)
(Círculo "Italiano B")

— que homens e mulheres tenham na Igreja mais consciência de sua igualdade com vistas a uma necessária colaboração (Círculo "Inglês C")

Outros assuntos

Devido à maneira como as perguntas

foram formuladas pelo Cardeal Relator, certas questões muito fundamentais quase não tiveram evidência nas respostas dadas pelos Círculos, embora mencionadas aqui e ali de modo indireto.

Lembramos três que irão aparecer com mais clareza nas proposições finais: a opção preferencial pelos pobres; o ecumenismo; o diálogo inter-religioso e a missão "ad Gentes"; a formação.

DIÁRIO DE UM PADRE SINODAL

Pe. Camilo Maccise, ocd
Prepósito Geral dos Carmelitas Descalços
Roma/Itália

A Vida Consagrada é um carisma necessário à Igreja.

Deve ser vivido em comunhão com a Igreja, sintetizando vitalmente consagração e missão. Ele se alimenta e se fortalece na escuta atenta da Palavra de Deus.

Eleito pela União dos Superiores Gerais (USG), participei na IX Assembléia Ordinária do Sínodo dos Bispos, que teve como tema de estudo-reflexão *A vida consagrada e sua missão na Igreja e no mundo*. Ao término do Sínodo, quis fazer um balanço da Assembléia, a partir das notas que fui tomando durante o desenvolvimento. Não se trata de um *Diário* propriamente dito, nem este artigo pretende ser uma *Crônica* do acontecido. Desejo somente destacar alguns pontos e dar um julgamento global desse acontecimento da vida da Igreja.

I. OS SÍNODOS, INSTRUMENTOS DE COLEGIALIDADE E COMUNHÃO

Para entender o presente Sínodo, seu sentido e seus alcances, é necessário recordar brevemente o que em si mesma é esta estrutura pós-conciliar de consulta e co-responsabilidade.

O Sínodo dos Bispos nasceu no terreno fecundo do Concílio Vaticano II. Foi o Papa Paulo VI quem o instituiu em 1965, respondendo aos desejos dos Padres conciliares, para manter vivo o bom espírito nascido da experiência da colegialidade episcopal. A partir de então, o Sínodo prestou grandes serviços ao Concílio na aplicação e desenvolvimento de suas normas e orientações. Instrumento de colegialidade, o Sínodo é também instrumento de comunhão na Igreja. De fato, a palavra mesma "sínodo" expressa, etimologicamente, a idéia de "caminhar juntos".

Participam das Assembléias sinodais os Bispos dos diferentes países do mundo, como delegados eleitos, na proporção relativa ao número de membros que compõem a Conferência Episcopal de cada nação. Também participam, como membros do Sínodo, dez Superiores Gerais sacerdotes, eleitos pela União de Superiores Gerais (USG) e confirmados pela Santa Sé. O Papa nomeia outros participantes e auditores e auditoras.

II. A PREPARAÇÃO DE UM SÍNODO

O primeiro passo da preparação de um Sínodo é a consulta que se faz ao Episcopado Mundial sobre possíveis temas para o Sínodo, que tem suas Assembléias Ordinárias a cada três anos. Ao opinar sobre esse ponto, é necessário que se tenha como critério o caráter universal do tema, sua atualidade e urgência pastoral. O Papa realiza a escolha final do tema de Assembléia, depois de consultar o Conselho da

Secretaria do Sínodo e de ser informado do resultado da pesquisa.

Uma vez realizada a escolha do tema, a Secretaria Permanente do Sínodo convoca um grupo de especialistas no tema escolhido e os encarrega de redigir um documento, chamado *Lineamenta* (Grandes linhas), que é enviado às Conferências Episcopais para que consultem as Igrejas locais e manifestem suas reações, sugestões e respostas aos diferentes aspectos do *Lineamenta*. Esta consulta dura cerca de um ano.

Ao terminar o prazo estabelecido para enviar as respostas às *Lineamenta*, o Conselho da Secretaria Permanente do Sínodo se reúne para estudá-las e à luz delas preparar, com a ajuda de uma Comissão, o *Documento de Trabalho* para o Sínodo, chamado em latim "*Instrumentum laboris*". Sua finalidade é ajudar a focalizar a reflexão sobre o tema sinodal. Este texto é enviado aos Bispos e aos membros que participarão no Sínodo e se torna público. Os Bispos delegados e membros do Sínodo estudam o documento para familiarizarem-se com os conteúdos que serão depois objeto de reflexão na Assembléia Geral.

III. A CELEBRAÇÃO DE UM SÍNODO

Um Sínodo, que dura ordinariamente quatro semanas, se desenvolve com uma dinâmica experimentada. Limitada, como toda metodologia, foi pensada para poder permitir o funcionamento de uma Assembléia de mais de 300 participantes.

As etapas da metodologia sinodal são as seguintes:

1. Assembléias Plenárias

As duas primeiras semanas se dedicam, com alguma pequena mudança metodo-

escuta, antes de tudo, a *Relação do Secretário Geral*, em que se descreve o que a Secretaria fez entre o Sínodo anterior e aquele que começa. Em seguida, o *Relator Geral*, nomeado pelo Papa, apresenta o tema do Sínodo por meio do que se chama "*Relação antes da discussão*". É uma panorâmica sobre o tema a tratar, a partir do *Instrumentum laboris*. Esta relação tem a finalidade de ajudar os Padres sinodais a concentrar suas reflexões e suas intervenções sobre os pontos mais importantes e que exigem maior clarificação e aprofundamento.

Terminada a leitura das duas relações, começa a etapa da *discussão aberta*. Esta se realiza por meio de intervenções sobre um ponto determinado do tema, no máximo de oito minutos. O texto escrito da intervenção deve ser entregue à Secretaria, junto com um breve resumo do mesmo, que é publicado no "Osservatore Romano". A ordem de intervenções se estabelece de acordo com a ordem de entrega dos textos na Secretaria.

2. O trabalho dos grupos

Ao final das duas primeiras semanas, conclui-se a etapa de apresentação de temas por parte dos sinodais e começa a etapa de trabalho em grupos lingüísticos. O ponto de partida desta fase o dá a chamada "*Relação depois da discussão*". Trata de escolher, uma síntese rápida, do que se escutou na aula durante as intervenções. À luz da segunda relação, apresentada pelo Relator Geral, os grupos, depois de fazer sua avaliação, respondem a uma série de questões propostas e expressam seus pontos de vista. Examinam-se os novos horizontes, os problemas, as dificuldades da Igreja e do mundo de hoje em relação ao tema do Sínodo.

Os relatores dos grupos apresentam, na Assembléia Plenária, o fruto dessas refle-

LIBRARY

o passo seguinte, que é a redação de propostas que o Sínodo apresenta ao Papa para que ajudem na elaboração de uma Exortação apostólica sobre o tema do Sínodo. As propostas são apresentadas na Assembléia numa lista única. Esta se estuda novamente nos grupos para propor modificações (supressão ou mudanças). Cada um pode apresentar o que julgue conveniente, porém no final devem ser submetidos à aprovação do grupo para serem entregues à Secretaria do Sínodo que, com a ajuda dos relatores dos grupos, prepara a lista final das Propostas, revisadas à luz das modificações pedidas. A apresentação da mesma e os critérios seguidos no exame das modificações se apresenta em Assembléia Geral.

3. A votação final e o fechamento

Ao mesmo tempo, uma comissão prepara um rascunho da Mensagem do Sínodo que, discutido e reelaborado, é submetido à aprovação da Assembléia, ao qual da mesma forma com as Propostas que serão apresentadas ao Papa. Com estas votações e com a eleição dos membros do Conselho da Secretaria Geral do Sínodo (12, 3 por continente: Ásia e Oceania formam um Bloco), encerra-se este. Uma concelebração com o santo Padre conclui, num clima de oração, a celebração da Assembléia sinodal, instrumento de reflexão e de discernimento dos caminhos de Deus na vida da Igreja. Uma concelebração com o Papa marca também a abertura do Sínodo.

IV. AS ASSEMBLÉIAS SINODAIS CELEBRADAS

Há três tipos de Assembléias sinodais: *ordinárias*, *extraordinárias* e *especiais*. Com o presente Sínodo chega a nove o número das Assembléias *ordinárias*. As *extraordinárias* foram duas e as *especiais*,

três. Vale a pena recordar brevemente porque ajudam a situar este Sínodo sobre a vida consagrada.

1. Assembléias Gerais Ordinárias

A *primeira Assembléia Geral Ordinária do Sínodo* aconteceu em 1967 (29 de setembro — 29 de outubro). Os participantes foram 197. Os objetivos deste primeiro Sínodo foram indicados pelo Papa Paulo VI: “a preservação e o robustecimento da fé católica, sua integridade, sua força, seu desenvolvimento, sua coerência doutrinal e histórica”. Um dos resultados do encontro foi a recomendação feita de criar uma comissão teológica internacional para ajudar a Congregação para a Doutrina da fé. Pediu-se também nesta Assembléia que se revisasse o Código de Direito Canônico de 1917.

A *segunda Assembléia Geral Ordinária*, a maior até hoje (30 de setembro — 6 de novembro de 1971), teve como tema central “O sacerdócio ministerial e a justiça no mundo”. Os participantes foram 210.

A *evangelização no mundo contemporâneo* foi o tema da *terceira Assembléia Geral Ordinária*. Participaram dela 209 sinodais. Aconteceu de 27 de setembro a 26 de outubro de 1974. Fruto dela foi a Exortação Apostólica “*Evangelii nuntiandi*”.

De 30 de setembro a 29 de outubro de 1977, com o tema “*A catequese em nosso tempo*”, celebrou-se a *quarta Assembléia Geral Ordinária*. Depois deste Sínodo se publicou a Exortação Apostólica “*Catechesi tradendae*”. Os participantes foram 204.

A *quinta Assembléia Geral Ordinária* teve como tema “*A família cristã*”. Celebrou-se de 26 de setembro a 25 de outubro de 1980. Os participantes foram 216. A partir da discussão sinodal o Papa preparou a Exortação Apostólica “*Familiaris consortio*”.

O tema da *sexta Assembléia Geral Ordinária*, celebrada de 29 de setembro a 29 de outubro de 1983, foi "A Penitência e a reconciliação na missão da Igreja". Os participantes foram 221. O trabalho dos Bispos durante o Sínodo serviu de base para a Exortação Apostólica "Reconciliatio et Poenitentia" que por primeira vez foi chamada documento "pós-sinodal".

A *sétima Assembléia Geral Ordinária* centralizou-se no estudo da "Vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo". Com a participação de 232 pessoas, celebrou-se de 1 a 30 de outubro de 1987. Os trabalhos do Sínodo foram utilizados na redação da Exortação Apostólica pós-sinodal "Christifidelis laici".

"A formação dos sacerdotes na situação atual" concentrou os trabalhos sinodais da *oitava Assembléia Geral Ordinária*, que aconteceu de 30 de setembro a 28 de outubro de 1990. Nela estiveram presentes 238 participantes. A Exortação Apostólica posterior ao Sínodo foi "Pastores dabo vobis".

2. Assembléias Gerais Extraordinárias

Duas foram, até o presente, as Assembléias Gerais Extraordinárias do Sínodo. Estas são convocadas para tratar assuntos que requerem uma solução urgente.

A *primeira Assembléia Geral Extraordinária* tinha como objetivo buscar e examinar maneiras e procedimentos para pôr em prática a *colegialidade dos bispos com o Papa*. Celebrou-se de 11 de setembro a 28 de outubro de 1969. Os participantes foram 146.

Por ocasião do *vigésimo aniversário da conclusão do Vaticano II*, e com este tema de estudo, celebrou-se a *segunda Assembléia Geral Extraordinária*, de 24 de novembro a 8 de dezembro de 1985. Foi uma avaliação do estado de renovação da Igre-

ja. Ao final dela se publicou uma *Mensagem* e uma *Relação final*. Os participantes foram 165.

3. Assembléias Especiais do Sínodo

As Assembléias Especiais do Sínodo dos Bispos se compõem principalmente por membros escolhidos daquelas regiões pelas quais se convoca a reunião sinodal. Houve até agora *três Assembléias Especiais*.

A *primeira* foi a Assembléia Especial do Sínodo para *Holanda*. Celebrou-se em Roma de 14 a 31 de janeiro de 1980. Examinou-se a situação pastoral na Holanda. Os participantes foram 19.

Onze anos depois, aconteceu a *segunda Assembléia Especial*, de 28 de novembro a 14 de dezembro de 1991. Foi uma Assembléia Especial para *Europa*. Seu tema: "Para ser testemunho de Cristo que nos libertou". Os participantes foram 137.

Recentemente, de 10 de abril a 10 de maio de 1994, aconteceu a *Assembléia Especial para África*. Esta foi a *terceira*. Seu tema foi "A Igreja na África e sua missão evangelizadora diante do ano 2000: "Sereis minhas testemunhas" (AT 1,8). Participaram 242 pessoas.

V. O SÍNODO SOBRE A VIDA CONSAGRADA

No dia 30 de dezembro de 1991, o Santo Padre convocou uma Assembléia Sinodal para refletir sobre a vida consagrada. Alguns o consideram como um lógico complemento de tratamento dos estados de vida na Igreja. As Assembléias Ordinárias anteriores, com efeito, haviam tratado do laicado e do sacerdócio, respectivamente.

A resposta da vida consagrada

O anúncio do tema deste Sínodo Ordinário desencadeou um movimento de estu-

do e reflexão de parte da vida consagrada, já antes de serem publicados os *Lineamenta*. A União dos Superiores Gerais (USG) e a União Internacional de Superiores Gerais (UISG) organizaram sessões de aprofundamento e intercâmbio. A USG dedicou três de suas assembleias semestrais a analisar, com ajuda de peritos, os temas da identidade, da comunhão e da missão. Porém, sobretudo, organizou um Congresso Internacional sobre a Vida Consagrada, que se celebrou em Roma de 22 a 27 de novembro de 1993. Nele participaram 520 pessoas entre Superiores e Superiores Gerais, membros de Conselhos Gerais, Presidentes de Conferências nacionais de religiosos(as) da vida consagrada. Fruto do Congresso foram a publicação de um volume "*Carismas na Igreja para o mundo*" *A Vida Consagrada hoje*, editado em quatro línguas e as Convicções e Propostas dos Superiores Gerais, apresentadas à Secretaria Permanente do Sínodo.

Publicados os "Lineamenta", as pessoas consagradas estudaram o documento e responderam às questões que se propunha. Em relação a outros Sínodos, a porcentagem das respostas foi das mais elevadas: 66,05%. Só foi superado pelos Sínodos de 1974 sobre a Evangelização (74,38%) e pelo de 1977 sobre a Catequese (67,18%).

Um "Instrumentum laboris" esperançoso

Um motivo de esperança neste período de preparação para o Sínodo se constituiu no "Instrumentum laboris", documento preparado à luz das respostas dadas aos "Lineamenta".

O "Instrumentum laboris" parte da realidade da vida consagrada no momento atual, com suas luzes e sombras. Em seguida, na segunda e terceira parte, faz uma reflexão teológica sobre sua missão dentro de uma Igreja de comunhão. Termina com a apresentação dos desafios que se apre-

sentam à luz dos sinais dos tempos e das exigências de uma nova evangelização. O método mais existencial (ver, julgar e agir) e o "Instrumentum laboris" despertaram interesse e entusiasmo diante do Sínodo.

Obtém-se uma maior participação de consagrados e consagradas.

Nesta etapa de preparação para o Sínodo pediu-se ao Santo Padre e se obteve que participassem da Assembleia sinodal, além dos 10 Superiores Gerais, eleitos pela USG, segundo o regulamento sinodal, um maior número de consagrados, incluindo não-sacerdotes, e especialmente de religiosas. Elas constituem 72,5% da vida consagrada. Ao final, dos 349 participantes (o maior número até agora presente), 21 foram Superiores Gerais (10 eleitos pela USG e 11 nomeados pelo Santo Padre), 16 deles participaram como membros com voz e voto; e entre "ajudantes" da Secretaria e "auditores(as)" 35 homens consagrados e 59 mulheres consagradas. Outros dados estatísticos interessantes são: entre os participantes havia 9 que tinham participado em todas as sessões do Vaticano II. Os Bispos religiosos deste Sínodo foram 75. Pela primeira vez participavam em um Sínodo 96 sinodais.

Invocando a ajuda do Senhor

Para discernir os caminhos do Senhor na história se requer a ajuda de Deus. Só o Espírito torna a Igreja capaz "de perscrutar a fundo os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho, de forma que, adaptando-se a cada geração, possa a Igreja responder aos perenes anseios da humanidade sobre o sentido da vida presente e da futura e da mútua relação entre ambas"¹.

Unidos ao Santo Padre, vínculo de comunhão da Igreja, tivemos uma solene concelebração eucarística de abertura no domingo 2 de outubro, na basílica de São

Pedro. Essa Eucaristia renovava a experiência da presença do Senhor que nos acompanha em nossa busca e, ao mesmo tempo, nos fazia tocar com a mão a universalidade da Igreja. Estávamos ali cristãos de todo o mundo, unidos pela mesma fé, o mesmo Senhor, o mesmo batismo.

A cada dia, durante as duas primeiras semanas, antes de iniciar as Assembléias Plenárias matutinas, todos os sinodais nos uníamos no canto de Tercia. Depois da leitura do texto da escritura, tinha-se uma breve reflexão espiritual por parte de um dos participantes. Antes das sessões da tarde rezava-se em comum a antiquíssima oração "Adsumus" (Aqui estamos), que foi utilizada no Vaticano II. Ao final das sessões recitávamos o Angelus, recordando o mistério da Encarnação do Filho de Deus e a colaboração humana expressa em Maria, "sinal de consolo e de esperança certa" em nosso caminhar pelo mundo. Quando o trabalho acontecia em pequenos grupos lingüísticos, iniciava-se da mesma forma, num ambiente, mais reduzido e familiar.

A Eucaristia de encerramento nos reuniu novamente na Basílica de São Pedro, no sábado 29 de outubro. Ali novamente tivemos a Eucaristia concelebrada com o Papa e participada por religiosos, religiosas, sacerdotes, leigos do mundo inteiro. Demos graças a Deus pela graça do Sínodo, que nos coloca novamente no caminho de uma renovação que volta às origens da vida consagrada, porém aceita também, com fidelidade criativa e madura, os desafios dos sinais dos tempos.

Uma refeição fraternal com o Santo Padre veio a completar o banquete eucarístico e a projetamos em direção ao banquete celeste do Reino, que Jesus nos prometeu e que devemos antecipar na criação de um mundo mais justo, mais humano e mais fraterno.

Unidos ao redor de Pedro

Outra experiência sinodal que deixa sua marca é, sem dúvida, a presença do Sucessor de Pedro em todas as Assembléias Plenárias. Compreende-se assim sua função de conservar a comunhão e a unidade na diversidade. O Papa João Paulo II esteve presente em todas as Assembléias Plenárias. Sua presença era próxima e familiar. Com senso de humor fazia com frequência breves comentários no princípio e no final das sessões. Assim, no primeiro dia, prevendo, sem dúvida, que o uso da latim nos discursos oficiais ia ceder lugar às línguas vivas, disse: "hoje o latim superou o inglês". Em outra ocasião, caminhando apoiado em sua bengala, ao chegar em seu lugar comentou: "e sem dúvida, se move", aludindo à famosa frase de Galileu, porém aplicando-a à sua situação de convalescência. "Onde estão meus cardeais", perguntou na Assembléia quando, depois do descanso, alguns não voltaram à sala.

Além desse contato cotidiano e familiar, todos os participantes do Sínodo tivemos a possibilidade de almoçar ou jantar uma vez com o Papa. Nós éramos chamados em grupos de 6 a 10 da mesma língua. O almoço ou jantar serviam para que o Papa tivesse um diálogo mais próximo e pessoal com cada um. Perguntava pela Congregação a que se pertencia, sobre sua situação, fazia comentários em um ambiente sereno e fraternal.

Um ambiente de fraternidade crescente

O Sínodo foi uma experiência da Igreja comunhão. Uma comunhão na diversidade. À medida que se avançava em seu desenvolvimento, podia-se constatar uma crescente cordialidade. As discussões e o intercâmbio de pontos de vista se realizavam respeitosamente. Nos primeiros dias, algumas intervenções duras e agressivas de

26
pessoas marcadas por experiências negativas, que não conseguem superar, criaram um pouco de desconcerto. Porém, sem dúvida, prevaleceu a serenidade, sem que isso signifique que não se ouviram até o final juízos negativos e fortemente críticos sobre a vida consagrada e seus problemas e dificuldades.

Contudo, a possibilidade de falar entre nós de modo informal nos momentos de descanso e de maneira próxima e pessoal nos grupos de trabalho foi revelando pouco a pouco o caminho que tínhamos de percorrer para chegar a um entendimento nascido da aceitação das diversas perspectivas e preocupações. Percebi como, na realidade, busca-se o bem e a verdade. Não faltam, certamente, pessoas demasiado polarizadas, porém a imensa maioria, posso afirmar, está aberta ao diálogo e à confrontação séria e serena. Nas Assembléias Plenárias houve sempre liberdade de expressão. Cada um pôde escolher o tema sobre o que queria intervir e se respeitou sempre a ordem de inscrição para a apresentação dos temas e para as discussões nos grupos lingüísticos.

Pude comprovar como é acertada e atual a exortação do concílio ao diálogo na Igreja e fora dela:

“A Igreja, em virtude da missão que tem de iluminar a todo o mundo com a mensagem evangélica e de reunir um só Espírito a todos os homens de qualquer nação, raça ou cultura, se converte em sinal de fraternidade que permite e consolida o diálogo sincero.

“Diálogo este que requer, em primeiro lugar, que se promova no seio da Igreja mútua estima, respeito e concórdia, reconhecendo todas as legítimas diversidades, para abrir, com fecundidade sempre crescente, o diálogo entre todos que integram o Povo de Deus, tanto os Pastores como os demais fiéis. Os laços de união dos fiéis são muito mais fortes que os motivos de

divisão entre eles. Haja unidade no necessário, liberdade no duvidoso e caridade no todo”2.

As limitações de uma metodologia

A metodologia do Sínodo foi pensada, sem dúvida, para poder levar adiante uma Assembléia tão numerosa. Não se pode, normalmente, nas sessões plenárias, intervir para aclarar alguns pontos ou questionar afirmações feitas nas intervenções. O trabalho nos grupos permite uma discussão e um intercâmbio mais frutuoso.

Não é fácil ver de que maneira se poderia melhorar a primeira etapa, que dura duas semanas, de intervenções de oito minutos para os membros do Sínodo e de seis minutos para os auditores ou auditoras. O único que podia talvez modificar a ordem das exposições. Em lugar de passar de um tema a outro, poder-se-ia, talvez, ordená-los por capítulos da *Relação antes da discussão*. Colocar juntas todas as que abordem o mesmo tema. Não se pode, de fato, construir um mosaico pondo as peças que o compõem em forma desorganizada, uma aqui e outra lá.

Os grandes temas do Sínodo

Já na celebração do Congresso Internacional de Vida Consagrada (novembro de 1993), alguns temas se destacaram no momento atual em uma perspectiva de futuro. O tema da diversidade dos carismas e a necessidade de relê-los a partir de uma fidelidade criativa. A urgência de uma renovação a partir de uma nova espiritualidade. A importância da formação inicial e permanente. O papel da mulher consagrada.

A íntima união entre consagração, comunhão e missão. As novas formas de vida consagrada. As relações numa Igreja de comunhão. A inculturação. O profetismo da vida consagrada e a nova evangelização.

No Sínodo voltaram a aparecer as intervenções dos sinodais. Estas intervenções nós poderíamos agrupar da seguinte maneira:

a. Intervenções que descreveram a *situação da vida consagrada* num país ou numa região. Houve de todo tipo: laudatórias do que foi feito no passado e do que se faz no presente; fortemente críticas e recriminatórias das atitudes dos consagrados em sua relação com a hierarquia e em sua ação pastoral. Passava-se aqui facilmente de um extremo ao outro na apreciação da vida consagrada. Pedia-se maior docilidade e disponibilidade para integrar-se na pastoral de conjunto, sem ter em conta a diversidade dos carismas ou se pedir diálogo e colaboração não só na execução, mas também na elaboração dos planos de pastoral de conjunto nas Igrejas particulares. Questionavam-se atitudes “desviadas” dos consagrados ou se confessava que, graças a eles, funcionavam as coisas em muitos lugares. Falou-se também de como se encontra a vida consagrada nas diversas partes do mundo: vitalidade, vocações, liberdade religiosa, formação, colaboração entre diversos Institutos, desafios que se apresentam. Atenção especial mereceu a situação da vida consagrada no Leste europeu ou nos países que sofrem opressão.

b. Intervenções de *caráter teológico*. Aqui tocavam-se diferentes aspectos da teologia da vida consagrada. Falava-se de sua identidade a partir das diferentes teologias. Pediam-se definições claras do que é e o que implica ser consagrado na Igreja. Discutia-se sobre o profetismo da vida consagrada, seu sentido e seus alcances; sobre a união dos diversos elementos que a constituem; sobre o sentido da fidelidade ao carisma, do seguimento de Jesus e da dimensão pneumatológica e eclesial da vocação à vida consagrada. Não faltaram vozes que se perguntavam sobre o que é específico da vocação à vida consagrada em relação às outras vocações da Igreja.

c. Intervenções que relacionavam a vida consagrada com *diversos aspectos da vida da Igreja e da sociedade*. Neste grupo estiveram, especialmente, os temas tratados pelos Prefeitos ou Presidentes dos diferentes Dicastérios Vaticanos. Assim, falou-se da vida consagrada, da liturgia e dos sacramentos, a vida consagrada e o ecumenismo, a “missão ad gentes”, a santidade canonizável, a família, os leigos, o diálogo inter-religioso, a cultura, a educação e as universidades, os meios de comunicação.

d. Intervenções sobre *assuntos internos à vida consagrada*. Entre eles o tema das vocações, do crescente envelhecimento de seus membros em algumas regiões do mundo, a formação inicial e permanente, a espiritualidade, o processo de renovação, os votos, a vida comunitária, o hábito, as constituições. Nesta temática destacaram-se pelo número das intervenções o problema dos irmãos não-clérigos nos Institutos clericais e mistos, o monaquismo e seu papel no passado e no presente, as novas formas de vida consagrada.

Em relação aos irmãos, a maior parte das intervenções foram favoráveis a que se conceda aos *irmãos não-clérigos* todos os direitos, inclusive o de ser superior ou de exercer a autoridade (a exceção daquelas coisas para as quais requer a ordenação sacerdotal).

Do *monaquismo* falou-se com insistência pela presença no Sínodo de monges e monjas ortodoxos ou de outras confissões cristãs, pela participação de muitos representantes da Igreja do leste europeu e pelo fato de que o monaquismo põe em relevo os valores da vida consagrada em si mesma e não nas obras que realiza.

As *Novas formas de vida consagrada* foram objeto de uma análise detalhada e crítica. No sínodo puseram-se em relevo duas coisas: a necessidade de estar abertos em novos caminhos do Espírito, examinando tudo e retendo o que é bom e a

exigência de oferecer critérios para poder discernir a autenticidade das novas formas de consagração.

e. *Intervenções sobre a mulher consagrada e sua missão na Igreja e no mundo.* Mencionou-se a importância que sua presença tem em todos os campos da ação pastoral; a necessidade de que se reconheça e promova seu papel na Igreja com uma participação mais ativa nas estruturas da mesma e com uma formação inicial e permanente que a capacitem para isso. Destacou-se a necessidade de que se aprecie e valorize a perspectiva feminina no campo teológico e pastoral. Em relação com a promoção da mulher consagrada na Igreja e com a necessidade de considerá-la maior de idade, tocou-se no tema de uma necessária revisão das normas atuais da clausura, não para acabar com ela, mas para deixar nas mãos das mesmas religiosas a prática concreta da observância da mesma e para fazê-la mais flexível quando se trata da formação e da colaboração entre os mosteiros, por meio de associações e federações em nível nacional e supranacional.

f. *Intervenções sobre os Institutos seculares e as Sociedades de vida apostólica.* No Sínodo trataram-se algumas questões referentes aos Institutos seculares como forma particular de vida consagrada. Falou-se da sua característica específica que é uma consagração a Deus que procede de seu compromisso com as realidades terrenas. Convidaram-se os Bispos a favorecer esta vocação na Igreja e a permitir a seus sacerdotes ingressar neles, aclarando que os Institutos seculares não podem ser, de modo algum, equiparados aos Institutos de vida religiosa.

g. *Intervenções sobre o tema da missão.* Foi vista de diferentes ângulos: a "missão ad gentes", os novos areópagos, os desafios do mundo de hoje. Estes apresentam novos problemas que exigem respostas novas e criativas no anúncio do

Reino, a partir de uma fidelidade criativa ao carisma do próprio Instituto. Colocou-se em relevo a necessidade de evangelizar todos os âmbitos da sociedade: o social, o político, o religioso, o cultural, o econômico e o conjunto de suas relações, para fazer circular ali a seiva do Evangelho. Convidou-se ao diálogo ecumênico e inter-religioso e a uma melhor distribuição dos religiosos no mundo.

Falou-se de muitas maneiras da importância de utilizar os *meios de comunicação social* na transmissão da Boa Nova. Requer-se uma formação em seu uso para promover os valores evangélicos na sociedade de hoje.

Juntamente com o tema da missão destacou-se a necessidade da *inculturação* da vida religiosa, dada a diversidade de ambientes, raças e culturas e diante da missão da Igreja, para a evangelização de todos os povos da terra. É necessário compreender a inculturação, foi dito, não simplesmente como um ajuste dos costumes, mas como algo mais profundo, que concerne ao carisma, às formas de apostolado, ao estilo de vida, à liturgia, à organização. A necessidade de inculturação afeta também as antigas Igrejas da Europa pela evolução cultural dos últimos decênios.

Finalmente, é necessário destacar no tema da missão a questão do *profetismo* da vida consagrada. Nas intervenções escutaram-se vozes positivas e negativas a respeito. As primeiras faziam perceber a necessidade do profetismo da vida consagrada, enraizado no profetismo de todo cristão. Isto mesmo quando se produzam tensões saudáveis. Outros opinaram negativamente a respeito, insistindo nos critérios para reconhecer o autêntico profetismo: a experiência de Deus como ponto de partida, o amor à Igreja, a aceitação de ser questionado e de sofrer a incompreensão.

h. *Intervenções sobre as mútuas relações entre bispos-religiosos-leigos* numa

Igreja de comunhão. As intervenções neste ponto foram muitas. Nelas se fazia notar que o documento "Mutuae relationes" (1979) sobre as relações bispos-religiosos na Igreja tinha dado muitos frutos. Pediu-se continuar avançando nessa linha guiados por um documento novo que trate das relações entre todos os membros do Povo de Deus: consagrados, sacerdotes, bispos, leigos.

Insistiu-se na utilidade dos organismos de comunicação: comissões mistas bispos-religiosos, conferências de bispos e de religiosos(as) em nível nacional e continental. Também voltou-se a insistir na necessidade de que em todos os Seminários se estude teologia da vida consagrada e nas casas religiosas a teologia da Igreja local.

Chamados para serem enviados, os consagrados estão chamados também a ser testemunhas de Deus no coração do mundo, indo "ao *deserto*" onde não há ninguém, à *periferia*", onde se experimenta a pobreza e se compartilham as necessidades da gente, às *fronteiras*" de situações difíceis onde se correm os riscos do anúncio do Evangelho"³. A partir de uma opção evangélica e preferencial pelos pobres estão chamados a ser artífices e promotores da paz, da justiça e da cultura.

i. Intervenções sobre a *formação* para a vida consagrada. Foi qualificada uma linha conciliar como caminho para a renovação e para poder responder aos sinais dos tempos. Trata-se de uma formação inicial e permanente que deve abarcar o aspecto espiritual, teológico e pastoral da vida consagrada. Há que formar inicialmente sem tirar da própria cultura, porém abrindo aos candidatos a universalidade da Igreja. É importante a comunidade formativa e a formação de formadores.

j. Intervenções sobre a *espiritualidade da vida consagrada*.

Não faltaram na aula sinodal intervenções sobre o sentido e a necessidade de

uma espiritualidade da vida consagrada. Além de assinalar os meios para alimentar essa espiritualidade: leitura e meditação da Palavra de Deus, Eucaristia, Sacramento da Reconciliação, oração, piedade popular... assinalaram-se elementos fundamentais para uma nova espiritualidade da vida consagrada hoje: a espiritualidade dos votos e da vida comunitária como expressões de fé, esperança e amor, a identificação com Jesus Cristo no estilo alternativo de vida, que supõe romper com as seguranças do poder, do saber e do ter e superar a tentação do aburguesamento. Deve-se viver numa atitude permanente de êxodo e conversão para abrir-se aos sinais dos tempos e aos desafios que apresentam, com uma espiritualidade encarnada e sem dicotomias nem reducionismos. Buscando unir o natural e o sobrenatural, o temporal e o eterno, o individual e o social, a imanência e a transcendência. E fazê-lo com uma grande liberdade evangélica (*"paresia"*), que comunica o Espírito, para anunciar as exigências do Reino e denunciar o que se opõe a ele, num compromisso com a justiça e a paz, assumindo os aspectos conflitivos e martiriais, vistos da perspectiva do mistério pascal. Falou-se também de Maria como modelo de seguimento de Jesus e de escuta da palavra e perto das necessidades dos demais.

Uma lista de propostas para um documento papal

Parte da dinâmica dos Sínodos, como já dissemos anteriormente, é que, depois das discussões em grupos, se apresenta ao Papa uma série de propostas, que ajudarão na redação de uma Exortação Apostólica, posterior ao Sínodo.

A última parte do Sínodo se dedicou plenamente em preparar, discutir e modificar as propostas definitivas do Sínodo. Nelas se traduzem, em parágrafos breves e densos de conteúdo, os grandes temas re-

fletidos durante a Assembléia. Temas sobre a vida consagrada, a comunhão e a missão. Até aí chega o Sínodo. As propostas são já, em si mesmas, um ponto de convergência sinodal. Deixarão certamente alguma marca no documento papal, que se elaborará também à luz do *Instrumentum laboris*.

Uma mensagem de alento

Corrigida e decantada, através de uma análise e julgamento sinodal, a Mensagem do Sínodo, dirigida a todos os membros do Povo de Deus, porém especialmente aos consagrados, trata de comunicar a experiência vivida nos dias de graça e comunhão do Sínodo.

Começa com um hino de alegria e de ação de graças a Deus pelo dom da Vida consagrada na Igreja e agradece aos consagrados o testemunho de sua vida segundo os conselhos evangélicos. Constata a riqueza da diversidade carismática na vida de Jesus e os coloca a serviço da Igreja e do mundo.

A vida consagrada, continua a Mensagem, é um carisma necessário na Igreja, que se deve viver em comunhão com ela, a partir da Igreja particular, em uma síntese vital entre consagração e missão, que se alimenta e fortalece na escuta atenta da Palavra de Deus. Deste modo, o consagrado pode viver a dimensão profética de sua vocação.

Continua a Mensagem com um chamado aos religiosos e religiosas das Igrejas orientais, nas quais se conhece as origens da vida consagrada monástica, e as convida à renovação e ao diálogo com as formas monásticas das demais Igrejas cristãs. Conclui com a constatação do compromisso da vida consagrada, partindo da diversidade dos carismas, na nova evangelização, e com uma perspectiva de esperança, que se apóia na presença do Espírito na

Igreja e vê em Maria “a primeira discípula e Mãe de todos os discípulos, modelo de fortaleza e de perseverança no seguimento de Cristo, até a cruz... protótipo da vida consagrada”⁴.

O Sínodo: uma experiência de graça e de comunhão eclesial

Refletindo sobre o acontecimento do Sínodo sobre a vida consagrada, creio que se pode qualificar como uma experiência de graça e de comunhão eclesial.

Antes de tudo uma experiência de graça. Desde sua etapa preparatória, o Sínodo foi experimentado como um momento especial; como um tempo de graça particular, um “kairós” para a vida consagrada. Foi uma oportunidade para uma tomada de consciência de seu carisma e missão, que impulsionou a busca de caminhos de renovação, como resposta ao Senhor da história, que chama aos consagrados a seguirem em uma forma de vida concreta, para serem enviados a serviço dos demais. A iniciativa do Sínodo vem de Deus: “Todo dom valioso, todo presente precioso vem do alto e desceu do Pai das luzes, em quem não há mudança, nem variação nem acaso” (Tg 1,17). Ao mesmo tempo que dom, o Sínodo foi tarefa: reuniões, intervenções, discussões, momentos de convivência e intercâmbio fraternal, busca de caminhos de Deus e da resposta a seus desafios.

Na tensão da diversidade dos carismas, pontos de vista, discussões, viveu-se uma comunhão eclesial capaz de desdramatizar as situações, de distinguir, na maioria dos casos, o essencial do acidental, e de abrir ao diálogo e a novas sínteses. Tocou-se com a mão o divino e o humano da Igreja; sua condição de peregrina na fé e na esperança, santa e pecadora.

Esta experiência de graça e de comunhão passa através de um emaranhado de mediações humanas, onde se fazem pre-

B
I
C
H
S
B
I
C
>
H
O
O

sentas debilidade e a limitação humanas. O Espírito entra silenciosamente na historia da Igreja peregrina e abre caminhos no mar.

Espera-se agora que, como em círculos concêntricos, a experiência sinodal se estenda à Igreja em todo o mundo e seja para os consagrados fonte de um renovado entusiasmo naquele que faz novas todas as coisas.

Ao final do trabalho sinodal, na última sessão plenária, o Santo Padre presenteou

a todos os participantes com uma cruz de prata, como agradecimento pelo trabalho assumido e como sinal também da realidade do mistério pascal na vida da Igreja e na vida consagrada. Nela está expressa a realidade martirial do Povo de Deus e os testemunhos martiriais de todos os membros da vida consagrada em todas as épocas e lugares com o convite de que levem “como fruto maduro, essa santidade que procede de Cristo Jesus, para glória e louvor de Deus” (Fl 1,11).

A PREPARAÇÃO DO SÍNODO

D. Jean Schotte
Secretário Geral do Sínodo

Três anos e nove meses de minuciosa preparação. Todas as instâncias da Igreja se mobilizaram em busca de propostas para questões específicas sobre formas atuais da vida consagrada e, sobretudo, uma nova visão teológica da própria vida consagrada.

1. INICIATIVAS TOMADAS DEPOIS DA VIII ASSEMBLÉIA GERAL (1990) SOBRE A FORMAÇÃO SACERDOTAL NAS CIRCUNSTÂNCIAS ATUAIS

a. A Relação de balanço

Depois da conclusão da VIII Assembleia Ordinária do Sínodo dos Bispos, foi redigida, como habitualmente, uma *Relação de balanço*, para recolher num único documento que viria a ser enviado às Conferências Episcopais tudo aquilo que constitui um testemunho do trabalho realizado no Sínodo.

Nele estão indicados os vários passos da preparação da própria Assembleia, começando pela consulta a respeito do tema sinodal para propor e, sucessivamente, os *Lineamenta*.

Na preparação do *Instrumentum laboris*, a mencionada Relação fez suas as múltiplas iniciativas do Conselho da Secretaria do Sínodo.

Vão incluídos entre os atos preparatórios: a convocação, a designação dos Pre-

sidentes, dos Delegados, do Relator-Geral e do Secretário Especial, as nomeações dos peritos, dos auditores e das auditoras.

No início do Sínodo foram apresentadas relações e efetuados atos comemorativos para o vigésimo quinto aniversário da instituição sinodal.

Sucessivamente, discutiu-se sobre o argumento a propor durante as dezesseis reuniões gerais, seguidas dos trabalhos dos Círculos Menores que se reuniram em treze sessões.

Um empenho bastante longo foi consagrado à preparação das proposições com as relativas votações, que foram um total de 41.

Depois foi redigida a *Mensagem dos Presidentes Delegados aos Padres Sinodais e a Mensagem ao Povo de Deus*, a qual foi proclamada, com um ritual específico, durante a concelebração da Santa Missa de conclusão.

Nele também estão referidas outras iniciativas do Sínodo, ou seja, a renovação do Conselho da Secretaria Geral, as propostas de argumentos para a Assembleia sucessiva, a relação sobre a preparação do *Catecismo da Igreja Católica*, a exposição sobre o status teológico e jurídico das Conferências Episcopais, a promulgação do *Código de Direito das Igrejas Orientais*, as declarações a propósito da disciplina do celibato sacerdotal e das vocações sacerdotais, as audições e as observações processuais.

No final vem referida a conclusão solene da VIII Assembleia Geral, juntamente com a Alocução do Sumo Pontífice João

Paulo II, o qual tinha saudado todos os membros e os outros participantes no Sínodo, a qualquer título, e tinha presidido à solene concelebração eucarística de ação de graças, na Basílica de São Pedro.

Uma vez concluídos os trabalhos, em 2 de julho de 1992, esta Relação foi enviada a quem de direito.

b. A cooperação com o Santo Padre na preparação da Exortação Apostólica pós-sinodal *Pastores dabo vobis*

Entre os dias 9 e 11 de janeiro de 1991, reuniu-se o Conselho da Secretaria Geral respondendo ao convite do Santo Padre para participar na redação da Exortação Apostólica pós-sinodal.

Foram examinados vários aspectos, com o fim de submetê-los à atenção do santo Padre para a Exortação. O resultado foi um amplo e ordenado panorama de argumentos, segundo as intenções das *Proposições* sinodais e as sugestões do próprio Conselho.

A este ponto o Conselho começou a estudar aquelas iniciativas concretas, desejadas pelo próprio Sínodo, para uma melhor formação dos presbíteros.

No segundo encontro do Conselho da Secretaria Geral (27-29 de Maio, 1991), juntaram-se as observações e as sugestões, a fim de as apresentar ao Santo Padre para a redação da Exortação Apostólica pós-sinodal.

De 3 a 5 de setembro de 1991 houve o III encontro do Conselho da Secretaria Geral, durante o qual foram apresentadas outras sugestões relativas à Exortação Apostólica pós-sinodal.

A Exortação Apostólica pós-sinodal *Pastores dabo vobis* foi apresentada aos jornalistas em 7 de abril de 1992, durante

uma conferência de imprensa do Secretário-Geral, na Sala de Imprensa da Santa Sé.

Logo após a sua apresentação, a Exortação *Pastores dabo vobis* teve uma difusão extraordinária. Por ocasião da Quinta-feira Santa foi enviada e recomendada pelo Santo Padre aos presbíteros de toda a Igreja e, sucessivamente, numerosos Bispos entregaram este documento a cada um dos seus presbíteros, durante a liturgia da Crisma e a Santa Missa in Caena Domini.

Muitos sacerdotes quiseram exprimir a sua gratidão ao Santo Padre e ao Sínodo pela Exortação. Não hesitaram em defini-la a "Magna Carta" não somente da formação, mas da própria vida sacerdotal. Quer as Conferências Episcopais, quer a Cúria Romana, utilizaram este documento para redigir programas e documentos. Congressos de estudos e publicações científicas também contribuíram para uma ulterior difusão dos frutos do Sínodo.

Recordamos, com satisfação, que a Exortação Apostólica *Pastores dabo vobis* foi distribuída a todos seminaristas, como uma espécie de vade-mécum para a formação deles, antes e depois da ordenação presbiterial.

2. A PREPARAÇÃO DA IX ASSEMBLÉIA ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS

Em 17 de janeiro de 1992, o Papa João Paulo II convocou a IX Assembléia Ordinária do Sínodo dos Bispos, que viria a ser celebrada no outono de 1994, sobre o tema "A vida consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo".

O intervalo de quatro anos, desde o último Sínodo (e não de três, como seria segundo a lei), foi ordenado pelo Santo Padre, por causa de outros acontecimentos sinodais, isto é, os Sínodos extraordinários para a Europa e para a África.

Para uma preparação mais cuidadosa, nos dias 23 e 30 de janeiro de 1992 houve dois encontros do grupo de trabalho, constituído por peritos e peritas, para reunir os argumentos a apresentar, durante o encontro de 4 a 6 de fevereiro de 1992, aos membros do Conselho da Secretaria Geral em vista dos *Lineamenta*. Durante esse encontro também foram ouvidos alguns Superiores Gerais.

Em 15 de maio de 1992 houve a reunião do "Conselho dos Dezesesseis", na Congregação para os Institutos de vida consagrada e as Sociedades de vida apostólica, para a qual foi convidado o Secretário Geral do Sínodo para ouvir os desejos e os pareceres dos Superiores Gerais.

Durante a VI sessão do Conselho, de 23 a 25 de junho de 1992, os membros recomeçaram a examinar o esquema dos *Lineamenta* para concluir. Além disso, foram levados em consideração os vários modos para associar muitos membros dos Institutos de vida consagrada à reflexão pré-sinodal e à preparação das respostas relativas aos *Lineamenta*.

Os *Lineamenta* foram apresentados pelo Secretário Geral na Sala de Imprensa da Santa Sé, no dia 20 de novembro de 1992.

Alguns dias antes, o texto dos *Lineamenta* tinha sido enviado a todos os destinatários, com o fim de estimular imediatamente a reflexão das Igrejas particulares sobre o tema sinodal "A vida consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo".

Tudo aquilo que está contido nos *Lineamenta* provém das sugestões do Conselho da Secretaria Geral do Sínodo, com a ajuda de peritos, homens e mulheres. De extrema importância é o *Quaestionarium* incluído nos *Lineamenta*, porque o *Instrumentum laboris* se baseia na consulta da Igreja universal e nas respostas, para que seja completo e adequado às circunstâncias atuais, e também para facilitar um melhor aprofundamento do estudo dos Padres Sinodais e da discussão na Sala.

O Secretário Geral do Sínodo, por sua vez, participou no XLIII Encontro Semestral da União dos Superiores Gerais, em 26 de novembro, dedicado ao tema "Os religiosos na comunhão orgânica da Igreja".

Igualmente, em 1993 e 1994, o Secretário-Geral e os seus colaboradores da Secretaria Geral entrevistaram, repetidas vezes, em congressos e encontros com o fim de ilustrar os argumentos e as razões de um Sínodo sobre a vida consagrada; de modo especial, junto da União dos Superiores Gerais (USG), União das Superiores Gerais (UISG) e da Conferência mundial dos Institutos Seculares (CMIS), com os quais foi instaurada uma contínua e fecunda colaboração.

De 28 a 30 de setembro de 1993 houve o primeiro encontro do Conselho e, durante os trabalhos, foi apresentada uma relação do Padre McSweeney sobre o Simpósio da União dos Superiores-Gerais, que se viria a efetuar no mês de novembro sucessivo, sobre o tema da vida consagrada na perspectiva do Sínodo dos Bispos. Os peritos da Secretaria Geral também apresentaram uma análise inicial, mas provisória, das respostas ao *Quaestionarium dos Lineamenta*. O Conselho preparou um esquema para a redação do *Instrumentum laboris*, baseando-se em todas estas informações.

Com particular cuidado se empenhou na redação do *Instrumentum laboris*, seja por parte dos peritos, mas, sobretudo, por parte do Conselho da Secretaria Geral. Para concluir este trabalho, os peritos reuniram-se uma quinta vez no dia 10 de janeiro de 1994, e o encontro do Conselho teve lugar de 9 a 11 de fevereiro de 1994.

O *Instrumentum laboris* foi redigido, tendo como base as respostas chegadas das várias instâncias que têm direito de participar no Sínodo. Foram dadas muitas respostas ao *Quaestionarium dos Lineamenta*, segundo o seguinte quadro:

ORGANISMOS ECLESIAIS	CONSULTADOS	RESPOSTAS
Dicastérios da Cúria	24	9 (37,50%)
Organismos Internac. de VC	3	3 (100,00%)
Igrejas Orientais	12	2 (16,60%)
Conferências Episcopais	109	72 (66,05%)

POR ÁREAS GEOGRÁFICAS	CONSULTADOS	RESPOSTAS
África (44,11%)	34	15
América (66,66%)	24	16
Ásia (88,88%)	18	16
Europa (75,00%)	28	21
Oceania	4	4 (100,00%)

EM RELAÇÃO AOS SÍNODOS PRECEDENTES, PODEMOS APRESENTAR O SEGUINTE QUADRO COMPARATIVO DAS RESPOSTAS CHEGADAS.

1974	Evangelização	74,38%
1977	Catequese	67,18%
1980	Família	50,37%
1983	Reconciliação e Penitência	42,75%
1987	Leigos	59,85%
1990	Formação sacerdotal	63,94%
1994	Vida Consagrada	66,05%

A maior percentagem de respostas, da parte das Conferências Episcopais, foi dada precisamente por ocasião do Sínodo sobre a vida consagrada.

O *Instrumentum laboris* foi publicado na manhã do dia 20 de junho de 1994, quando o Secretário-Geral o apresentou aos jornalistas na Sala de Imprensa da Santa Sé. O documento nasceu das respostas dadas aos *Lineamenta* por várias instâncias autorizadas pela Igreja: Conferências Episcopais, Sínodos das Igrejas dos ritos orientais, Dicastérios da Cúria Romana e União dos Superiores Maiores. Também participaram nas respostas a União das Superiores Gerais e a Conferência Mundial dos Institutos Seculares. A estas respostas juntaram-se aquelas de outros gru-

pos e indivíduos como: Cardeais e Bispos, Conferências nacionais e internacionais de religiosos e religiosas, diversos Institutos de vida consagrada, Sociedades de vida apostólica, Confederações e Federações de mosteiros, mosteiros singularmente, sacerdotes, religiosos e religiosas, virgens consagradas, eremitas, teólogos e irmãos de outras Igrejas e comunidades eclesiais.

Para fazer um resumo do *Instrumentum laboris*, basta acenar que este documento é constituído de quatro partes, com uma introdução e uma conclusão.

Na *primeira parte* fala-se da vida consagrada como se manifesta hoje, com a sua presença na Igreja e no mundo, nas circunstâncias presentes, que variam segundo

as áreas geográficas. Por isso, as circunstâncias concretas propõem questões específicas sobre algumas formas de vida consagrada. Enquanto uma teologia, renovada à luz do Concílio Vaticano II, propõe uma nova visão teológica da própria vida consagrada.

Na *segunda parte* é apresentada a vida consagrada com o seu papel no mistério de Cristo e da Igreja, particularmente no que diz respeito às relações com o Corpo místico de Cristo, à luz da vocação, do seguimento e da consagração requeridos pela comunhão, a missão e o testemunho.

Na *terceira parte* sobressai a vida, na medida em que é vivida na comunhão eclesial: a eclesiologia de comunhão é vista como o fundamento de todos os gestos de vida consagrada, quer nas Igrejas particulares, quer na Igreja universal.

A *quarta parte* considera a vida consagrada no interior da missão da Igreja no mundo, uma vez que urgem cada vez mais os pedidos e os empenhos. A nova evangelização estimula as mentes e as forças e, finalmente, os carismas evangélicos tor-

nam-se, para o mundo, sinais da graça, do testemunho e do serviço.

O documento em questão foi enviado a todos os destinatários em 10 de julho de 1994, em oito idiomas (latim, francês, italiano, inglês, espanhol, português, alemão e polaco), para que os Padres Sinodais tivessem o tempo suficiente para tomar conhecimento dos temas que viriam a ser tratados na Sala. Além disso, visto que, por vontade do Santo Padre, tornou-se público o *Instrumentum laboris*, a Igreja inteira foi chamada a dedicar-se a um estudo ulterior, tendo como prospectiva o Sínodo sobre a vida consagrada.

Pela nona e última vez, nos dias 27 e 28 de julho reuniu-se o Conselho da Secretaria Geral para o último empenho na preparação do IX Sínodo, que consistiu num ulterior exame do já conhecido *Instrumentum laboris*. O Conselho ocupou-se do documento inteiro e das sugestões (que viriam a ser submetidas ao futuro Relator-Geral do Sínodo sobre a vida consagrada) que poderiam revelar-se úteis para redigir a *Relatio ante disceptationem*.

O PRIMEIRO RELATÓRIO SOBRE A VIDA CONSAGRADA

Card. Basil Hume
Westminster/Inglaterra

Não há vida consagrada fora da vida e da missão da Igreja. Só vive se for ramo unido a este tronco. Ela é suscitada pelo Espírito, mas é reconhecida como tal pelos pastores legítimos como estado consagrado a Deus

INTRODUÇÃO

1. Com o olhar de Cristo

Ao jovem que perguntava o que devia fazer para alcançar a vida eterna, Jesus fez uma proposta radical. Segundo a versão de Marcos: "Jesus, fitando nele o olhar, sentiu afeição por ele e respondeu-lhe: Falta-te apenas uma coisa: Vai, vende tudo o que tens, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro no Céu; depois, vem e segue-Me" (Mc 10,21).

Quantas vezes na história da Igreja o olhar amoroso de Jesus pousou sobre pessoas particulares, principalmente sobre jovens! Ao contrário do homem descrito pelos evangelistas, muitos seguiram Jesus na radicalidade dos conselhos evangélicos. Na história da Igreja tornaram-se grupos, ordens, congregações, institutos. Tornaram-se sal e luz para o inteiro Povo de Deus e sinal do amor divino pela humanidade.

Muitos são honrados como santos, isto é, como modelos de vida e intercessores na eternidade. Olhando para esta multidão de pessoas consagradas, que nos precederam no tempo, e para aquelas que nos acompanham nesta peregrinação, com Maria podemos dizer: "A minha alma glorifica ao Senhor, porque me fez grandes coisas o Onipotente". Fez grandes coisas para aqueles que responderam com o seu sim generoso. Fê-las para o seu Povo santo.

Parece-me justo começar esta intervenção introdutória, reevocando a atitude de Jesus e a de Maria sua Mãe, modelo de todos os discípulos. Também nós, reunidos para tratar da vida consagrada e da sua missão na Igreja e no mundo, devemos compartilhar o olhar amoroso de Jesus e a atitude reconhecida de Maria. Só assim compreenderemos o sentido profundo da vida consagrada e encontraremos caminhos e modos, para animar nas circunstâncias atuais da Igreja e do mundo.

2. A assembléia sinodal no caminho eclesial

A assembléia geral ordinária do Sínodo dos Bispos tornou-se uma etapa regular e importante da Igreja desde o Concílio Vaticano II, um ato de colegialidade episcopal sobre aspectos de interesse comum para a Igreja universal, um momento de discernimento e de animação pastoral em favor da comunhão e da vitalidade do inteiro Povo de Deus. O tema da presente assembléia situa-se em continuidade com

as duas assembleias gerais precedentes: a de 1987 sobre a vocação e missão dos leigos, e a de 1990 sobre a formação dos sacerdotes nas circunstâncias atuais.

Desde que o Santo Padre, em 30 de dezembro de 1991, indicou-lhe o tema: "De vita consecrata deque eius munere in Ecclesia et in mundo", a preparação tornou-se solícita e intensa na Igreja inteira. O texto dos *Lineamenta*, publicado em 24 de novembro de 1992, serviu de estímulo à reflexão feita pelas Conferências Episcopais, e em particular pelas pessoas consagradas e pelos seus organismos nacionais e internacionais. Multiplicaram-se os estudos, os encontros e os congressos sobre o tema. O resultado desta ampla consulta e desta reflexão articulada foi sintetizado no *Instrumentum laboris*, que constituiu o ponto de referência, de algum modo a ordem do dia, das intervenções e dos intercâmbios da presente assembleia. Ele dá um amplo panorama da vida consagrada como se apresenta hoje, situa-a no mistério de Cristo e da Igreja, na dinâmica da comunhão eclesial e no serviço à missão da Igreja para o mundo.

A presente *Relatio ante disceptationem* quer ajudar os Padres sinodais e os auditores a concentrarem as suas reflexões e intervenções sobre o tema geral e, em particular, sobre aqueles pontos que devem formar o objeto de aprofundamento, em vista dos objetivos da própria assembleia sinodal. Nela fazemos referências constante ao *Instrumentum laboris*, para facilitar o confronto e o estudo dos temas. Ela tem três partes. A primeira delinea a responsabilidade dos Bispos em relação à vida consagrada e os objetivos deste mesmo Sínodo. A *Segunda* recorda alguns aspectos daquilo que é a vida consagrada, na sua unidade e diversidade. A *terceira* detém em alguns desafios a respeito da vida consagrada hoje.

PARTE I

FUNÇÃO DO COLÉGIO APOSTÓLICO EM RELAÇÃO À VIDA CONSAGRADA

3. Função apostólica e carismas

Estamos aqui para tratar da vida consagrada enquanto Sínodo dos Bispos e, portanto, acima de tudo como pastores unidos ao Papa. A realidade da vida consagrada diz-nos respeito e faz parte do nosso dever episcopal. Com efeito, somos pastores de cada uma das Igrejas que nos foi confiada e de todos os membros que a compõem.

A Igreja é corpo místico de Cristo, o que indica a simultânea unidade e diversidade dos seu membros. É comunhão fundada sobre os sacramentos, sobre os ministérios e sobre os carismas (cf. *Instrumentum laboris* [=IL], 67). Entre estes ministérios e carismas, o episcopal é fundamental e ocupa o primeiro lugar, porque efetua e exprime a função de Cristo-cabeça (cf. *Lumen gentium* [LG], 21). O *Instrumentum laboris* sintetiza esta doutrina nos números 67 e 75:

"Note-se, porém, que é próprio do carisma apostólico da ordem dos ministros sagrados exercer, dentro dessa estrutura sacramental e institucional, especialmente no grau do Pontificado supremo e do Episcopado, uma função proeminente e específica em relação a todos os demais carismas. Por isso, a autoridade eclesiástica no seu múnus de santificação, de magistério e governo, discerne e regula o exercício de todos os carismas, para manter a unidade de toda a comunhão. Tal serviço, na fidelidade ao Espírito, deve ser praticado, em nível universal e particular, no respeito e na promoção da especificidade de cada carisma e função" (IL, 67).

"Na Igreja que lhe foi confiada, o Bispo é o princípio visível e o fundamento de

unidade, na fé, na caridade e no apostolado, em virtude do dom excelente que recebeu do Espírito. Pertence ao ministério do Bispo ser o aperfeiçoador e o guia do Povo de Deus. Vivendo a caridade pastoral, o Bispo deve ser mestre, promotor e exemplo da perfeição cristã para os leigos, para os presbíteros, seus colaboradores, e para os que se consagram pela profissão dos conselhos evangélicos, cada um segundo a sua vocação. Para desempenhar esta função, é conferido ao Bispo um poder de governo ordinário, próprio e imediato, que exerce diretamente sobre todos os fiéis, de qualquer categoria, que esteja na sua Igreja, salvaguardada a justa autonomia dos Institutos de vida consagrada" (IL, 75).

Esta função do episcopado sobre a vida consagrada se deduz também da dimensão eclesial desta. Não há vida consagrada, com efeito, fora da vida e da missão da Igreja. Ela é suscitada pelo Espírito para o bem do Corpo místico de Cristo, é reconhecida e erigida pelos pastores legítimos como estado consagrado a Deus, só vive se for como ramo unido ao tronco, participa na missão confiada à Igreja (cf. IL, 41).

4. Tarefas dos Bispos em prol da vida consagrada

A vida consagrada, portanto, diz-nos respeito diretamente. Mas qual é o papel dos Bispos em relação à vida consagrada? Alguns verbos usados pelo *Instrumentum laboris* podem guiar-nos. É tarefa do episcopado em comunhão com o Romano Pontífice e de cada Bispo na sua respectiva diocese reconhecer, apreciar, discernir, tutelar, promover e harmonizar.

a) Primeiro dever do Bispo em relação à vida consagrada é *reconhecê-la e apreciá-la*.

"O Bispo, por seu lado, terá que reconhecer e apreciar a vida consagrada pelo que ela é na Igreja e por todos os serviços que presta do ponto de vista pastoral. As-

sim, a Igreja particular será constituída, segundo a sua natureza, como verdadeira comunhão orgânica" (IL, 75).

É preciso apreciá-la por aquilo que é e não por aquilo que faz, por aquilo que é no plano de Deus e não só pelas suas realizações humanas, na sua originalidade e variedade, nas suas alegrias e nos seus sofrimentos. A vida consagrada tem um valor em si para a Igreja e incide sobre a sua vida e missão, para além da eficácia do contributo dado às obras.

b) O Bispo, depois, deve *tutelar*, isto é, proteger a vida consagrada, das insídias internas e externas, dos desvios e vexames, da marginalização e auto-exclusão. Por isso, "compete à hierarquia eclesial regular com sábias leis a prática dos conselhos evangélicos" (LG, 45).

c) Deve também *favorecer e promover* a vida consagrada nas suas diversas formas: "garantindo, com a sua solicitude, que os Institutos cresçam e floresçam segundo o espírito dos Fundadores" (MR, 8; LG, 45).

Creio que neste Sínodo seja necessária, da nossa parte, uma maior reflexão sobre a importância da vida contemplativa e do papel que ela desempenha na Igreja e para a Igreja. Devemos pensar também na vida monástica e sobretudo na sua especificidade. A vida monástica mesma é uma forma antiquíssima de vida consagrada, que não só interpela os jovens de hoje, mas se encontra também na Igreja da tradição tanto ortodoxa como católica.

d) O Bispo deve também *harmonizar* os diversos carismas e funções, favorecendo-lhes a comunhão e o bem comum, em particular no que se refere à coordenação pastoral, respeitando as finalidades e o espírito próprio dos Institutos (cf. IL, 61; 73; 77-78).

e) Para desempenhar este serviço, o Bispo é chamado a *discernir* a variedade e fidelidade dos diversos carismas, não só

no momento inicial da sua aprovação, mas também nas etapas da sua evolução em nível diocesano, tal como faz a Santa Sé em nível universal.

O papel do Bispo em relação à vida consagrada estende-se, portanto, para além da programação pastoral. Ele é pastor e guarda também das pessoas consagradas e do dom da vida consagrada, de modo diverso, conforme se trate de Institutos de direito pontifício ou diocesano ou isentos (IL, 81-83). *De re nostra agitur!* O dom da vida consagrada feito à Igreja é confiado, portanto, ao nosso cuidado e à nossa caridade pastoral. Após dezesseis anos da publicação de *Mutuae relationes*, qual é a nossa experiência neste campo? O que é que deve ser estabelecido e melhorado quanto a isto?

5. A graça e os objetivos do Sínodo

Esta assembléia sinodal é a ocasião propícia para avaliar o passado e, ainda mais, para preparar o futuro. Nela exercemos estas tarefas do nosso ministério de unidade e de promoção da vida consagrada. Dela, “os protagonistas são, em primeiro lugar, os Bispos em comunhão com o Santo Padre João Paulo II, na sua qualidade de pastores e guias de perfeição na fidelidade ao carisma de cada Instituto, atentos ao Espírito Santo e às inspirações e instâncias da Igreja no que concerne aos Institutos de vida consagrada e às Sociedades de vida apostólica e exercendo uma especial função de discernimento e de orientação pastoral. Com eles, participarão alguns representantes dos Superiores Gerais” (IL, 1). Está presente também um número notável de pessoas consagradas, na qualidade de auditores e auditoras. O contributo deles será decisivo durante o Sínodo, como foi muito importante na sua preparação.

Todas as pessoas consagradas acompanham esta reunião episcopal com profundo interesse, com grandes expectativas e com humilde oração. Sabem que o Sínodo é obra colegial dos Bispos à volta do Santo Padre. Estão contentes por que os Bispos, seus pastores, reflitam sobre a vida consagrada e procurem no discernimento vias para a animar. Estão desejosos de colaborar para essa obra, mediante uma renovação ainda mais radical e uma comunhão ainda mais profunda.

O Sínodo é um momento de graça para o inteiro Povo de Deus, para a vida consagrada em particular, e de modo especial para nós aqui presentes e responsáveis pelo seu desenvolvimento e bom êxito. Concluindo esta primeira parte, quereria recordar quais me parecem ser as finalidades e os objetivos deste Sínodo.

a) Ele deve, antes de mais, contribuir para *fazer com que a Igreja inteira e, em particular, os seus pastores entendam, apreciem e acolham a vida consagrada* como é querida pelo Pai, suscitada nas suas múltiplas formas pelo Espírito, a fim de tornar visíveis os aspectos mais característicos da vida e da missão de Cristo (cf. IL, 1 e 43). É preciso fazer reconhecer e fazer apreciar este dom que Deus concede à sua Igreja e dar graças por ele. Deste modo, poder-se-á promover uma comunhão eclesial mais profunda e favorecer uma missão mais dinâmica e criativa, que corresponda às prementes necessidades de salvação, ao aproximar-se o terceiro milênio.

b) O presente Sínodo deverá, além disso, *promover a vida consagrada* na sua autenticidade teologal, eclesial, apostólica e missionária, com um retorno, às fontes de graça das quais promana, no confronto com os desafios e as expectativas do mundo contemporâneo. Por esta razão, será preciso discernir os apelos do Espírito à Igreja e à vida consagrada, e descobrir os caminhos justos para exercermos a nossa

função específica em relação a ela. Só assim a vida consagrada se tornará cada vez mais “fermento evangélico e evangelizador das culturas do terceiro milênio e dos ordenamentos sociais dos povos” (IL, 2; cf. 95).

c) A promoção da vida consagrada autêntica poderá *facilitar a sua expansão qualitativa e quantitativa*. A Igreja tem em toda a parte necessidade de vocações e de comunidades de vida consagrada, porque “ela, como tal, pertence intrinsecamente à natureza da Igreja” (IL, 67).

“A celebração do Sínodo (...) constitui um momento importante de discernimento e de encorajamento para a vida consagrada e para o seu futuro; um futuro que se abre à esperança no Deus da história e no Espírito Santo, que conduz a Igreja à plenitude da verdade e da vida do Evangelho” (IL, 111).

PARTE II

DOM MULTIFORME DA VIDA CONSAGRADA

6. A noção de vida consagrada

“O Sínodo propõe-se promover uma reflexão sobre a vida consagrada à luz do plano de Deus (...), na grande riqueza das suas expressões históricas e da herança dos seus santos” (IL, 2). A compreensão do termo e sobretudo da realidade “vida consagrada” não é prevista. Com freqüência é um conceito genérico e redutivo. Nos últimos anos a reflexão sobre ela foi facilitada por uma sua maior inserção na vida da Igreja, pelos conceitos intercongregacionais e pelo confronto entre as suas diversas expressões, e também pelos estudos específicos no quadro da teologia.

7. Variedade da vida consagrada

A vida consagrada mostra-se, antes de mais, como um fenómeno diversificado e

rico. Ainda que numericamente minoritário é qualitativamente significativo para a Igreja. Em termos estatísticos ela representa só 0,12% dos membros da Igreja católica (cf. IL, 8).

a) A variedade emerge antes de tudo de um quadro histórico:

“Manifesta-se viva na Igreja a memória histórica da vida eremítica, monástica, religiosa e apostólica, que surgiu primeiro no Oriente com a consagração das virgens cristãs a Deus, com os anacoretas e com os cenobitas (...). Na continuidade da história, graças à criatividade do Espírito e em resposta às necessidades dos tempos, surgiram também outras formas, como os cônegos regulares e os Institutos de vida religiosa, contemplativa e apostólica de várias espécies (ordens mendicantes, clérigos regulares, congregações religiosas, clericais e laicais, institutos missionários). Mais recentemente a Igreja reconheceu a vida consagrada no mundo, que é característica dos Institutos seculares. A estas formas se associam as Sociedades de vida apostólica, caracterizadas pela sua específica finalidade apostólica e missionária” (IL, 11).

As novidades de vida consagrada na história não são substitutivas das formas precedentes, que em geral continuam a enriquecer as comunidades eclesiais ou que, por vezes, ressurgem com novo vigor (cf. IL, 13). Ainda hoje continuam a aparecer novas formas.

b) A grande variedade emerge também de um *olhar sobre a situação atual*.

“Existem hoje cerca de 1.423 Institutos religiosos femininos de direito pontifício e 1.550 de direito diocesano. Dos Institutos religiosos masculinos, cerca de 250 são de direito pontifício e 242 de direito diocesano. São cerca de 165 os Institutos seculares de direito pontifício ou de direito diocesano, tanto de sacerdotes e clérigos mas-

culinos, como laicais masculinos e femininos. Existem, também, cerca de 39 Sociedades de vida apostólica de direito pontifício. A estes junte-se um número crescente de virgens consagradas, viúvas e viúvos consagrados, eremitas de ambos os sexos e outros grupos que se aprestam a receber um reconhecimento canônico.

O Sínodo dos Bispos, pela sua natureza universal, terá que ter em conta um panorama tão vasto e complexo” (IL, 5).

Esta variedade de Institutos e de formas não é uma réplica incolor do mesmo modelo. “Cada Instituto e forma de vida consagrada distingue-se pela sua natureza específica, pela sua missão e pelo seu carisma” (IL, 6).

c) Existem depois diversidades em relação ao estado de vida. A maioria das pessoas e dos Institutos é formada por *chistifideles laici* consagrados, “embora não sejam “leigos” segundo a índole própria dos que vivem no século” (IL, cf. 8). Os *chistifideles laici* consagrados clérigos (cf. IL 70) constituem uma minoria. A vida consagrada é 82,2% laical, e só 17,8% é constituída por presbíteros ou diáconos.

d) O quadro variado da vida consagrada não pode esquecer a distinção entre *homens e mulheres*. Estas últimas constituem a maioria, com 72,5% dos efetivos (cf. IL, 8; 12). Elas oferecem sensibilidade, valores e modalidades próprias (cf. IL, 20; 88; 101).

e) Segundo a variedade das famílias de vida consagrada há modalidades, questões e *problemáticas diversas*. O *Instrumentum laboris* evoca assim as questões ligadas a algumas formas de vida consagrada: Institutos de vida contemplativa, irmãos em Institutos religiosos laicais e em Institutos clericais, Institutos seculares, virgens e viúvas, eremitas (homens e mulheres), Sociedades de vida apostólica, comunidades novas (nn. 30-38). Outras categorias

têm questões específicas, como os sacerdotes religiosos ou membros de Institutos seculares.

f) Depois existem diversidades provenientes do *contexto cultural, religioso, social e organizativo*, no qual os consagrados vivem e trabalham (cf. IL, 27-29). Certas características, desafios e problemáticas específicas estão, por conseguinte, mais ligados aos contextos culturais e eclesiais do que às raízes carismáticas dos Institutos. Tais diferenças emergiram nos últimos anos na América Latina, na América do Norte, em África, na Ásia e na Europa ocidental e oriental. Estas grandes tendências regionais merecem uma atenção especial, também por causa dos influxos que podem exercer.

g) Por fim, a vida consagrada situa-se no caminho pós-conciliar da Igreja inteira e nas rápidas mudanças do mundo moderno (cf. IL, 14-26). Não se podem, portanto, entender certas evoluções e certas situações sem as situar no contexto global.

No Sínodo, é preciso que estejamos conscientes desta variedade, mas também desta riqueza oferecida pelo Espírito à sua Igreja. Não podemos ocupar-nos das coisas particulares ligadas a poucas pessoas e lugares, porém, o concreto e o particular podem fazer emergir situações e tendências significativas num determinado contexto cultural. Ainda que “sejam muitas as respostas que manifestam o desejo de se dar um tratamento específico a cada uma das formas de vida consagrada e soluções adequadas aos seus problemas, mesmo locais” (IL 6), a Assembléia Sinodal deverá realizar “um amplo diálogo em todas as questões de índole universal e pastoral” (IL, 6).

8. Teologia da vida consagrada

A autocompreensão e a teologia da vida consagrada evoluíram ao longo da história, por causa da visão eclesiológica e das

várias experiências e acentuações carismáticas (cf. *IL*, 44). O Concílio Vaticano II favoreceu abordagens novas, dando origem a uma teologia renovada da vida consagrada (cf. *IL*, 39-40; 47) e dando impulsos novos à sua renovação (*IL*, 14-15). Ainda que o seu impacto não tenha sido nem retilíneo nem uniforme, “todos esperam do Sínodo um encorajamento para prosseguir no sulco traçado pelo Vaticano II” (*IL*, 15).

A categoria teológica agora considerada mais adequada para exprimir a variedade, a riqueza e a unidade interna da vida consagrada é a dos carismas. O termo pode ser usado *em sentido genérico*, “o carisma da vida consagrada”, para indicar todas as formas de vida consagrada, e *em sentido específico*, para indicar a síntese unitária, dos vários aspectos de cada Instituto particular.

9. O carisma da vida consagrada no seu conjunto

O termo carisma usado de modo inclusivo e genérico designa todas as formas de vida consagrada, que no seu conjunto constituem um estado ou uma ordem de vida diferente dos leigos e dos ministros sagrados (cf. *IL*, 67). Pode servir para indicar algumas características comuns da natureza da vida consagrada. Nestes anos o magistério determinou claramente os elementos fundamentais, que constituem a vida consagrada, o significado e as expressões do seu caráter profético, que não deve ser reduzido à esfera do socioeconômico e do político. Parece-nos útil, ao contrário, recordar algumas características comuns, que estão na base da compreensão e da renovação da vida consagrada: a sua origem pneumatológica, o seguimento de Cristo, a eclesialidade e a consagração.

10. Vida consagrada como dom do Espírito

O Espírito está na origem de todos os dons hierárquicos e carismáticos (cf. *IL*,

41). Os carismas da vida consagrada são originados e renovados pelo Espírito, que provê à Igreja segundo as necessidades dos tempos (cf. *IL*, 11; 37; 41; 45-46; 50; 86). “O Espírito Santo opera a renovação de todo o Povo de Deus, revigorando as formas de vida já existentes e suscitando outras, em resposta às necessidades da Igreja numa continuidade histórica” (*IL*, 37). Este liame de dependência vital da vida consagrada em relação ao Espírito ressalta a necessidade da relação dos consagrados com o mesmo Espírito e da prioridade da espiritualidade, isto é, da disponibilidade e maleabilidade à sua ação (cf. *IL*, 86).

11. Vida consagrada como seguimento de Cristo

Cristo está no centro da vida consagrada. O seguimento d’Ele é a norma fundamental que lhe qualifica a identidade (cf. *IL*, 40; 43; 48; 68; 111). Em relação às outras formas de seguimento, próprio de toda a vida cristã, ele especifica-se na prática dos conselhos evangélicos (cf. *IL*, 48,51). A diversidade das formas de vida consagrada e, por conseguinte, dos carismas, “depende da relação com o mistério e a missão de Cristo, que cada Instituto vive e proclama, em sintonia com a índole própria de cada família, e que se caracteriza com uma espiritualidade e apostolado específicos” (*IL*, 11). Ao desenvolver um texto da *Mystici corporis* de Pio XII, o Concílio viu na vida consagrada uma apresentação dos vários aspectos da vida de Cristo (cf. *LG*, 46). “O seguimento do discípulo, que procura imitar Cristo e viver de forma especial algumas das suas palavras, foi-se mostrando aos poucos, sob a ação do Espírito Santo, como um Evangelho aberto no tempo e no espaço, um Cristo majestoso, que se torna presente na Igreja através dos carismas dos santos” (*IL*, 43; cf. 44).

12. A eclesialidade da vida consagrada

A *eclesialidade* é outro elemento qualificante da vida consagrada: “Não se podem conceber adequadamente o mistério, a comunhão e a missão da Igreja sem a compreensão da vida consagrada, como, por outro lado, esta não pode ser compreendida e vivida se não estiver radicada no mistério, na comunhão e na missão eclesial” (IL, 2; cf. 39; 41; 46; 67; 111).

A eclesialidade da vida consagrada não se manifesta, antes de tudo, em relação às atividades que ela realiza na Igreja, mas qualifica-se sobretudo pela sua natureza intrínseca. Tomando como ponto de referência a *LG*, nn. 43-44, o *Instrumentum laboris* afirma: “A consagração pela profissão dos conselhos evangélicos, como forma estável de vida, pertence à essência do mistério da Igreja, que sem ela não seria manifestada nem atuada na sua plenitude; como tal, pertence intrinsecamente à natureza da Igreja, embora as suas várias formas institucionais mudem com o tempo e até possam desaparecer” (IL, 67).

O mistério da Igreja é mistério de santidade e de santificação. A Igreja tem a missão de santificar o mundo. O dom da profissão dos conselhos evangélicos é para a santidade, tanto de quem recebe esse dom como para a santidade da Igreja inteira. Como afirma a *LG* 44: “Portanto, o estado constituído pela profissão dos conselhos evangélicos, embora não pertença à estrutura hierárquica da Igreja, está contudo inabalavelmente ligado à sua vida e santidade”. Podemos dizer que o estado dos conselhos evangélicos se situa e se compreende sobretudo na ordem da vida intrínseca da Igreja, do seu mistério mais profundo que consiste na comunhão com Deus, na imitação de Cristo, sob a ação do Espírito Santo, e ao mesmo tempo na resposta de santidade que a Igreja é chamada a dar ao seu Senhor, na perfeição da lei do

amor. Daí deriva o apelo constante à santidade (IL, 45; 66-67; 96; 110).

13. A consagração especial da vida consagrada

Existem várias formas de consagração (cf. *LG*, 44-45; *PCh*, 5). O batismo é a consagração primeira e fundamental (cf. *IL*, 41; 50), sobre a qual se prolongam as consagrações especiais ou novas, quer através de um sacramento (ordem sagrada, matrimônio e confirmação), quer mediante um rito eclesial especial como para a profissão dos conselhos evangélicos. Em cada uma das consagrações há quatro elementos ou dimensões complementares, e assim na consagração da vida consagrada:

- a consagração divina, dada pela vocação e pela intervenção de Deus, sancionada por um rito eclesial;
- a consagração pessoal: é a resposta de quem é chamado, que reconhece o dom e nele se empenha;
- a consagração objetiva: é o estado de vida derivante do dom aceito;
- a consagração funcional: é o múnus, isto é, o lugar, a função ou a missão da vida consagrada na Igreja.

O *Instrumentum laboris* assim se exprime: “Quando Deus chama, consagra e envia, não faz senão plasmar uma personalidade nova, tornando-a capaz de cumprir a tarefa que lhe quer confiar. O dom dos conselhos evangélicos consiste essencialmente em participar na virgindade, pobreza e obediência própria de Cristo, ou seja, na especial conformação com Cristo casto, pobre e obediente e na iniciação ao seu modo pessoal de viver e agir” (IL, 51; cf. 50). Toda a consagração é conformação com Cristo. A consagração da vida consagrada é conformação com Cristo casto, pobre e obediente (cf. *IL*, 9; 49). Exprime-se e realiza-se na prática dos conse-

lhos evangélicos, mediante os votos ou outros vínculos sagrados (cf. *IL*, 51-55), que comportam uma exigência de radicalidade (cf. *IL*, 21; 55; 96).

14. O carisma específico de cada instituto

Para explicar a diversidade das várias formas de vida consagrada e a peculiaridade de cada Instituto, usa-se o termo carisma em sentido específico. Neste sentido, o carisma implica um modo específico de ser, uma específica missão e espiritualidade, um estilo de vida fraterna e estruturas do Instituto, ao serviço da missão eclesial.

O *Instrumentum laboris* faz uso abundante desta categoria, indicando os seus elementos (cf. 6; 11; 81), aprofundando as suas diversas dimensões (cf. 41-46), colocando-a em relação à Igreja local (cf. 73-77), à inculturação (cf. 94; 102), à comunhão dos vários carismas (cf. 40). Reconhece que é uma chave global de interpretação (cf. 11; 46), que serviu de ajuda válida para a renovação (cf. 23; 34). Por isso, cada Instituto deve aprofundar o núcleo essencial do próprio carisma (cf. 46). Ao Sínodo pede-se uma reflexão renovada sobre a vida consagrada, tendo em conta “a acentuação da sua especificidade e variedade carismática” (4).

O carisma de um Instituto inclui uma *relação originante e vivificante* com o Espírito e uma *experiência de Cristo* privilegiando um seu mistério e/ou um seu ministério.

— Diz uma *relação especial com a Igreja*. Esta sua eclesialidade fundamenta a comunhão e o serviço específico (cf. *IL*, 2; 14; 46; 56; 68; 72-74; 76-77; 110) e postula o seu crescimento em sintonia com o Corpo Místico (cf. *IL*, 45; 110-111).

— *Indica a integração e a síntese dos diversos elementos*, que se influenciam reciprocamente: consagração, espiritualidade, missão, vida fraterna, estrutura.

— *Exige uma continuidade com o carisma do Fundador*. “Assim se exprime uma conhecida passagem da *Mutuae relationes*, na linha de *Evangelica testificatio* de Paulo VI: ‘O próprio carisma dos Fundadores revela-se como uma experiência do Espírito, transmitida aos próprios discípulos a fim de ser por eles vivida, conservada e aprofundada e constantemente desenvolvida em sintonia com o Corpo de Cristo, em perene crescimento’” (*IL*, 45). É portanto em fidelidade ao carisma do Fundador que, “na fiel atuação das disposições legislativas de cada Instituto, deve-se fazer a síntese dos diversos elementos da consagração e da missão” (*IL*, 86; cf. 23; 47; 60-63; 77; 85-86; 97).

15. Identidade da vida consagrada na comunhão eclesial

A vida consagrada na sua multiforme riqueza pode ser entendida e vivida só no interior da comunhão eclesial. A eclesio-logia de comunhão foi de válida ajuda para aprofundar os temas das últimas duas assembleias gerais ordinárias do Sínodo. Deve agora contribuir para uma reflexão aprofundada sobre a vida consagrada na Igreja (cf. *IL*, 2).

A vida consagrada não só é chamada a viver de modo harmônico na comunhão orgânica da Igreja, instaurando autênticas relações de comunhão e de colaboração com os Bispos, os outros Institutos, o clero secular e os leigos (cf. *IL*, 73), mas deve ser-lhe um sinal propulsor. “Na Igreja-comunhão, à imagem da Trindade, a vida consagrada apresenta-se como apelo profético visível da comunhão, que toda a Igreja deve viver desde já e, ao mesmo tempo, como meta definitiva” (*IL*, 57).

Os limites e as dificuldades não faltam, mas existe uma crescente tomada de consciência e uma conseqüente vontade desta tarefa inerente à vocação da vida consagrada.

B
I
C
U
S
S
E
S
T
O
R
I
A

“Cresce nas pessoas consagradas a consciência de que têm de ser na Igreja particular promotoras de comunhão, quer pelo significado da sua consagração na Igreja, como pelo testemunho de universalidade da mensagem evangélica que supera as diferenças de toda a espécie: raciais, culturais, tribais etc.; quer pela sua solidariedade e disponibilidade para com todos, especialmente os mais pobres; quer ainda porque dessa forma se colocam como laço de união entre a Igreja e os grupos marginalizados, que muitas vezes não são atingidos pela pastoral ordinária” (IL, 73).

PARTE III

DESAFIOS À VIDA CONSAGRADA

16. Variedade dos desafios

O Sínodo propõe-se refletir sobre a vida consagrada à luz do plano de Deus e, “ao mesmo tempo, realizar um discernimento dos desafios e expectativas do mundo contemporâneo, em favor dos quais a vida consagrada foi enriquecida pelo Espírito Santo com recursos de graça e de espiritualidade, de operosidade e de criatividade apostólica” (IL, 2).

O desafio é uma situação particularmente importante e provocatória, que requer uma resposta corajosa e, no nosso caso, de acordo com o Evangelho e sob a moção do Espírito. O texto do *Instrumentum laboris* menciona diversos. Na primeira parte são indicados os desafios à vida religiosa apresentados pelo mundo moderno (cf. IL, 16-21). Alguns são característicos de determinadas áreas geográficas (cf. IL, 27-29), outros de formas particulares de vida consagrada (cf. IL, 30-38). Na quarta parte é evidenciado o desafio da renovação espiritual e apostólica (cf. IL, 86), da vocação e da formação (cf. IL, 89), da inculturação (cf. IL, 93), e da nova

evangelização nos vários contextos (cf. IL, 95-96).

Alguns desafios dizem diretamente respeito ao nosso ministério episcopal, em relação à vida consagrada. Outros referem-se à vida consagrada em si, mas sobre os quais o Sínodo deve discernir e dar orientações. Eles estão relacionados de modo evidente. Detenho-me em alguns para chamar a atenção e orientar a reflexão, as intervenções e os intercâmbios, durante a assembléia sinodal.

17. Desafios ao nosso ministério episcopal

Na primeira parte evocamos alguns princípios da nossa responsabilidade em relação à vida consagrada. Nesta linha, exprimo em forma de pergunta dois desafios:

a) Como compreender e fazer compreender a todo o povo de Deus o sentido, o lugar e a missão da vida consagrada na variedade dos seus carismas?

b) Como encontrar vias aptas e modos oportunos, não só para promover verdadeiras relações eclesiais entre os Bispos e os consagrados, mas também para cumprir o nosso dever de pastores em relação à vida consagrada, respeitando a justa autonomia e os diversos carismas?

Não se trata de questões idílicas ou platônicas. Por exemplo:

em *positivo*:

— Como participar com os Institutos de vida consagrada no discernimento para encontrar vias e obras que respondam melhor aos desafios do nosso tempo e no respeito dos vários carismas?

— Como harmonizar novos empenhos apostólicos e a permanência das obras tradicionais ainda necessárias (cf. IL, 97-98)?

- Como discernir e favorecer iniciativas, não só em nível diocesano mas também nacional, para responder aos desafios dos novos areópagos da missão (cf. *Redemptoris missio* (= *RM*) 37-38)?
 - Como encorajar o profetismo nativo da vida consagrada no interior das Igrejas particulares e da cultura, evitando as polarizações e os exageros (cf. *IL*, 8; 15; 57; 64; 71; 73; 77)?
 - Como e quando envolver as pessoas consagradas nos vários organismos de consulta e de decisão?
 - Como ajudar os sacerdotes membros de Institutos seculares e, mais ainda, de Congregações religiosas a integrar o seu ministério, segundo o próprio carisma, numa pastoral de conjunto (cf. *IL*, 70; 77)?
 - Como resolver a questão da participação de irmãos no governo dos Institutos clericais e mistos (cf. *CL*, 32)? Não será necessário rever certas categorias demasiado fixas, tendo em conta os carismas?
 - Como discernir as novas formas de vida consagrada para indicar critérios autênticos de reconhecimento e de promoção?
- em *negativo*, que fazer:
- Perante certos comportamentos refratários à participação eucarística, enquanto presidida por homens?
 - Quando comunidades já não têm superior, nem jurídico, nem sequer efetivo?
 - Quando se pratica a dispersão da comunidade para viver em apartamentos e empenhar-se segundo escolhas pessoais?
 - Quando pessoas consagradas tomam posição pública e divergente da dos Bispos ou do Papa?

— Quando centros de ensino, de publicação ou de atividades caritativas ou pastorais estão em oposição ao magistério?

O horizonte é amplo e o Sínodo é uma oportunidade única para discernir vias pastorais mais adequadas para o caminho da Igreja, a fim de promover a vida consagrada.

18. Autonomia e dependência da vida consagrada

Ao falar da potestade e do cuidado pastoral dos Bispos, o *Instrumentum laboris* tem pontos importantes, tais como: “no respeito e na promoção da especificidade de cada carisma e função” (*IL*, 67), “salvaguardada a justa autonomia dos Institutos de vida consagrada” (*IL*, 75). De fato, o episcopado deve reconhecer a especificidade dos carismas e a justa autonomia de vida e de governo que compete às várias formas de vida consagrada. A este propósito, é oportuno determo-nos no n. 81 do *Instrumentum laboris*. “À luz da realidade carismática e institucional da Igreja, de que a vida consagrada é parte constitutiva, cada Instituto recebe um dom particular do Espírito Santo. A Igreja reconhece aos Institutos uma justa autonomia de vida e, em especial, de governo, graças à qual podem valer-se de uma disciplina própria e conservar íntegro o próprio patrimônio carismático, ou seja, a própria natureza, finalidade, espírito e índole. Pertence aos Ordinários do lugar manter e tutelar essa autonomia, que é depois garantida pelo poder de governar o Instituto, que os respectivos capítulos e os moderadores recebem de Deus mediante o ministério da Igreja. A autoridade dos capítulos e dos superiores procede do Espírito, em comunhão com a Hierarquia eclesiástica, que erigiu e aprovou o Instituto.

“A autonomia é um direito nativo do Instituto, uma vez que é um elemento estruturalmente intrínseco à Igreja. Com efei-

to, na origem do carisma de fundação de um Instituto está a ação do Espírito Santo. A Igreja, ao conferir ao carisma a plenitude de expressão eclesial, assegura a perseverança na sua genuinidade, na base das próprias constituições, legitimamente aprovadas, para que tudo coopere para o bem comum e o dom do Espírito seja mantido vivo na sua genuinidade.

“A autonomia de vida, especialmente de governo, em ordem à conservação do carisma, não se refere só à vida interna, mas também às obras de apostolado, caso contrário o Instituto não poderia realizar a sua finalidade própria e o seu espírito. Essa autonomia é ‘justa’, porque determinada e protegida pelo direito comum e próprio. Bem entendida, portanto, a autonomia de um Instituto é uma aplicação do princípio de subsidiariedade na vida da Igreja, uma vez que é coordenação entre o direito comum e o direito próprio na Igreja” (IL, 81). Contudo, a autonomia não se opõe ao papel próprio dos pastores, mas deve harmonizar-se com ele. Ela conjuga-se com uma justa dependência na comunhão eclesial.

“A autonomia não é independência dos Institutos em relação à autoridade hierárquica; a dependência deve ser vista como o exercício da cura pastoral dos Bispos sobre os Institutos, para o que estes conservem a sua consagração, testemunho e missão da Igreja.

“Autonomia e dependência são duas dimensões em que operam todos os membros e todas as instituições da Igreja, de maneira especial os Institutos de vida consagrada. Não sendo antiéticas, tais dimensões exigem uma harmonização, tutelada pelas leis da Igreja e atuada na caridade, que é a alma da comunhão eclesial” (IL, 81).

“A autonomia e a dependência variam segundo a natureza específica do carisma de fundação do Instituto e do grau de desenvolvimento deste na vida da Igreja, con-

forme o Instituto é de direito diocesano ou de direito pontifício” (IL, 82; cf. 83).

. Disto, entre consagrados e pastores nasce a colaboração, que é expressão e meio de comunhão, que brota da caridade recíproca radicada em Cristo, e que se realiza no respeito mútuo, no diálogo sincero, e na busca da vontade de Deus. Os dois princípios fundamentais que devem dominar tais relações são os do reconhecimento e do respeito, por um lado, da função específica do Bispo enquanto pastor da Igreja particular, e dos presbíteros enquanto seus colaboradores e, por outro, da identidade carismática de cada uma das formas de vida consagrada, como riqueza para a própria Igreja particular.

19. O desafio da espiritualidade

O primeiro grande desafio que se apresenta à vida consagrada refere-se à *espiritualidade*; precisamente porque é o coração da vida consagrada, indica o seu contributo prioritário à Igreja e é a fonte do dinamismo apostólico. Com ela, indica-se a relação pessoal com Cristo através do seguimento, o primado dado a Deus mediante a consagração, a disponibilidade à ação do Espírito. Ela exprime-se na contemplação, na oração, na escuta da Palavra de Deus, na união com Deus, na integração das diversas dimensões da vida pessoal e comunitária, na observância fiel e jubilosa dos votos.

A espiritualidade é necessária à própria vida consagrada, que se radica nela, e da qual nunca pode prescindir. Não há renovação sem um despertar de espiritualidade autêntica. O empenho permanente por toda a vida, que é tão problemático em sociedades variáveis e consumistas, e a fidelidade autêntica aos votos e à radicalidade evangélica, só se podem realizar num clima de espiritualidade forte e sadia. Dedicamo-nos definitivamente a Deus na vida consagrada, não confiando no eu va-

riável ou numa instituição humana, ou sob o modelo da sociedade civil e segundo as leis sociológicas, mas depondo a própria confiança no Senhor fiel e misericordioso. Esta fidelidade é sinal eloqüente em um mundo variável. A resposta criativa e generosa à própria missão só se realiza numa integração harmônica da atividade apostólica com a consagração, como escolha radical e constante de Deus.

A espiritualidade vivida pelos consagrados também é necessária aos outros, que no nosso mundo pluralista procuram vias e mestres de espiritualidade. Tal busca é viva não só nas culturas das religiões tradicionais como na Ásia, mas também no Ocidente, para o qual a espiritualidade é um novo areópago da missão (cf. *RM*, 38). O difundir-se das religiões orientais, e até das seitas, é um sintoma disto. É preciso que os consagrados sejam testemunhas de espiritualidade, capazes de falar das coisas de Deus baseando-se na própria experiência, e se tornem guias de caminho interior; as casas religiosas não sejam só pontos estratégicos de irradiação missionária, mas também escolas práticas de espiritualidade.

Este é um campo a ser cultivado com atenção, por vezes a ser semeado com clarividência. Não seria oportuno multiplicar escolas de espiritualidade, nas quais, para além de transmitir o ensino da doutrina, se dê prioridade à iniciação e à experiência? A espiritualidade do Instituto poderia irradiar-se melhor quer entre os próprios membros, quer também na Igreja, que sempre foi enriquecida e renovada pela espiritualidade dos santos e das famílias religiosas. As comunidades contemplativas e monásticas, cada uma em harmonia com o próprio carisma, mas nem só elas, podem ter um papel especial neste sentido.

20. O desafio da vida fraterna

O segundo grande desafio da vida consagrada diz respeito à vida fraterna, que é

válido para todos os Institutos de vida fraterna em comunidade, e para os Institutos religiosos de vida comum. O sustento comunitário torna-se hoje interrogável, dadas as exigências da própria vida consagrada e da missão em sociedades cada vez mais variáveis, complexas e fragmentárias. O modo de compreender e de viver a vida fraterna tornou-se mais exigente (cf. *IL*, 24, 56-58); inclui todas as dimensões da existência do consagrado: humana, cristã, religiosa e apostólica, segundo as modalidades do carisma. As exigências fundamentais são recordadas pelo *Instrumentum laboris*: “ser um lugar onde — na oração pessoal e comunitária, segundo a espiritualidade própria do Instituto — a experiência de Deus de cada membro possa amadurecer e ser comunicada; ser um lugar de maturação e de concretização do amor mútuo, em que a liberdade e a solidariedade não constituem uma dicotomia, mas compenetraram-se reciprocamente, graças a uma inserção eficaz no mistério paschal; ser testemunho, anúncio, serviço e doação aos outros, ou no apostolado do silêncio, da oração e da penitência, ou então no apostolado das obras, contribuindo, segundo o carisma próprio do Instituto, para a missão da Igreja” (*IL*, 58).

Há interdependência entre vida fraterna e fidelidade aos votos, mesmo se estes são sempre um empenho pessoal feito a Deus (cf. *IL*, 52-54). O serviço da autoridade permanece essencial para a comunhão e a co-responsabilidade de todos os membros (cf. *IL*, 59).

Em certos casos, a vida fraterna encontra dificuldades, devido às posições teológicas e, por vezes, ideológicas divergentes. Não deveriam as pessoas consagradas encontrar o seu ponto de convergência no magistério atual e vivo dos pastores, que guiam a Igreja no hoje da graça divina? Disto verificar-se-ia uma maior coesão comunitária. De resto, os consagrados devem seguir o magistério, também em virtu-

de do seu voto de obediência e da eclesialidade do seu estado de vida. Não o respeitar destrói a própria vida comunitária.

Como João Paulo II afirmava na última assembléia plenária da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, “toda a fecundidade da vida religiosa depende da qualidade da vida fraterna em comum” (20.XI.1992; em ASS LXXXV (1993) p. 905). O futuro das várias formas de vida consagrada depende da qualidade da vida fraterna, em sintonia com o próprio carisma.

21. O lugar da mulher consagrada

O lugar da mulher consagrada é um desafio (cf. *IL*, 20), que merece grande atenção por parte desta assembléia. “As mulheres constituem três quartos das pessoas consagradas. O contributo que dão à Igreja e à sociedade (...) é um dos fenômenos mais salientes da vida da Igreja e da sua missão (...). A história mostra o contributo que as mulheres consagradas deram, não só para a santidade da Igreja, como também para a evangelização e para a missão, para a catêquese e para o aprofundamento teológico, no campo da educação, da saúde e do serviço aos mais pobres. Assumiram tarefas importantes, inclusive de direção de escolas, universidades, hospitais e outras instituições” (*IL*, 88). A vida consagrada foi, de fato, lugar de promoção para a própria mulher consagrada e de serviço promocional das outras mulheres na sociedade e na Igreja.

Nos últimos decênios, sobretudo nas sociedades ocidentais, cresceram movimentos para a promoção e a emancipação da mulher, os quais constituem sinais dos tempos. O magistério fez disso um discernimento positivo, retomando toda a revelação, de modo particular, o exemplo e o ensinamento de Jesus (cf. *Mulieris dignitatem*, 1988). João Paulo II, nestes últimos meses, continuou a aprofundar o tema no ciclo das suas catequese.

As mulheres consagradas sentem-se chamadas em primeira pessoa a serem autoras na promoção da condição feminina, dando a exemplo com a sua vida, inspirando-se no Evangelho e em Cristo, que escolheram como seu Esposo, doando-se com amor indiviso (cf. *Mulieris dignitatem*, 20). A Encíclica missionária reconhece e encoraja de modo particular o contributo das religiosas para a promoção da mulher (cf. *RM*, 37; 70; 86).

Algumas situações particulares devem ser enfrentadas com lucidez, mas no justo equilíbrio. A crise vocacional que atinge muitos Institutos do primeiro mundo, certas escolhas, comportamentos ou reclamações devem ser avaliados à luz do Evangelho, e não com critérios baseados nas ciências humanas e nas tendências culturais. Foi este o critério do último documento magisterial sobre a ordenação das mulheres. Contudo, tal esclarecimento autorizado não limita em nada a promoção da mulher e da religiosa na Igreja, mesmo no que se refere à consulta e à elaboração das decisões e, mais ainda, à evangelização (cf. *Christifideles laici*, 51; discurso de João Paulo II, de 13 de julho de 1994).

22. O desafio da missão

A *missão* foi sempre um desafio, para cuja resposta surgiram e se renovaram na Igreja muitas formas de vida consagrada. A missão é parte essencial de cada carisma de Instituto, quer se trate de vida ativa apostólica ou de vida contemplativa (cf. *IL*, 23; 58; 60). Unidade e integração dos diversos aspectos do carisma, em particular, entre missão-consagração-vida fraterna, são exigências sentidas de modo especial, mas nem sempre facilmente realizadas (cf. *IL*, 47; 60-63; 85-87). Cristo permanece fonte e modelo desta unidade de vida (cf. *IL*, 62).

A perspectiva da nova evangelização deve ser hoje o horizonte missionário para

toda a Igreja e, por conseguinte, para a vida consagrada (cf. *IL*, 2; 95). As pessoas consagradas, pela sua vocação específica, são chamadas a fazer emergir a unidade entre auto-evangelização e testemunho, entre renovação interior e apostólica, entre ser e agir, evidenciando que o dinamismo promana sempre do primeiro elemento do binômio (cf. *IL*, 95-96).

A realização da missão segundo o próprio carisma deve ter em conta as necessidades da Igreja em que se atua (cf. *IL*, 97) e dos novos areópagos da própria missão (cf. *RM*, 37-38). Com efeito, a vida consagrada sempre foi sensível aos grupos mais necessitados: os não-cristãos, os marginalizados, os que sofrem, os jovens, os pobres... Mas há novos areópagos que devem ser considerados: o mundo da comunicação (cf. *IL*, 19; 107), da cultura moderna (cf. *IL*, 17; 107), da promoção humana e da justiça (cf. *IL*, 104; 109), dos novos pobres (cf. *IL*, 23; 29; 95; 104), da defesa da vida (cf. *IL*, 105), da busca do sagrado e de Deus (cf. *IL*, 103; 110).

Ao viver a dimensão missionária do próprio carisma, é preciso também enriquecê-la com as aquisições do caminho missionário da Igreja: centralidade do testemunho, do anúncio e da constituição de comunidades cristãs vivas (cf. *RM*, 42-51), exigência da inculturação, do diálogo, do ecumenismo, da promoção humana (cf. *RM*, 52-60), envolvimento dos leigos (cf. *RM*, 71-74; 77-82). Crescer em sintonia com a Igreja é uma exigência da vida consagrada (cf. *IL*, 45).

Depois, a missão *ad gentes* deve ser vivida não só pelos Institutos missionários, mas por todos os Institutos de vida consagrada (cf. *IL*, 98-99), sobretudo neste momento de crescimento das Igrejas locais. “A Igreja deve dar a conhecer os grandes valores evangélicos de que é portadora; ora ninguém os testemunha mais eficazmente do que aquele que faz profis-

são de vida consagrada na castidade, pobreza e obediência, numa total doação a Deus e plena disponibilidade para servir o homem e a sociedade, segundo o exemplo de Cristo” (*RM*, 69). As pessoas consagradas devem ouvir o brado daqueles que não conhecem Cristo, que constituem a maior parte, sempre em aumento, da humanidade (cf. *RM*, 1; 3; 30). “A atividade missionária ainda hoje representa o máximo desafio para a Igreja” (*RM*, 40). As necessidades locais não devem fazer esquecer as urgências universais (*RM*, 33-34), especialmente por parte dos que têm inscrita na sua vocação a exigência da universalidade (cf. *IL*, 82).

23. O desafio da inculturação

A *inculturação* refere-se a todos os aspectos da vida consagrada e a todos os contextos em que se encontra.

“A inculturação abrange, portanto, toda a vida consagrada: o carisma que caracteriza uma vocação, o estilo de vida, os caminhos de formação e as formas de apostolado, a oração e a liturgia, os princípios da vida espiritual, a organização comunitária e o governo.

“Não se trata de uma simples adaptação de costumes, mas de uma transformação profunda da mentalidade e dos modos de vida. Não se confina às culturas das jovens Igrejas, mas estende-se também às mudanças em curso na civilização ocidental. De fato, as estruturas da vida consagrada, elaboradas nas sociedades rurais da Idade Média e no mundo da revolução industrial dos últimos séculos, nem sempre parecem adequadas a exprimir as necessidades e os anseios das mulheres e dos homens no nosso tempo” (*IL*, 93).

As condições desta inculturação são exigentes. Modelada sobre o processo da encarnação, e, mais ainda, sobre o mistério pascal, ela é assunção dos valores cul-

turais, mas ainda mais dos valores evangélicos (cf. *IL*, 94). A norma e a medida não são a cultura ou as tendências sociais, mas Cristo e o seu Evangelho (cf. *IL*, 107). Por conseguinte, a inculturação requer uma nova evangelização em profundidade (cf. *IL*, 93). É expressão cultural de uma verdadeira experiência cristã, feita pessoal e comunitariamente. “O discernimento do essencial só é possível na contemplação prolongada do mistério de Deus, na liberdade de oração, adquirida mesmo à custa do desapego radical, na familiaridade com a Palavra de Deus e num grande amor pelo povo” (*IL*, 94). “Deve respeitar os fundamentos da vida consagrada: a profissão íntegra da fé cristã, a intimidade com Cristo na oração e na contemplação, a busca da perfeição da caridade, a prática dos conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência” (*IL*, 94). Depois, é necessário respeitar a identidade carismática do Instituto recebida do Fundador. Pode-se dizer que a inculturação se torna uma modalidade da vida consagrada segundo o contexto de inserção. Ela é continuidade com a cultura, mas muito mais, ruptura com ela e alternativa, porque deve exprimir a novidade evangélica.

24. O estilo de vida

Nas mudanças atuais, o estilo de vida dos consagrados assume uma importância particular. Ele deve exprimir a autenticidade da consagração, ser sinal da força libertadora do evangelho e uma alternativa às modas do mundo. Deve ter em conta a situação em que se encontra e o povo no meio do qual vive. É assim uma expressão da inculturação. Ele inclui não só as expressões de vida pessoal que devem exprimir o seguimento de Cristo casto, pobre e obediente; mas também a comunitária (cf. *IL*, 18; 53; 55; 103). Apresenta-se, deste modo, o problema da riqueza coletiva e da pobreza pessoal. Neste contexto, chegou o momento de reabrir o debate também so-

bre o hábito, como sinal da pessoa consagrada, e que, de fato, no interior e no exterior das comunidades, tem mais importância do que o que se afirma em certos ambientes.

25. As relações com as outras vocações

As relações da vida consagrada com as outras vocações e os outros estados de vida constituem outro desafio. No passado, geralmente, havia uma separação quase total. Depois houve a presença simultânea e, por vezes, confusão. O desafio poderia ser expresso deste modo: como harmonizar as relações e as influências mútuas das várias vocações, respeitando o específico de cada uma?

Sobre as relações com o Bispo falou-se suficientemente. Talvez seja necessário chamar a atenção sobre o vigário episcopal para a vida consagrada, a sua preparação, as qualidades requeridas, a sua ligação com o Bispo.

Sobre as relações com o clero diocesano, que com freqüência se considerou e sentiu a expressão plena da Igreja diocesana, os três princípios enunciados são válidos: reciprocidade construtiva, complementaridade e coordenação (cf. *IL*, 79). Isto supõe, tanto nos diocesanos como nos consagrados, conhecimento e reconhecimento não só das pessoas, mas também das vocações e dos respectivos carismas. A integração dos sacerdotes na planificação pastoral diocesana exige diálogo e respeito dos carismas (cf. *IL*, 70).

As relações com os leigos impõem-se em termos novos. Com efeito, eles estão cada vez mais empenhados nos serviços e nos ministérios não-ordenados, superando em número e substituindo neles as pessoas consagradas. Esta evolução providencial incide sobre as relações entre as duas categorias, sobre a imagem da vida consagrada e sobre as vocações.

Atualmente os leigos esperam dos consagrados sobretudo um exemplo de santidade e um acompanhamento naquela via, tanto de modo genérico como específico, a saber, segundo a espiritualidade do carisma. Há um "desejo de participar na espiritualidade e missão própria dos Institutos de vida consagrada, numa complementaridade de vocações" (IL, 80; cf. 98). Tal partilha da espiritualidade e da missão dos institutos não é só para o bem das pessoas associadas, mas da Igreja inteira. Quem continuará a espiritualidade diaconal que os consagrados transmitiram às obras sociais, escolásticas e caritativas? Os carismas são dados à Igreja e a história mostra que eles tendem para ter uma irradiação que ultrapassa os confins dos próprios institutos.

26. As vocações e o futuro da vida consagrada

"A promoção vocacional constitui hoje um dos desafios mais importantes para o futuro da vida consagrada. Dela dependem a vitalidade dos carismas e a sua presença na Igreja e no mundo" (IL, 89). Não é tarefa só dos Institutos, mas de toda a Igreja local — "Bispos, sacerdotes, diáconos e leigos — mostrar estima e preocupação pelo progresso da vida consagrada como um dom precioso para todos. O discernimento e o acompanhamento vocacional deverão ser promovidos em toda a parte" (IL, 89).

A respeito das vocações não se pode ignorar a crise ainda existente nos Países ocidentais, e a sua insuficiência em certos Países do hemisfério sul. As análises sobre a escassez ou abundância das vocações podem ser facilmente simplistas. Considerando a variedade das situações, friso quatro aspectos:

— A situação cultural pode favorecer ou impedir as vocações. Por conseguinte, é necessário promover nas comunidades eclesiais uma cultura cristã da vocação:

todos se devem pôr em escuta e ser disponíveis para aquilo que o Senhor pede a cada um.

— As vocações especiais só podem emergir de uma experiência de fé. É necessário, pois, promover iniciativas, comunidades, grupos, famílias, que procurem e desenvolvam a experiência cristã de fé. Tanto os consagrados como os pastores devem promover todas as vocações. A direção espiritual e o sacramento da reconciliação têm um papel importante.

— É necessária uma identidade da vida consagrada mais precisa, melhor transmitida e testemunhada de modo mais visível. Os consagrados são os primeiros promotores das vocações a serem chamados em causa.

— Perante o emergir de um laicado empenhado e ativo, a vida consagrada não pode ser considerada e apresentada só por aquilo que faz, mas sobretudo por aquilo que é para a Igreja e na Igreja. É a via do radicalismo evangélico (cf. IL, 21; 55; 96), do dom total (cf. IL, 69), do seguir Jesus mais de perto (cf. IL, 48), uma vida que vale a pena abraçar. A vida consagrada, entre e mais do que outras coisas "tem por finalidade fazer progredir a vocação cristã de todo o Povo de Deus, favorecer a resposta à chamada universal à santidade, formar autênticos apóstolos de Cristo para o nosso mundo. O patrimônio de espiritualidade e de apostolado dos vários Institutos deve ser orientado para este particular serviço dos fiéis, como contributo original à *nova evangelização* (IL, 110).

O futuro da vida consagrada depende da qualidade e do número das vocações, mas também da sua formação inicial e contínua. As recentes diretrizes da Congregação propostas às várias formas de vida consagrada são claras a este propósito, e citadas pelo nosso texto-guia (cf. IL, 58; 88; 90-92). Particularmente, uma sólida formação teológica evitará comportamen-

tos e reivindicações superficiais, uma verdadeira formação bíblica enriquecerá a vida espiritual.

CONCLUSÃO

27. O futuro da vida consagrada é decisivo para a vida e missão da Igreja inteira. O seu bom êxito depende, de modo particular, do seu renovado e radical seguimento de Cristo, da sua docilidade ao Espírito Santo, do seu enraizamento na comunhão eclesial, do seu elo missionário

em resposta aos desafios hodiernos, da fidelidade às exigências da vida consagrada e ao carisma próprio do Instituto. Também esta renovação da vida consagrada é um dom de Deus à sua Igreja; um dom a ser sempre pedido, aceito e, juntos, fazer crescer. Pastores e membros de todas as formas de vida consagrada são co-responsáveis por isto, com tarefas diversas mas complementares. *De re nostra agitur!* O trabalho não nos falta nem durante nem depois do Sínodo. Façamo-lo com o olhar amoroso de Cristo e com o comportamento reconhecido de Maria.

INTERVENÇÕES NO SÍNODO

I. OS BISPOS DO BRASIL

O CERNE DA VIDA CONSAGRADA

D. Luciano Pedro M. de Almeida
Arcebispo de Mariana (Brasil)

O cerne da vida consagrada é a resposta ao chamado pessoal feito por Jesus Cristo para segui-Lo mais de perto. É a opção de amor e de total entrega a Jesus Cristo, Filho de Deus vivo. “Senhor, nossa única opção é por Ti.”

Vários oradores já afirmaram, com grande densidade espiritual, a centralidade de Jesus Cristo para a vida consagrada. Ele é o caminho, a verdade e a vida. Após tantas contribuições, crescemos na clareza quanto à relação entre consagração, comunhão e missão, percebendo melhor a estreita ligação que une consagração e missão e o termo de toda missão que é a comunhão plena com a Santíssima Trindade e entre nós.

Mais freqüentes as contribuições que trataram da fundamentação batismal de toda a vida cristã. Aí se encontra a relação à Santíssima Trindade, o sentido pascal da vida cristã, de morte ao pecado e vida nova em Cristo sob a ação do Espírito Santo. Ficou igualmente lembrada a referência à Igreja, Corpo de Cristo, Povo de Deus, todo ele consagrado pelo batismo e em dinamismo de santificação a serviço do Reino de Deus.

Para que o Povo de Deus se possa santificar e cumprir a sua missão, Jesus Cristo

dispôs que houvesse pastores visíveis que “em sua pessoa” servissem a seus irmãos, como profetas, sacerdotes e pastores.

Assim, também, o próprio Cristo estabeleceu que houvesse homens e mulheres, pastores e leigos, que, em todos os tempos, pelo seu testemunho e forma de vida — e até derramando o próprio sangue — mais intimamente ligados a Ele, atraíssem seus irmãos e irmãs para aderirem à sua Pessoa e viverem o Evangelho. Assim a vida consagrada em todas as suas formas, desde os eremitas até os Institutos seculares e as “famílias eclesiais”, faz parte da constituição carismática da Igreja, é um dom do Espírito, é sal, luz e fermento para que o Povo de Deus possa ser, por sua vez, sal, luz e fermento para o mundo.

Agradecemos a Deus o testemunho da dedicação e fidelidade dos consagrados, especialmente da América Latina e do Brasil.

Procuremos insistir neste especial seguimento de Jesus Cristo que caracteriza a vida consagrada.

1. Caráter pessoal do chamado

A experiência da vida dos santos e dos que a Deus se consagram, e até mesmo em nossa própria vida, revela que na origem da consagração está um chamado pessoal de Jesus Cristo. Assim Jesus chamou Pedro, André, João e Tiago. “Chamou os que Ele quis para que estivessem com Ele” (Mc 3, 13). Quem de nós não se lembra ainda do dia em que Jesus Cristo nos cha-

mou? Foi assim que Jesus olhou com amor para Francisco e Clara, Domingos, Inácio e Teresa. É este vínculo forte de amizade entre Jesus Cristo e a pessoa chamada que é fundante, definitivo e inesquecível na vida consagrada.

2. Resposta de fé e amor

A experiência íntima e inalienável deste amor gratuito pelo qual Deus nos possui em Cristo é tão singular e inequívoca que nos deixamos possuir por este amor — “*Dominus possedit me*” — e a Ele respondemos com a consagração total de nossa vida, abandonando a Ele o nosso futuro, assumindo, na pluralidade dos carismas, a missão e o modo de vida de Jesus Cristo e colocando n’Ele toda a esperança de realização afetiva humana.

3. A realização afetiva do consagrado

a) Os discípulos foram aos poucos percebendo que Jesus vivia no seu íntimo um amor diferente de tudo o que eles conheciam e que lhe conferia uma plenitude afetiva incomparável.

Era pelo Pai que Jesus se deixava possuir nas horas silenciosas da noite ou cedo antes do amanhecer (*Mc* 1, 35; *Lc* 6, 12). Era no Pai que encontrava alento, coragem e alegria de sua vida (*Jo* 4, 34; 5, 30; 6, 38). Do imenso amor ao Pai nascia a misericórdia pelos pecadores, o júbilo pela revelação feita aos pequeninos e pela beleza dos lírios do campo. Seu amor encontrava tempo para entreter-se com as crianças (*Mt* 19, 13), preocupava-se com a pobre mulher encurvada (*Lc* 13, 12), compadecia-se do leproso e do cego e procurava homens perdidos e mulheres em pecado.

b) Esta união íntima e maravilhosa de Cristo com o Pai, Ele a comunica à pessoa consagrada, com a força de um amor es-

ponsal, imediato e total. Deus ama e possui a criatura; a pessoa humana amada deixa-se possuir pelo seu Criador a ponto de poder se expressar com verdade: “Meu Deus, sou todo teu”.

Há uma realização em nível de reciprocidade afetiva, na qual o termo imediato da consagração é o próprio Cristo interior ao amante. Esta consagração assemelha-se à vivência esponsal, mas a supera, enquanto o amado se torna interior, para além da expressão corpórea do amor. O amor de Cristo é sempre recíproco. Impossível pensar n’Ele sem que Ele esteja pensando em mim e me amando.

c) Oração do consagrado

Esta presença interior de Cristo tende a tornar-se cada vez mais consciente no consagrado. A presença latente eclode nas grandes alegrias e sofrimentos. Expande-se nos momentos de plenitude, num diálogo de ampla comunicação. É este diálogo que constitui a oração espontânea do consagrado. É fruto da atuação do amado no íntimo do próprio eu (*fundus animi*). Até mesmo a desolação — quando Cristo parece ausente — é a expressão do amor que cresce pelo desejo de possuir permanentemente o amado.

d) O que é portanto a vida consagrada?

Podemos descrevê-la como a “consagração radical da pessoa humana a Jesus Cristo e por Ele, no Espírito, ao Pai, até o nível da reciprocidade efetiva. É uma vivência especial de comunhão imediata com o Filho de Deus ressuscitado, cuja característica é o nível alto de intersubjetividade amorosa, pela presença do Amado interior ao amante, contínua, e para além da mediação corpórea. Ela se traduz por um diálogo interior constante e por uma intencionalidade amorosa capaz de ir transformando cada ação em sinal de comunhão com o Amado”. Esta união e oração contínua é

a força que sustenta os consagrados, para que sejam perseverantes e fiéis nos trabalhos, nas provações espirituais, nas perseguições, no serviço às crianças, aos idosos e doentes.

4. A comunicação do amor: o amor a todos

Sendo gratuitamente possuído por Jesus Cristo Filho de Deus, experimenta o consagrado o "amor primeiro" de Deus e deixa-se, como Maria, nossa Mãe e os santos, transformar pelo Espírito Santo até imitar o coração e os gestos de Cristo, amando como Ele ama *a todos*, com especial predileção pelos pobres, desamparados, doentes, aflitos. É este — gratuito e universal — que está na raiz da vida comunitária entre consagrados.

5. A consagração, os conselhos evangélicos e o zelo missionário

— A imitação mais íntima de Cristo leva, por amor e livremente, a assumir o modo de vida e a missão de Cristo e por isso dinamiza a vivência dos conselhos evangélicos, numa atitude de anúncio dos bens eternos e de solidariedade efetiva com os pobres, com os que não se podem casar e com a condição da maior parte da humanidade que depende dos outros para trabalhar e sobreviver.

— A missão é fruto do amor de quem quer anunciar Jesus Cristo e seus valores. *Por um lado*, sabemos que Deus, por meio da oração e da oferta da Igreja, na sua infinita misericórdia tem caminhos de salvação que só Ele conhece; *por outro lado*, permanece até o fim dos tempos o impulso missionário de toda a Igreja e especialmente dos consagrados — em postos árduos e distantes — para fazer com que Cristo seja por todos conhecido e amado.

Conclusão: o cerne da vida consagrada é a opção de amor por Jesus Cristo. Propomos:

1. Que a mensagem do nosso Sínodo (nuntius laetus) coloque em precedência à proclamação entusiasta de fé e amor de Jesus Cristo — como no documento de Santo Domingo — que seja, não só motivo de novo ardor para os que se consagraram a Cristo, mas atração vigorosa para os milhares de jovens que Deus chama hoje para a vida consagrada.

2. Que este amor apaixonado a Jesus Cristo, por parte dos consagrados, fomente a alegria e a esperança de toda a Igreja no anúncio do Reino, para que seja sacramento da salvação para a humanidade sofrida de nosso século. Jesus Cristo, ontem, hoje e sempre.

INTEGRAÇÃO NAS ESTRUTURAS DIOCESANAS NO RESPEITO DA IDENTIDADE CARISMÁTICA DOS INSTITUTOS

D. Raymundo Damasceno Assis

Auxiliar de Brasília (Brasil)

Secretário-Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM)

A vida consagrada está presente na América Latina desde os inícios do processo evangelizador, contribuindo de modo significativo para o desenvolvimento dos povos em todos os aspectos.

“A obra evangelizadora, inspirada pelo Espírito Santo, no começo teve como generosos protagonistas sobretudo membros de ordens religiosas” (SD, 18) e caracterizou-se por um serviço realmente comprometido com os mais pobres (indígenas e afro-americanos). Foram numerosos os Institutos masculinos e femininos que surgiram na América Latina. Muitos deles caracterizaram-se pelo seu espírito eminentemente missionário, que os levou a comprometerem-se com a Missão *ad gentes*.

A IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano afirma, nas suas Conclusões, que “a Vida Consagrada enquanto dom do Espírito Santo à sua Igreja, que pertence à vida íntima e santidade da Igreja (cf. *LG*, 44; *EN*, 69) é manifestada pelo testemunho heróico de muitas religiosas e religiosos que, a partir da sua singular aliança com Deus, tornam presente em todas as situações, até na mais difícil, a força do Evangelho” (*SD*, 85).

“Esta vida consagrada é necessariamente eclesial e enriquece as Igrejas particulares”... “A partir das disposições de *Mutuae relationes*, é necessário um esforço de maior conhecimento recíproco entre as diversas formas de vida consagrada e as Igrejas particulares” (*SD*, 85). Para que as mútuas relações entre os Bispos e os membros dos Institutos de Vida Consagrada se desenvolvam num espírito de comunhão, de diálogo, de fraternidade e de co-responsabilidade, é necessário cultivar certos valores. Por um lado, por parte dos Pastores, requer-se um conhecimento mais profundo da identidade carismática dos institutos (*Instrumentum laboris*, 75, 76, 78); e que facilitem e peçam a participação dos Institutos na elaboração e execução dos planos de pastoral e a sua integração nas estruturas e organismos diocesanos, respeitando sempre as finalidades próprias de cada Instituto; que nos seus seminários se fomentem o conhecimento da teologia da vida religiosa. Por parte dos membros dos Institutos, é necessário que ponham o seu carisma ao serviço da Igreja particular (*Instrumentum laboris*, 74). Os Superiores dos Institutos tenham em conta a continuidade da pastoral local, ao efetuarem as transferências das pessoas que desempenham cargos pastorais na Diocese (*Instrumentum laboris*, 77-78); estejam atentos a que a autonomia não se converta em arbitrariedade para agir separadamente do Bispo na pastoral, e sobretudo na liturgia (*Instrumentum laboris*, 81); nas suas casas

de formação seja dada especial importância à teologia da Igreja particular e à espiritualidade específica do sacerdote diocesano (*SD*, 92).

Com efeito, as Conclusões de Santo Domingo terminam também a parte que se refere à vida consagrada com este vivo desejo: “Fazer com que os religiosos e as religiosas que se encontram trabalhando pastoralmente numa Igreja particular, o façam sempre em perfeita comunhão com o Bispo e com os Presbíteros” (*SD*, 93).

SUSTENTAR O RELEVANTE VALOR DA CLAUSURA

D. Vital João G. Wilderink
Bispo de Itaguaí (Brasil)

A intervenção convida os Padres Sinodais a enfrentar a questão da clausura nos Institutos femininos de vida contemplativa, para ajudar os membros (individualmente e em comunidade) a interiorizar, no que é vivido, os valores que querem denotar e favorecer, mediante formas e meios adequados e compreensíveis para o tempo atual.

Para este fim, evidenciam-se o profundo significado e a motivação profunda do “deserto” na experiência anacorética e cenobítica, e expõe-se deles uma leitura, partindo da missão do Verbo encarnado e do papel desempenhado pelo Espírito Santo na Igreja: o primado do Absoluto de Deus (S. Teresa dizia: “Só Deus basta!”), a solidariedade com o próximo e a mais profunda comunhão da Igreja. É convite a um autêntico testemunho de total dedicação a Cristo.

Ressalta-se, por fim, como muitas das normas sobre a clausura já eram historicamente ultrapassadas na vigília do Vaticano II. A revisão com este Concílio e com as intervenções sucessivas, de modo específi-

co com a Instrução "Venite seorsum" (1969), se por um lado puseram justamente em relevo as bases bíblico-teológicas em justificação da clausura, por outro não foram postas em prática todas as conseqüências provenientes delas.

Por isso propõe-se: apoiar o relevante valor da clausura, esclarecendo a sua finalidade de meio para crescer na experiência do Absoluto, num contexto de comunhão eclesial; confiar às ordens e mosteiros interessados, de comum acordo com a autoridade eclesiástica, o estabelecimento de tipo e normas da respectiva clausura, dando atenção à própria índole e espiritualidade, bem como no contexto cultural; cuidar adequadamente da formação inicial e permanente das contemplativas, com iniciativas no contexto de associações ou federações.

A OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES

D. Eusébio Oscar Scheid
Arcebispo de Florianópolis (Brasil)

O Arcebispo de Florianópolis, do Estado de Santa Catarina no Sul do Brasil, procura fazer uma análise mais profunda da tão discutida, e por muitos não bem compreendida, "Opção preferencial e evangélica pelos pobres".

Trata-se de um argumento que diz respeito antes ao espírito e também ao voto de pobreza e à vida apostólico-pastoral dos religiosos e das religiosas, no chamado "Terceiro Mundo".

As mais novas Congregações e os Institutos surgiram para resolver vários, ou melhor, muitíssimos problemas de ordem social. O "carisma" de semelhantes fundações muitas vezes adquire a marca destas necessidades. Mas a questão da "opção evangélica pelos pobres" vai mais além. Inclui uma espiritualidade correspondente.

Deve encontrar — como pessoa consagrada — o próprio Coração trespassado do Senhor Jesus, em todas aquelas pessoas que vivem à margem de uma vida mais digna, mais humana e fraterna.

Este ir ao encontro dos irmãos mais necessitados é um postulado central do Evangelho e comprova precisamente se temos feito ou não uma verdadeira opção, uma escolha única e definitiva por Cristo. Para fazê-la, é preciso uma graça especial do Espírito Santo.

"Opção evangélica preferencial pelos pobres" não recorre à luta de classe, a sistemas ou teorias sociais, a correntes teológicas extravagantes mas, partindo da práxis de Jesus, vai haurir nas riquezas da Doutrina Social da Igreja os recursos para enfrentar, com coragem e constância, qualquer problema neste campo. As luzes existem. É preciso apenas saber aproveitá-las de modo concreto.

A NECESSIDADE DA FORMAÇÃO PARA A VIDA CONSAGRADA

D. Karl Josef Romer
Bispo Auxiliar de São Sebastião do Rio de Janeiro (Brasil)

1) Aspectos positivos da vida consagrada no Brasil: presença de santidade e de serviço; colaboradores inestimáveis na Igreja particular; em muitos é visível a vitória da Graça.

2) Reservas e interrogativos:

Por que em muitos lugares prevaleceu a reforma de hábitos e costumes exteriores sobre a renovação espiritual e eclesial?

Por que o Concílio e o ensinamento do Santo Padre são conhecidos por poucos?

Ainda não foi superado o espoliamento de muitas Congregações femininas e masculinas?

No número 29, o *Instrumentum laboris* é demasiado otimista. Em 1986 existiam 37.814 religiosas no Brasil; em 1992, só existiam 37.171; e o número das noviças era de 1.969 em 1986, e de 1.413 em 1992.

3) Existe um mal disseminado diretamente, sem o controle de ninguém.

A Conferência Nacional dos Superiores Maiores (CRB) goza de aprovação pontifícia. Todavia, os *Organismos regionais* não receberam esta aprovação e nem se encontram sob a jurisdição da CRB nacional. Em certas áreas os Organismos regionais (CRB-Regionais) desenvolvem um trabalho positivo. Mas em muitíssimos casos constituem uma das causas mais deletérias e têm provocado males incalculáveis, em primeiro lugar nos grandes centros urbanos.

Não é possível deixar ainda a causa sagrada da formação da vida consagrada a tais iniciativas incontroláveis.

É necessário que os Superiores Maiores sejam verdadeiramente os primeiros responsáveis da formação, em comunhão generosa com o Magistério do Sumo Pontífice; e que os Bispos sejam realmente os mestres da vida e da perfeição cristã, protegendo as Religiosas contra semelhantes abusos.

Uma causa tão grande, dom de Deus, requer a oração assídua e o empenho total dos pastores e de todos os responsáveis.

A RELAÇÃO ENTRE VIDA CRISTÃ E CONSAGRAÇÃO RELIGIOSA

Card. Aloisio Lorscheider
Arcebispo de Fortaleza (Brasil)

1. O batismo é o elemento fundamental da Igreja. Mediante o batismo todos

são incorporados em Jesus e, por intermédio d'Ele, são imersos na vida íntima de Deus-Pai, Deus-Filho e Deus-Espírito Santo. O evangelho é a suprema norma de vida para todos os cristãos, enquanto é a "Epifania" de Cristo. Na Igreja não existem classes ou pessoas privilegiadas. Na verdade existem diversos dons, em conformidade com a medida de dom de Cristo. Foi ele que estabeleceu alguns como apóstolos, outros como profetas, outros como evangelistas e ainda outros como pastores e mestres, para tornar todos idôneos a cumprir o ministério, com finalidade de edificar o Corpo de Cristo (*Ef 4,6-13*). É precisamente aqui que se insere a vida consagrada. Ela insere-se na estrutura carismática da Igreja. Faz parte da vida e da santidade da Igreja (*Lumen gentium*, 44). A vida consagrada é um dom da graça de Cristo, dom da vocação da graça de Cristo. As funções são diferentes, mas único é o Espírito que dá os dons e os divide como melhor julga.

2. A vida consagrada é um dom concedido à pessoa, para que esta viva a vida de Cristo. Trata-se de seguir Cristo como os Apóstolos, abandonando tudo por amor d'Ele e permanecendo com Ele (*Mt 19,27*). Quem quer ser perfeito como o Pai celeste é perfeito, deve abandonar tudo, como o Pai celeste abandonou tudo por nós, quando nos criou e nos salvou.

3. A vida consagrada é uma dádiva divina entregue à sua Igreja, dom a que ela não pode renunciar: sem a vida consagrada, a Igreja não seria "Igreja". A vida consagrada ou religiosa pertence à constitucionalidade constitutiva da Igreja e é um dom para a Igreja, assim como a Igreja constitui um dom para a humanidade. Não se pode conceber a Igreja sem a vida consagrada, enquanto esta é a Igreja no seu anélito supremo de conformação de vida com a vida pobre, casta e obediente de Jesus, Fundador da Igreja.

4. O batismo é, portanto, o fundamento comum para todos na Igreja. Todos os cristãos se realizam em função da vocação-missão eclesial a que foram chamados. Os votos religiosos de pobreza, castidade e obediência não são emitidos como condição imposta pela Igreja para entrar na vida consagrada ou religiosa, mas são emitidos como expressão de maturidade

cristã, para exprimir a Deus um maior amor e uma oração mais intensa.

5. Na vida consagrada, deve-se sempre distinguir a vida consagrada como tal e a organização ou estruturação da vida consagrada. O primeiro aspecto pertence à vida teologal, ao passo que o segundo entra no campo do direito canônico que ordena juridicamente a vida consagrada.

II. RELIGIOSAS DO BRASIL

ALEGRIA DE SER MULHER CONSAGRADA LATINO- -AMERICANA

Ir. Elza Ribeiro

Superiora Provincial da Congregação da Divina Providência e Presidente da Confederação Latino-Americana dos Religiosos (Brasil)

A partir do *Instrumentum laboris*, podemos afirmar que a vida Religiosa da América Latina e do Caribe, principalmente a feminina, encontra um reconhecimento, um acolhimento e uma confirmação de algumas das suas intuições evangélicas e das suas esperanças mais profundas.

Entre os temas principais tratados no *Instrumentum laboris*, quero ressaltar os que tocam mais profundamente os nossos corações como latino-americanos; cito-os em seguida com respectivos números:

1. Evangelizar com o fervor dos Santos (n. 102): a sua abnegação e o seu empenho devem-nos levar a agir, com generosidade e criatividade, ao serviço da Igreja.

2. Escutar a Boa Nova do Reino (n. 23): o Senhor está a conceder-nos a graça

de redescobrir a sua palavra e, assim, criar comunidades vivas nas quais o seu *Dom* possa ser acolhido e compartilhado.

3. A opção evangélica pelos pobres (n. 23): sentimos alegria ao saber que toda a Igreja vê como fruto positivo da renovação a opção evangélica em favor dos pobres, como um modo concreto de compartilhar a pobreza e de exprimir a caridade para com os mais pequenos. A insistência do *Instrumentum laboris* e o exemplo dos nossos pastores estimulam-nos a prosseguir por este caminho.

4. A insistência sobre a urgência e o sentido da inculturação (n. 93): as estatísticas confirmam um crescimento da vida religiosa na Ásia, na África e na América Latina; por conseguinte, devemos contribuir para o projeto global da vida religiosa, partindo destas mesmas culturas, e devemos assumir esta tarefa com esperança e fé, enfrentando os desafios que ele comporta no interior das nossas Igrejas locais e das sociedades em geral.

5. A mulher consagrada: força e dom que transforma (n. 88); li com muita alegria que as mulheres consagradas constituem três quartos das pessoas consagradas; o contributo que elas dão é importante e, acrescentaria, "fundamental e indis-

pensável”, por razões teológicas e antropológicas. Este contributo foi vivido por grandes mulheres no decurso de toda a história da Igreja e hoje exprime-se através do testemunho da presença da mulher religiosa em todos os campos relacionados com o sofrimento, a compaixão, a educação, a evangelização, a catequese, a ação social, etc. A exemplo de Maria de Nazaré, devemos descobrir e fazer resplandecer o rosto de Deus.

6. Comunhão intercongregacional: penso que é um dos contributos teológicos mais ricos do *Instrumentum laboris*, enquanto esta centralidade está em relação com a dimensão de comunhão, com a compreensão da eclesiologia e com a missão da vida consagrada. O dinamismo da vida religiosa manifesta-se na relação entre Igreja universal e local, permitindo deste modo, a cada uma das nossas famílias religiosas, contribuir com o que lhe é próprio.

Graças a estes elementos e à luz da rica visão eclesiológica que se delineia no documento, o presente Sínodo há de reconhecer o imenso dom da vida consagrada e o valor dos seus organismos sejam estes nacionais ou continentais.

A QUESTÃO CENTRAL É EXIGENTE: VIVER SEGUNDO O ESPÍRITO DE JESUS

Ir. Maria Angelina Enzweiler
Superiora-Geral das Irmãs do Coração
Imaculado de Maria (Brasil)

1. Começo agradecendo. Primeiramente ao Santo Padre que é a garantia de nossa unidade como Igreja, na fé e na missão, e exprimo a minha gratidão pelo privilégio de estar aqui no Sínodo.

2. Um caloroso agradecimento aos Bispos do Brasil, que aqui representam o episcopado do nosso país. Nossos Bispos

acolhem de coração aberto a Vida Religiosa, em clima de fraterna comunhão. Em meio às nossas limitações, buscamos construir uma Igreja mais evangélica, mais pobre, mais fidedigna em seu testemunho de justiça e de amor. Nossos Bispos nos têm sido guias esclarecidos, pelo que somos gratas. Gratas somos também à CRB (Conferência dos Religiosos) pelo seu trabalho incansável na animação e coordenação da Vida Religiosa.

3. Tenho dois pedidos a fazer ao Sínodo. A Vida Religiosa, especialmente a feminina e os irmãos leigos, necessita de um aprofundamento mais conseqüente da dimensão laical, que subjaz à nossa vocação e trabalho. Persistem ambigüidades que nos dificultam ver com mais clareza certos aspectos de nosso trabalho pastoral, de nossa espiritualidade e do estilo de vida que convém a nós e à nossa condição de discípulas e discípulos de Jesus no mundo secularizado de hoje.

A segunda solicitação é reforçar o pedido já formulado nesse Sínodo de permitir alegre e confiantemente que a mulher consagrada possa conduzir sua própria vida, participar da vida da Igreja, exercer seu papel próprio na pastoral orgânica e ocupar com devida autonomia o lugar que lhe cabe na sociedade e na cultura, segundo as exigências de hoje e de acordo com o duplo dom e ônus recebidos do Senhor, o da feminilidade e o da consagração ao amor sempre maior de Deus.

4. Trago três preocupações: a preocupação com nossos irmãos Presbíteros que são religiosos. Muitos deles vivem e tornam fecundo o seu carisma de religiosos no exercício de seu ministério. Outros, porém, não conseguem fazê-lo, com prejuízo para as Comunidades onde são pastores e para desaproveito deles próprios. Agora que nós mulheres estamos mais perto deles na ação pastoral, sentimos com mais evidência esse seu vazio carismático

que afeta também a nós, uma vez que torna difícil vivenciar na reciprocidade o carisma que nos é comum e que deve servir à construção de toda a Igreja.

A segunda preocupação é quase um apelo para que a Igreja nos convide, com mais insistência, a nos abirmos ao laicado, seja na forma de um compartilhamento maior do carisma, da espiritualidade, das obras e da vida de nossas Congregações, seja na direção de um recíproco enriquecimento desde as distintas vocações que o Espírito deu aos leigos e aos consagrados.

Em terceiro e último lugar, apresento a preocupação mais fundamental, para a qual temos urgente necessidade do impulso de nossos Pastores e da colaboração de toda a Igreja. É a questão da espiritualidade, da experiência viva de Deus, do seguimento de Jesus. A questão mais central e exigente de todas é a de viver segundo o espírito de Jesus. As Religiosas do Brasil e toda sua vida consagrada pedem à Igreja, aqui reunida em torno a Pedro, aquilo que os Apóstolos pediram um dia a Jesus: "Senhor, ensina-nos a rezar" (Lc 11,1).

COMUNHÃO ECLESIAL E MISSÃO

Ir. Maria Tarcísia Gravina
Superiora-Geral das Irmãs Missionárias
de Santo Antônio Claret (Brasil)

O *Instrumentum laboris* ilustrou de modo admirável a Vida Consagrada no Mistério de Cristo, na Comunhão Eclesial e na Missão da Igreja.

A minha intervenção quer ser a experiência do meu Instituto, inserido na Igreja para a missão e vivendo a Comunhão eclesial.

1. A Vida Consagrada tem em si o sigilo trinitário da comunhão divina, que vem do Pai. Manifesta-se no abandono em Deus;

exprime-se na resposta a Cristo que convida a segui-Lo, mediante a profissão dos Conselhos Evangélicos; está confiada à ação do Espírito Santo, que favorece o acolhimento da chamada, a fidelidade à perfeita configuração com Cristo e à doação total ao serviço na Igreja.

A imitação de Jesus, perfeito consagrado ao Pai, a Consagração religiosa é uma verdadeira "aliança com Deus", exprime a graça da vocação e a unção do Espírito Santo, escolhida por Deus para a doação total de si mesma e para a afetiva, livre e plena doação ao Senhor e ao serviço dos irmãos.

Na raiz das diversas experiências carismáticas da Vida Consagrada está um dom de graça, que manifesta a essência do mistério de Cristo e da vida da Igreja e a diversidade dos dons, que confirmam a sabedoria criadora de Deus. Sua Santidade João Paulo II diz: "Os Fundadores souberam encarnar no seu tempo, com valor e santidade, a mensagem evangélica. É necessário que, fiéis ao sopro do Espírito, os seus filhos e filhas espirituais dêem testemunho fiel, imitando a criatividade deles, com amadurecida fidelidade ao Carisma de origem, com atenção constante ao momento presente".

2. Uma das características da Consagração na Igreja é a vida de Comunhão. O Concílio Vaticano II valoriza o seu profundo significado evangélico, as exigências da vida fraterna em comum, na e para a vida religiosa. A vida fraterna em Comunidade, escola do serviço do senhor e das virtudes evangélicas, baseia-se no mandamento novo de Cristo de nos amarmos mutuamente, como Ele mesmo nos amou, até ao dom da vida (cf. Jo 15, 12-13).

À imagem da Igreja-Comunhão a Comunidade não se fecha em si mesma, mas abre-se às relações com os outros, mediante a Oração, o Serviço apostólico, a colaboração com os membros da Igreja, que

participam da mesma consagração batismal, chamados à santidade e à missão, embora na diversidade das vocações.

Persiste, ainda hoje, o fascínio do seguimento de Cristo, da sua vida e missão, e o apelo a formar Comunhão, onde a vida flui e se multiplica na partilha dos dons, e onde a intimidade com o Absoluto constitui testemunho do reino, no meio do povo de Deus e da comunidade humana.

3. A Consagração, como escolha de Deus e nossa resposta pessoal, leva consigo a missão. São como dois aspectos da mesma realidade.

Para nos referirmos diretamente à Missão na Vida religiosa, é necessário olhar para Aquele que, pela encarnação e pela vida, pela sua morte e ressurreição, nos mostra o caminho, que é consequência, realização e fidelidade à Missão. Jesus

aceita essa condição, manifestando abertura total ao plano de realização do Pai, concretizando-o, como Ele mesmo diz: "Vim ao mundo para anunciar a Boa Nova do Reino de Deus". "Por isso fui enviado". A Igreja, por sua vez, é continuadora da própria missão de Jesus Cristo, encarregada de gerar novos filhos e filhas na fé e de ser "sacramento universal de salvação, anunciando o Evangelho".

A Vida Consagrada é testemunho público da vocação à santidade, vivendo na Igreja a Comunhão e para a Missão, mediante o anúncio persistente e alegre das verdades do Reino, reveladas por Jesus.

A Maria, Mãe da Igreja, entregamos as nossas esperanças e os nossos desafios, na confiança filial de nos transformarmos e nos tornarmos, na Igreja, manifestação de amor e anunciadoras do Evangelho.

III. DOS BISPOS

A IGREJA CHAMA OS RELIGIOSOS À RENOVAÇÃO

D. Leonard Anthony Boyle
Bispo de Dunedin (Nova Zelândia)

As opiniões sobre o valor do Sínodo variam. Alguns pensam que será uma iniciativa infrutuosa, enquanto outros crêem que ele seja oportuno, porque a vida religiosa receberá o justo reconhecimento da Igreja, numa época de difícil transição. A esperança principal é que muitos recebam a inspiração, para pôr à prova a própria vocação, e que o Sínodo ressalte as dificuldades que se encontram na vida religiosa. Quando chegar o momento de redigir o documento do Sínodo, é para desejar que ele reflita os sentimentos dos religiosos, os

quais possam considerá-lo seu.

O Sínodo deveria oferecer esperança renovada, ajudando os religiosos a viver completamente o seu carisma e, ao mesmo tempo, inspirá-los a encontrar leigos para compartilhar com eles a exprimir o espírito e a espiritualidade das Congregações, com as quais os leigos entram em contato.

Todos os religiosos desejam ser responsáveis no seio da Igreja, que os chama à renovação. Por causa do empenho permanente que os religiosos assumiram com o ministério, eles chegaram a amar a Igreja com as suas imperfeições, como sinal de esperança. Eles pedem ao Sínodo uma declaração que seja vivificante e empenhativa, sem restrições inúteis. O Sínodo, em si mesmo, é um sinal de importância que reveste para a Igreja a vida consagrada.

Sem dúvida, ao determinar e ao satisfazer as necessidades da sociedade, os religiosos desejam também pôr em evidência as causas escondidas do mal-estar social, a fim de eliminar a injustiça onde quer que ela se apresente. Eles são capazes de falar de modo uníssono e com decisão sobre questões sociais, questões de justiça, especialmente as concernentes à moradia, à saúde, à educação, às mulheres e às crianças em perigo.

Do ponto de vista histórico, a Igreja chegou ainda recentemente à Nova Zelândia. Em 1840, Pompallier, o primeiro Bispo, esteve presente no ato da assinatura do Tratado de Waitangi, que é o acordo entre a Tangata Whenua e a Coroa Britânica, a respeito das relações entre os Maori e os povos colonizadores. Os religiosos nos últimos anos desempenharam um papel importante ao levar a Igreja à aceitação do Tratado. Os religiosos Maori estão ocupando-se da formulação do Plano Pastoral para os Maori, sob a orientação do Bispo Maori.

Os seus Superiores mais importantes encontram-se anualmente com o Bispo da Nova Zelândia para discutir questões de interesse comum. Cada Bispo diocesano, além disso, encontra-se anualmente com os chefes das Congregações religiosas presentes na sua diocese. Os leigos, que participaram na consulta para o Sínodo, expressaram a necessidade de que os religiosos mantenham as pessoas informadas acerca das mudanças e das diversas formas de ministérios que por eles foram assumidas.

A experiência atual da vida apostólica religiosa nesta parte do mundo evidencia a necessidade de desenvolver uma teologia, uma espiritualidade e uma liturgia apropriadas e uma expressão da vida religiosa adequada aos nossos tempos e à nossa particular cultura, no âmbito do Pacífico Meridional.

AS CARACTERÍSTICAS FUNDAMENTAIS DA VIDA DO "ASHRAM"

D. Gali Bali
Bispo de Guntur (Índia)

Na Índia a tradição do *Ashram* tem três milênios de experiência de "vida consagrada", e pode oferecer muito à renovação da vida religiosa na Índia e no mundo. Os *Ashrams* cristãos na Índia são de origem recente.

Os *Ashrams* da Índia podem ser classificados basicamente em três categorias:

a) os *Jnana Ashrams*, no âmbito dos quais se insiste na contemplação, no estudo das escrituras e no canto;

b) os *Bhakti Ashrams*, que também se dedicam à piedade espontânea do povo;

c) os *Seva Ashrams*, cuja orientação é o serviço da humanidade.

A maior parte dos *Ashrams* tem em comum estes três aspectos, mas com diferentes perspectivas. A procura radical de Deus, que está no centro da vida do *Ashram*, é também a justificação última da vida consagrada na Igreja.

Os *Ashrams* são extremamente importantes no nosso tempo, porque respondem aos problemas da sociedade contemporânea. As pessoas desejam fortemente uma profunda experiência pessoal de Deus; sentem-se sozinhas e isoladas e são vítimas da AIDS; existe muito bairrismo, rivalidades religiosas, injustiças, opressão dos pobres etc. Os *Ashrams* saciam a sede que as pessoas têm de experimentar Deus, promovem a fraternidade universal, acolhendo todos e oferecendo hospitalidade ao coração, à mente e ao espírito. Os *Ashrams* são lugares em que os fiéis de diferentes crenças podem encontrar-se no nível da experiência interior, e agem também como

impulsos para a libertação socioeconômica dos pobres.

As características fundamentais da vida do *Ahsram* são as seguintes:

a) experiência de Deus: o *Ashram* é um lugar em que as pessoas experimentam Deus; tudo na vida do *Ashram* deve ser um instrumento ou um resultado da contemplação;

b) atmosfera de paz serena: a paz prevalece no *Ashram* embora haja também uma busca séria, sob várias formas, da experiência de Deus e do serviço ao próximo;

c) comunidade aberta: *Ashram* está aberto a todos, ou seja, a homens, mulheres, casais, pessoas simples, ricos, pobres de qualquer crença, cultura ou nacionalidade, com única condição de procurar Deus;

d) um estilo de vida simples: segundo a espiritualidade indiana, aqueles que estão empenhados na busca de Deus devem viver com o mínimo indispensável e, portanto, os *Ashrams* tornam-se comunidades simbólicas;

e) liberdade e flexibilidade: o *Ashram* tem necessidade de uma comunidade, estruturada de maneira muito menos rígida do que o mosteiro cristão ou a casa religiosa tradicional. Os esforços são concentrados na criação de uma atmosfera de oração.

O BISPO DEVE DISCERNIR, REGULAR, MODELAR E PROMOVER A VIDA CONSAGRADA NA SUA DIOCESE

D. Javier Lozano Barragán
Bispo de Zacatecas (México)

Segundo *Christus Dominus* n. 11, podemos entender os Institutos de vida consa-

grada numa diocese como uma correlação carismática, que converge ontologicamente para a comunhão com o Bispo diocesano. Esta convergência realiza-se na Eucaristia episcopal. O Bispo convoca a Igreja mediante a Eucaristia. De igual modo convoca a vida consagrada. E, ao convocá-la, torna-se o centro da unidade da sua Igreja particular, na qual, portanto, estão presentes de modo analógico a distinção das pessoas em Deus e a sua unidade. Fora desta convocação não há Igreja. Dela derivam os carismas conferidos pelo Espírito Santo. Dela os religiosos recebem a sua apostolicidade, a sua capacidade de dar testemunho, a sua sacramentalidade, como portadores do mistério de Deus.

A sua aprovação pontifícia, porém, coloca-os numa íntima relação com o primado, o qual é a fonte da solidez e da unidade de todas as Igrejas particulares, e por isso os religiosos devem colaborar para a identidade da própria Igreja particular, juntamente com o seu Bispo, e para a unidade desta com as outras Igrejas particulares, e com o Papa para a universalidade católica.

Compete, portanto, ao Bispo discernir, regular, modelar e promover a vida consagrada, fazendo-a convergir na sua diocese. Um paralelismo pastoral na Diocese é absurdo, pois não procederia da missão de Cristo, não seria apostólica nem testemunhal, contradiria a unidade da Eucaristia. A singularidade do carisma implica respeitá-lo, fazendo-o convergir na unidade diocesana para garantir a eclesialidade.

AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA DEVEM PROMOVER A UNIDADE DE TODOS OS CRISTÃOS

Card. Edward Idris Cassidy
Presidente do Pontifício Conselho para
a Promoção da Unidade dos Cristãos

Uma das grandes aspirações dos cristãos nos anos conclusivos do século XX é, sem qualquer dúvida, o restabelecimento da unidade no interior da comunidade cristã. O Papa João Paulo II fez sua esta aspiração e afirmou em numerosas ocasiões que a busca da Unidade cristã é uma prioridade pastoral do seu pontificado.

O Diretório para a Aplicação dos Princípios e das Normas sobre o Ecumenismo, aprovado pelo Papa João Paulo II no dia 23 de março de 1993, afirma de maneira inequívoca que o ecumenismo não é uma tarefa somente dos pastores ou de algumas pessoas escolhidas no interior da Igreja, mas “diz respeito a todos os fiéis, que são chamados a rezar e a trabalhar em favor da unidade de todos os cristãos, sob a guia dos seus Bispos” (E.D, n. 4).

É, portanto, compreensível que os membros dos Institutos de vida consagrada e das Sociedades de vida apostólica enumerem entre as próprias prioridades a promoção da unidade cristã. Com efeito, uma das novidades da edição revista do Diretório para a Aplicação dos Princípios e das Normas sobre o Ecumenismo é uma seção especial, no interior do capítulo sobre a Organização na Igreja católica do Serviço da Unidade cristã, o qual é intitulado: Institutos de vida consagrada e Sociedades de vida apostólica (nn. 50 e 51).

Alguns valores que têm um papel essencial na vida consagrada e apostólica — o Diretório menciona a conversão do coração, a santidade pessoal, a oração pública e particular e o importante serviço à Igreja e ao mundo — “estão no centro do Movimento ecumênico”.

SUGESTÕES ÚTEIS PARA O DISCERNIMENTO

Cardeal Carlo Maria Martini
Arcebispo de Milão (Itália)

Refiro-me aos números 37-38 do *Instrumentum laboris*, que têm como título: “Co-

munidades novas e formas renovadas de vida evangélica” e “Rumo a novas formas de vida consagrada?”.

Trata-se daqueles problemas de fronteira, que ajudam a aprofundar a substância de uma doutrina, aqui em particular a concernente à natureza da “consagração”.

Este tema já foi tratado por D. Fernandes de Araújo (XI Congreg.), e não repito o que ele já disse.

A pergunta que me faço é a seguinte: como se deve regular um Bispo, chamado a exercer o discernimento sobre algumas destas novas comunidades, quando ela apresenta formas diversas das que estão previstas pelo Código? Por vezes, encontramos-nos como o dono do campo, na parábola de Mt 13, 24-30, com a diferença que não sabemos nem sequer compreender bem se no campo está a entrar deveras o joio, ou se todo o trigo é bom.

Um princípio geral de discernimento é exposto no *Instrumentum laboris*, n. 37. É o princípio da necessária “continuidade” das formas novas com as formas antigas. Mas continuidade não significa identidade.

O problema de formas novas é posto em particular para aquelas descritas no n. 37 do *Instrumentum laboris*, isto é, onde não existe uma uniformidade interna: têm-se, por exemplo, na mesma agregação tanto homens como mulheres, ou então membros que assumem os conselhos evangélicos em perpétuo e outros que se empenham só durante alguns anos; membros que vivem em comunidade e membros que vivem sozinhos; membros que se empenham no celibato e membros casados etc.

Depois de ter exposto alguns dos argumentos pró e contra estas formas, concluo desejando que se fale mais amplamente a respeito disto, também nos Círculos Menores, em vista de alguma linha útil para o discernimento. Pareceria mais oportuno que o discernimento fosse feito, antes de mais, em nível das Igrejas particulares.

OS CONSAGRADOS NÃO PODEM CALAR DIANTE DO DRAMA DOS MARGINALIZADOS

D. Philippe Nkiere Kena
Bispo de Bondo (Zaire)

1. Homens, mulheres e populações marginalizadas, na África como noutras partes, não devem ser considerados como cidadãos de série B. Todos pertencemos a uma mesma humanidade, na qual o Filho de Deus se fez carne assumindo os nossos limites e fragilidades. “Também o galo que canta mais forte provém de um pequeno ovo”, diz um provérbio africano.

A luta por uma verdadeira igualdade humana de todos, homens e mulheres, em nome de Jesus Cristo, “o primogênito de entre os mortos”, é um verdadeiro desafio para os consagrados da África.

2. O mundo dos marginalizados, com a sua própria existência, denuncia os sistemas económicos e políticos modernos, nos quais o dinheiro e a eficiência são idolatrados, considerados mais importantes do que o homem. Os consagrados não podem calar diante desta realidade. Devem continuar a denunciá-la.

Conceder um lugar prioritário aos marginalizados desestabiliza a ordem constituída deste mundo e desencadeia perseguições contra aqueles que o fazem. Só através do poder do Espírito de Jesus Cristo os consagrados podem empreender este caminho rumo aos rejeitados.

3. Os marginalizados indicam ao mundo que um caminho novo de convivência fraterna é possível. Esse caminho passa através daqueles que são o rosto vivo do Crucificado.

Tornando-se n’Ele, o Crucificado-Resuscitado, irmãos e irmãs dos marginalizados, mediante uma solidariedade efetiva e

uma real partilha, os homens e as mulheres consagrados manifestam o “já aqui” do mundo fraterno que virá. São “sentinelas” que anunciam que a noite das discriminações cederá o lugar a um novo dia, onde todos e todas se sentarão ao redor da mesma mesa. Então se manifestará plenamente o rosto do Messias.

Os membros dos Institutos estão também empenhados em inúmeras atividades que podem ser consideradas importantes no processo ecumênico. Aqueles que dirigem os Institutos para a educação têm a possibilidade de contribuir para a formação ecumênica das pessoas que os frequentam. Desejo também mencionar neste âmbito a importância da atual apresentação nas nossas escolas e nalguns Institutos de formação, dos relacionamentos existentes entre os cristãos e o povo judeu.

A presença no meio de nós, no âmbito deste Sínodo, de “testemunhas da tradição de vida consagrada em outras Igrejas cristãs e nas Comunidades eclesiais” é muito apreciada, porque representa um setor em que o intercâmbio ecumênico e espiritual pode ter uma particular importância para todo o movimento ecumênico.

Assim como em numerosas fases de desenvolvimento na história da Igreja as comunidades religiosas estiveram no centro do movimento, e até mesmo o guiaram, de igual modo muitas tiveram um papel prioritário na promoção da Unidade cristã, no interior da Igreja católica.

VIDA RELIGIOSA E CONSELHOS EVANGÉLICOS NO CONTEXTO AFRICANO

D. Jean-Baptiste Somé
Bispo de Diébougou (Burkina Fasso)

Depois de ter acolhido favoravelmente o conceito de Igreja-Família, apresentado

pelo Sínodo Especial para a África, o Continente Africano sente-se feliz em inspirar-se nele para introduzir as próprias propostas no Sínodo dos Bispos sobre a vida consagrada. Dada a importância do tema para toda a Igreja, a nossa reflexão fundada sobre a doutrina da Igreja universal concentrar-se-á nalguns aspectos concernentes à vida consagrada. A nossa intervenção pode ser resumida em três pontos principais:

I. A vida religiosa e os Conselhos evangélicos no contexto africano

Não há dúvida de que estamos vivendo em um mundo de permissivismo, que exerce uma evidente influência no comportamento dos homens. A África subsariana, em particular, está caracterizada pelo animismo. É neste contexto que se deve desenvolver a vida consagrada, que surge como uma âncora lançada no terreno firme da descoberta e do maravilhoso encontro com Jesus Cristo.

O voto de pobreza (IL, 53)

O nosso Continente já vive um estado de pobreza material, habilmente mantido pelo sistema capitalista; a desvalorização do franco C.F.A. agrava essa situação, já carente. O Burkina Fasso encontra-se entre os Países Menos Avançados (P.M.A.), com uma economia essencialmente agrícola e com mais de 90% da população composta de analfabetos, quase sempre vítimas dos fatores climáticos.

No meio dessa população, os religiosos e as religiosas, não obstante o seu estilo de vida simples, são considerados privilegiados (IL, 3 e 29; confira também Padre Marcelo de Carvalho Azevedo: *Os religiosos, vocação e missão*, o Centurião, 1985, p. 47).

A obediência

É o abandono da própria pessoa a Cristo, a fim de que Ele possa continuar a obedecer à vontade de seu Pai, para a salvação do mundo. Esta obediência, longe de ser uma disposição organizativa e disciplinar, encontra no conceito africano de Família os próprios fundamentos: com efeito, na organização da Família africana, os membros obedecem à autoridade do chefe, mas sempre no interesse superior do conjunto; este gênero de obediência, que não implica necessariamente uma prévia consultação do indivíduo, não exclui absolutamente um diálogo com o próprio indivíduo.

A castidade

No ambiente africano tradicional, a castidade não constitui um obstáculo; é-o, antes o celibato consagrado à vida. A vida religiosa pode fundamentar-se neste conceito de pureza pré-nupcial, a fim de propor aos membros a castidade como sinal profético portador de salvação em Cristo, para o mundo. Deste modo, no seio de uma sociedade que está perdendo os valores humanos fundamentais a pessoa consagrada, graças à sua constante fidelidade ao voto de castidade, constituirá sempre um apelo para o homem contemporâneo. Ela tomará como modelo de fidelidade indiscutível, Abraão e Moisés, que esperavam contra todas as esperanças (Hb 11, 27).

Esta reformulação da vida religiosa no contexto africano apresenta problemas sérios enquanto exige, contemporaneamente, não só uma revisão das mentalidades no seio dos Institutos, mas também uma redefinição do ritmo da vida religiosa e do estilo de vida das pessoas consagradas.

II. O problema da escassez dos meios materiais e financeiros

As Congregações religiosas, sobretudo as de origem autóctone, ressentem forte-

B
I
B
L
I
O
T
E
C
A
R
I
A
C
A
P
I
T
U
L
O
I
N
O

mente da situação econômica catastrófica dos povos africanos. Contrariamente ao que se verifica nos Países do Norte da África, estamos assistindo neste momento a um florescimento de vocações sérias. Infelizmente, os Institutos e as Igrejas locais não possuem os meios para concluir a educação a ser dada aos jovens consagrados a Deus: escassez de centros de acolhimento, número insuficiente de formadores, ausência de recursos etc.

A solidariedade entre os Institutos dos Países ricos e os dos Países pobres é uma exigência evangélica. Lançamos, por fim, um premente apelo às organizações católicas e aos organismos da Igreja, a fim de que incrementem a própria assistência em favor dos projetos pastorais.

III. A integração dos Institutos religiosos na pastoral diocesana

As Igrejas locais sentem-se felizes em poder contar com a presença de diversos Institutos Internacionais que trabalham com as congregações autóctones; isto revela bem a universalidade e a unidade da Igreja, Corpo de Cristo.

Por fim, a participação nas necessidades da Igreja local, segundo o carisma próprio do Instituto, é indispensável. Os Institutos vigiarão por que não se caia no desempenho pastoral nem no egoísmo individual perante a tomada de consciência e o espírito crítico dos Africanos: de fato, o Espírito que desperta para a missão ao Apostolado é o mesmo ontem e hoje.

AS FORMAS DE VIDA MONÁSTICA E ASCÉTICA NA ÍNDIA

D. Marianus Arokiasamy
Arcebispo de Madurai (Índia)

A Índia está abençoada há cerca de três mil anos, mediante diversas formas de vida monástica e ascética. Os monges Jain e Budistas, bem como os Indus Saniasis, constituíram um sinal da busca radical do absoluto. A sua busca exclusiva do Nirvana, que é a total transformação, ou Mocsá, isto é, a libertação definitiva, a sua vida de Tapas, que é a renúncia completa dos bens terrenos, o permanente Bramacharya, que é o celibato e a devoção ao Guru, o mestre, tiveram uma influência determinante em muitos lugares da Ásia e, em particular, na Índia. Os religiosos consagrados na nossa época podem encontrar inspiração e uma válida lição entrando em contato e estabelecendo diálogo espiritual com estas antigas tradições.

Quando se fala da inculturação da vida religiosa, diz-se com freqüência que não existe uma vida consagrada autenticamente cristã que não esteja fundamentada no Evangelho e na cultura do povo. Infelizmente, a vida cristã consagrada na Índia tem, em grande parte, ignorado os sentimentos religiosos desse subcontinente. Até mesmo aquelas congregações que nasceram na nossa terra e que foram fundadas por Indianos, se têm inspirado, no que se refere à sua espiritualidade e ao seu estilo de vida, mais no Ocidente do que propriamente na Índia. Por conseguinte, elas afastaram-se da cultura local. Portanto, é difícil para elas viver de maneira radical o seu apostolado cristão e, como consequência disto, esmorece a sua força de testemunho. O Ioga e a meditação transcendente não se tornaram métodos de oração.

Os grandes pioneiros da Missão Madurai, de onde sou oriundo, Roberto de Nobili e Constantino Beschi, constituíram dois raros exemplos de completa inculturação. Vestiam-se como Indus Saniasis e pregavam o Evangelho, viajando em toda a nossa região. Eles contribuíram grande-

mente para a criação da literatura cristã em Tâmil (uma língua falada por 60 milhões de pessoas) e sentimo-nos orgulhosos deles. O estilo de vida dos Indus Saniasis não é fácil para nós, que estamos acostumados ao conforto e às facilidades do mundo moderno. Estar sentado em oração e em contemplação, no pavimento, com as pernas cruzadas, ser vegetariano durante a vida inteira, não fumar e não beber vinho nem qualquer outra bebida alcoólica constituem regras que exigem uma renúncia e mortificação totais.

IRMÃOS LEIGOS NAS COMUNIDADES MISTAS DE SACERDOTES E IRMÃOS

D. Armando Trindade
Arcebispo de Laore (Paquistão)

Objeto: *Irmãos leigos nas Comunidades mistas de sacerdotes e irmãos.*

Falo em meu nome, mas creio que exprimo os sentimentos de pelo menos duas Ordens maiores, que estão servindo no Paquistão.

A questão é apresentada diretamente pelo *Instrumentum laboris* quando, no n. 32, diz: "Pede-se ao Sínodo que resolva a questão da participação dos Irmãos no governo dos institutos clericais e mistos...".

Numerosas vezes, os Irmãos leigos são confundidos. Não são considerados nem carne nem peixe e, contudo, são membros integrais da vida consagrada e dão um evidente tributo ao progresso e ao bem-estar da Igreja, sobretudo no campo da educação.

O *Instrumentum laboris* afirma claramente que "a vida consagrada", por sua natureza, não é nem clerical nem laical" e que desde as suas origens foi prevalentemente laical (*IL*, 32).

Portanto o sacerdócio não constitui a essência da vida consagrada, mas, com o decorrer dos anos, o sacerdócio pôs completamente na sombra a vocação do Irmão leigo nas comunidades mistas, e o "status" de irmão leigo está ligado ao desempenho de tarefas humildes, tais como porteiro, cozinheiro ou no campo da manutenção em geral.

Prescindindo do sacerdócio, o Irmão leigo é igual aos sacerdotes membros da sua Ordem. Porque a vida consagrada tem as suas raízes na consagração batismal e é a sua maior expressão (*IL*, 50).

Registrou-se um recente despertar da questão sobre a distinção fundamental, entre a vida consagrada e o sacerdócio, pelo menos nas Ordens que eu conheço — os Frades Menores e os Capuchinhos que servem na nossa Arquidiocese —, os quais começaram a chamar-se "irmão"... um termo usado por todos os membros — sacerdotes e irmãos leigos — criando com isto um pouco de confusão, mas uma sã confusão criativa, penso eu.

Em alguns casos, a comunidade mista quis ter como guia um Irmão leigo, mas a autorização foi-lhe negada; e quando, num caso excepcional, esta autorização foi concedida, isto aconteceu só depois de um longo e tenso diálogo.

Gostaria de insistir em que esta questão fosse deixada às próprias Ordens religiosas. Os Irmãos leigos deveriam poder ser eleitos Superiores nas Comunidades mistas, de sacerdotes e irmãos leigos, e poder ocupar qualquer função administrativa, se tiverem a competência necessária para desempenhar essa função. A Ordem deveria avaliar tudo isto.

Deve ser posta uma especial ênfase na devida e oportuna formação humana, teológica, pastoral e profissional, dos irmãos leigos. Como sugere o *Instrumentum laboris*.

O TESTEMUNHO DA VIDA RELIGIOSA NO CAMINHO HISTÓRICO DA AMÉRICA LATINA

D. Ubaldo R. Santana Sequera
Bispo de Cidade Guaiana (Venezuela)

1. Esta intervenção, que faço a título pessoal, refere-se a alguns aspectos particularmente significativos que, na minha opinião, caracterizaram a vida religiosa no período pós-conciliar. A vida religiosa experimentou um profundo e completo processo de renovação, que produziu ricos frutos na Igreja e em muitos setores da sociedade. Não foi um processo quimicamente puro; teve luzes e sombras, heroísmos e fraquezas, mas, olhando para as coisas numa perspectiva de fé, foram mais fortes as luzes do que as sombras.

2. Entre as luzes acendidas pelo testemunho da vida religiosa no caminho histórico da América Latina, podemos elencar as seguintes:

a) Audazes aberturas às realidades seculares, para testemunhar dentro delas Jesus Cristo e responder aos desafios mais urgentes.

b) Regresso às fontes batismais da consagração, que teve como conseqüência uma maior aproximação, dos religiosos e das religiosas, aos leigos; com a conseqüencial descoberta das riquezas e das exigências desta relação.

c) Regresso às fontes do carisma de fundação, que rejuvenesceu muitos Institutos e provocou o florescimento de novos modos de ser testemunhas da radicalidade evangélica e de responder criativa e corajosamente às urgências da Nova Evangelização.

d) A aparição de uma espiritualidade adequada à evangelização inculturada, que

favoreceu a consagração a Deus, o seguimento de Cristo e a missão na Igreja, a partir dos novos valores descobertos no povo.

e) As religiosas constituem um dos sinais mais claros de como a Igreja respondeu à urgência da Evangelização dos pobres. O estilo evangelizador das religiosas, feito de simplicidade e compaixão, abriu as portas a processos humanizantes, indispensáveis para manifestar a Igreja como Sacramento de Salvação.

3. Concluindo, a vida religiosa representa, nos dias de hoje, uma força decisiva com que a Igreja deve contar, para levar o Evangelho de Jesus Cristo aos novos areópagos da cultura moderna. A nós, Bispos, compete saber animar, compreender, discernir, retirando aquilo que é inadequado e incentivando o bem que, em última análise, constitui a maior parte da realidade da vida religiosa latino-americana.

DIMENSÃO MISSIONÁRIA DA VIDA CONSAGRADA

Card. Jozef Tomko
Prefeito da Congregação para
Evangelização dos Povos

1. A dimensão missionária é essencial para a vida consagrada

Não se trata de um elemento opcional. Os membros dos Institutos de vida consagrada, "dado que se dedicam ao serviço da Igreja, em função da própria consagração, têm a obrigação de prestar o seu serviço de modo especial na ação missionária, com o estilo próprio do Instituto".

Como se exprime o Código de Direito Canônico (cân. 783), é uma exigência que está inscrita na própria natureza da vida

consagrada, em todas as suas formas. A Encíclica "Redemptoris missio" é muito explícita a este propósito: "Nenhum crente (em Cristo), nenhuma instituição da Igreja se pode esquivar deste dever supremo: anunciar Cristo a todos os povos" (RM 3).

2. Urgência da missão "ad gentes"

Esta urgência resulta evidente do apelo do próprio Senhor Ressuscitado e do Apóstolo das gentes, retomado pelo Santo Padre no número 1 da Encíclica "Redemptoris missio". As estatísticas falam claramente: dois terços da humanidade ainda não conhecem Jesus Cristo.

Na Ásia, os católicos são apenas 2,6% e ali vivem 85% de todos os não-cristãos da terra.

Portanto, a era da missão não está absolutamente acabada. É uma tarefa que "compete a todos os cristãos, a todas as dioceses e paróquias, instituições eclesiais" (RM, 2). Ao manter a prioridade do anúncio, todas as vias da missão são boas e devem ser utilizadas sem exceções: testemunho, diálogo, promoção integral e inculturação.

3. Todos os Institutos de vida consagrada podem e devem encontrar a própria forma de participação na ação missionária, cada um em conformidade com o próprio estilo.

Este Sínodo deveria exprimir admiração e encorajamento, em primeiro lugar aos Institutos missionários, masculinos e femininos: "A vocação especial dos missionários "ad vitam" — de fato, como afirma o Santo Padre — mantém toda a sua validade" (RM, 66).

A missão "ad gentes" oferece extraordinárias possibilidades de expansão e de doação tipicamente femininas às religiosas missionárias. O serviço de mais de 140.000 irmãs que trabalham no campo da forma-

ção, catequese, saúde, educação, caridade e promoção é simplesmente insubstituível. Também os religiosos encontram na missão um vastíssimo campo de ação.

Todavia, hoje é necessário desenvolver também formas de presença missionária "ad tempus".

4. Por fim, é necessário reevocar os valores da vida consagrada que mais testificam Cristo, diante das culturas não-cristãs (profunda espiritualidade, vida ascética, desapego, castidade, humildade, solidariedade e paz interior). Mas o supremo testemunho ("martyrion") permanece o do amor até a oferenda da vida. Entre 1973 e 1993, foram enumerados mais de 280 mártires na missão, na sua maioria entre as pessoas consagradas!

A missão e a evangelização — este é o campo mais fecundo para a consagração, "para fazer de Cristo o centro do mundo!".

FORMAÇÃO DE BASE PARA O USO DOS "MASS MEDIA" NA DIFUSÃO DO EVANGELHO

D. John Foley

Presidente do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais

Se Jesus nos pediu que proclamássemos a sua boa nova sobre os tetos e a todas as nações, então as pessoas mais dedicadas a esta tarefa deveriam ser as que foram chamadas a seguir Jesus mais de perto, na vida consagrada.

Nos nossos dias, os meios para essa proclamação devem ser reconhecidos, antes de tudo, nos meios de comunicação social.

Todos aqueles que se dedicam à vida consagrada deveriam, pelo menos, receber

uma formação de base para um uso apropriado dos meios de comunicação social. O documento publicado pela Congregação para a Educação Católica, em 1986, "Orientações sobre os instrumentos da comunicação social", é um instrumento útil não só para os seminários, mas também para todos os centros de formação. O decreto conciliar "Inter mirifica" e as sucessivas Instruções pastorais, "Communio et progressio" e "Aetatis novae", deveriam ser estudados em todos os centros de formação — com particular atenção aos elementos para o plano das comunicações.

Em primeiro lugar, as pessoas dedicadas à vida consagrada deveriam aprender a ser usuários inteligentes dos meios de comunicação social. Um uso inteligente dos *mass media* — jornais, revistas, rádio e televisão — regulado com espírito religioso ou, melhor ainda, mediante uma feroz autodisciplina, pode fornecer não só um momento ocasional de distensão necessária, mas também uma informação essencial, uma motivação a mais para a oração pessoal e comunitária, um sentido mais profundo de compreensão e de solidariedade para com os nossos irmãos e as nossas irmãs no mundo inteiro, e uma familiaridade com a particular linguagem dos meios de comunicação social — uma compreensão invocada pelo Santo Padre na sua Encíclica "Redemptoris missio". Os meios de comunicação social usados oportunamente, podem ser instrumentos para obter um enriquecimento intelectual e espiritual; não deveriam nem têm necessidade de se tornar instrumentos de distração ou até mesmo de servidão.

Em segundo lugar, as pessoas dedicadas à vida consagrada deveriam ser conscientes dos elementos essenciais da comunicação — não para satisfazer à própria vaidade pessoal ou ao orgulho coletivo, mas para fazer conhecer o Evangelho de Jesus Cristo e a obra realizada em Seu nome por aqueles que O amam, a fim de que os outros possam participar na alegria,

que tivemos o privilégio de experimentar. A atenção à comunicação deveria, além disso, fazer parte de cada plano pastoral em todas as comunidades de pessoas consagradas, a fim de que a luz de Cristo possa ser mais claramente visível em tudo aquilo que fazemos. Em particular, as comunidades contemplativas deveriam orar pelo apostolado das comunicações e por aqueles que trabalham nos meios de comunicação social.

Em terceiro lugar, algumas comunidades de pessoas consagradas, em resposta à graça de Deus e em conformidade com o particular discernimento do seu Fundador ou da sua Fundadora, optaram por se especializar no setor das comunicações na Igreja, para difundir o Evangelho através dos meios de comunicação social. A respeito disso, vêm à mente, em particular, as comunidades inspiradas pelo Padre Tiago Aberione. Este último e a sua colaboradora, Madre Tecla, reconheceram, todavia, que a autêntica e a eficaz comunicação do Evangelho deve provir de uma vida de devoto amor por Cristo.

É importante que mais pessoas consagradas das numerosas comunidades se dediquem aos meios de comunicação social, como testemunhas da verdade divina e como arautos do Evangelho de Cristo. Certamente, eles podem ser homens e mulheres especializados no uso profissional dos meios de comunicação social, mas devem também estar imersos na oração e, portanto, ser transformados pela graça.

Os meios de comunicação social estão entre os instrumentos de maior influência no mundo de hoje; essa influência pode ser uma força válida a favor do bem, se um número cada vez maior de pessoas de boa vontade — incluindo de modo particular as pessoas dedicadas à vida consagrada, que refletem o exemplo de Jesus Cristo — se empenhar em proclamar, nos meios de comunicação social e através deles, aquela verdade que é a única que nos pode tornar livres.

IV. DAS RELIGIOSAS E RELIGIOSOS

A FEMINILIDADE DO POVO DE DEUS E A VIDA CONSAGRADA

Ir. Gilberte Baril

Irmãs Dominicanas Missionárias

Adoradoras (Canadá)

I. A personificação feminina da Igreja

A expressão "feminilidade do Povo de Deus" encontra o seu sentido em duas imagens bíblicas: a da união conjugal que simboliza a Aliança entre Deus e o Seu povo, e a da maternidade deste povo que colabora com Deus para a realização do seu projeto da salvação. O Novo Testamento mostra-nos Maria de Nazaré, a personificação por excelência desta feminilidade da Igreja, Esposa e Mãe.

Entre outras coisas, ressalto as três diretrizes mais importantes que brotam deste simbolismo. Ele mostra-nos, antes de tudo, a Igreja que recebe de Cristo Redentor o seu ser e a sua fecundidade. Esta dimensão faz-nos compreender a prioridade na vida da Igreja daquele comportamento de acolhimento ativo, que constitui a fé viva.

Um segundo significado, pôr em relevo a importância de uma real colaboração com aquela companheira humana que é a Igreja. Ao mesmo tempo, contudo, ressalta que esta colaboração só é fecunda na ordem da salvação mediante a ação de Cristo e do seu Espírito. Trata-se, mais uma vez, de uma referência à prioridade do acolhimento.

Por fim, se falamos em termos de maternidade da colaboração eclesial, compreendemos melhor que, no meio de todas

as atividades eclesiais, devemos ter como objetivo, antes de tudo, aquela Vida plena, oferecida por Deus às pessoas e às comunidades.

Não se pode negar que as mulheres, por sua natureza, podem ajudar o conjunto da Igreja a compreender e viver melhor riquezas reevocadas por este simbolismo feminino, desde que estejam bastante presentes e sejam ativas na vida e na missão do Povo de Deus.

II. A feminilidade da Igreja e a vida consagrada feminina

A História da Igreja mostra-nos de que modo, desde os primórdios, o Povo de Deus foi assinalado pelo empenho de numerosas mulheres, no dom radical a Cristo e na associação à sua missão de salvação.

Desta história emergem duas constantes: em primeiro lugar, o sentido muito forte da "mística" de comunhão viva em Cristo, que fez compreender a estas mulheres que uma autêntica maternidade espiritual brota do seu dom. A segunda constante, sobretudo nas formas de vida consagrada apostólica, cuja diaconia é múltipla: o sentido da proximidade das pessoas, acompanhada por uma atenção eficaz às suas necessidades concretas, enquanto expressão da solicitude de Cristo em relação a elas.

Os progressos realizados para melhor reconhecer a dignidade da mulher e favorecer a sua participação na vida da Igreja constituem uma ocasião privilegiada para uma presença ainda mais significativa das mulheres consagradas. Devemos, contudo, evitar dois obstáculos. Antes de mais nada, é necessário que uma visão antropológica justa da relação entre homem e mulher,

visão aberta às experiências atuais e futuras (f. João Paulo II, *Mulieris dignitatem*), contribua para evitar uma definição demasiado rígida do “ser mulher” e da feminilidade.

Segundo obstáculo: no empenho por tomar o lugar que nos compete, nós, mulheres consagradas, devemos preocupar-nos em não ofuscar ou diminuir a nossa riqueza particular enquanto mulheres; e isto requer da nossa parte serenidade, coragem e audácia. Quanto mais vivermos a dimensão “mística” da nossa vida consagrada, tanto mais seremos capazes de permanecer nós mesmas numa liberdade iluminada e fecunda.

Oxalá Maria, a primeira Igreja, ajude todo o Povo de Deus a compreender e acolher a sua qualidade feminina, que poderíamos de igual modo chamar a sua “qualidade mariana”.

O LUGAR DOS IRMÃOS LEIGOS NOS INSTITUTOS CLERICAIS

Frei Hermann Schalück
Ministro-Geral da Ordem dos Frades Menores Franciscanos

A minha intervenção concerne à vocação e ao lugar dos Irmãos leigos nos Institutos clericais. Sabe-se que 34% dos representantes da vida religiosa masculina são constituídos por leigos, mas a sua situação é diversa.

Uma parte pertence aos Institutos estritamente leigos. Mas a Maioria faz parte daqueles Institutos a que o Direito canônico chama clericais. Entre estes últimos, distinguem-se duas categorias: aqueles para os quais o presbítero é parte essencial do carisma do Instituto; aqueles que estão abertos indiscriminadamente ao clero e aos leigos.

Assim, para citar apenas um caso, o da Ordem dos Frades Menores — mas muitos outros Institutos se colocam na mesma linha — em cuja Regra, aprovada por alguns Papas no início do século XIII, Francisco de Assis põe num mesmo plano “os frades pregadores, orantes, trabalhadores, tanto clérigos como leigos”. “A todos, indiscriminadamente, pode ser confiado o serviço da autoridade” (*1 Reg. 17, 4-5; 2 Reg. 7,2*).

Ora, o atual Direito canônico (cân. 588) conhece só duas categorias de Institutos masculinos: clericais e laicais. Os Irmãos leigos, que pertencem aos Institutos clericais, não têm, em relação àquilo que se refere à vida religiosa, os mesmos direitos do clero.

Para fazer justiça aos Institutos que, pelo seu carisma e pelas suas origens, não são clericais, o *Instrumentum laboris* propõe uma terceira categoria, os Institutos mistos, onde clero e leigos teriam, segundo uma legislação própria, os mesmos direitos e as mesmas responsabilidades em relação à sua vida religiosa.

Em nome da minha Ordem e dos muitos Institutos que se reconhecem neste grupo, peço ao Sínodo que seja reconhecida juridicamente a existência de Institutos mistos, e que também os leigos, que deles fazem parte, possam participar plenamente na vida dos seus Institutos, também no seu governo.

ESTILO DE VIDA E TESTEMUNHO

Ir. Sara Olga Pérez Muñoz
Superiora Provincial das Missionárias da Imaculada Conceição
Presidente da Conferência Cubana dos Religiosos e Religiosas ICUBAL

Numa Igreja despojada de poder, sem instituições nem meios de comunicação social, pobre de pessoal e confinada dentro das paredes dos templos, mas que agora conhece uma nova primavera, cresce a vida religiosa em Cuba. Eis aqui algumas das suas características.

Ao mudar o lugar da nossa missão, devido às circunstâncias, mudou também o estilo da nossa vida. O Concílio Vaticano II iluminou este processo de mudança. Do ensino e da assistência social organizados em grandes instituições, passa-se a um trabalho de educação para a fé, nas grandes catequeses paroquiais ou nos centros de religiosidade popular; a um anúncio do Evangelho, mais pelo testemunho do que pela palavra, ainda que se aproveitem todas as "portas abertas" para o proclamar; a um exercício da caridade com os enfermos, anciãos e crianças deficientes, sobretudo mediante as visitas às casas e aos hospitais. São tão poucos os nossos centros de assistência! Em toda Cuba, a Igreja tem sete lares para a terceira idade, um centro para crianças deficientes e um centro de higiene mental. Contudo, que magnífica atenção neles se oferece às pessoas! Até os dirigentes da Revolução os reconhecem como modelos.

A vida comunitária torna-se mais simples, fraterna e próxima do povo. A nossa consagração ao Senhor, mediante os votos, vê-se fortemente interpelada pelo ambiente. Que sentido tem consagrar-se a alguém que para eles não existe? Só a partir de uma experiência de fé em Deus, Uno e Trino, se pode viver com alegria, liberdade e plenitude de entrega, este seguimento radical de Cristo.

Perante a excessiva valorização do amor humano feita pela nossa sociedade, o nosso voto de castidade é um sinal que o povo entende, quando nos vê disponíveis, soli-

dários, gratuitos. Perante a angústia e o desespero das carências imediatas, a insegurança devido ao futuro imprevisível e à falta de esperança, o nosso voto de pobreza, no qual partilhar é um fato, fala por si mesmo ao povo simples. Perante a apatia no trabalho, a falta de participação e a criatividade, o nosso voto de obediência distingue-nos pela alegria e a dedicação ao serviço do próximo.

A nossa vida consagrada é um bonito testemunho, mas está sempre chamado a pôr em prática "a verdade da nossa consagração", numa realidade que nos desafia com a perda dos valores humanos e o deterioramento da pessoa; com a falta de formação religiosa, o desespero e a falta de perspectiva do povo; com a pobreza a todos os níveis e a falta de um projeto social que integre todos no respeito, na liberdade e no diálogo. A nossa exigência é uma conversão contínua para acolher os pensamentos e os sentimentos de Cristo e transpô-los em gestos concretos, que anunciem a verdade do homem, a verdade de Cristo e a verdade da Igreja.

Tudo isto constitui um forte apelo a desenvolver os nossos carismas com a mesma criatividade do Espírito, que os inspirou e nos torna conscientes da necessidade de uma formação sólida, inculturada, tanto em nível inicial como permanente, sem esquecer o autêntico discernimento vocacional.

Perante esta enorme tarefa, sentimos a falta que temos de pessoal. Como havemos de desempenhar esta grande missão, se o número dos religiosos e das religiosas é sete vezes inferior ao de 1961, enquanto a população de Cuba duplicou? Para superar esta pobreza, aguardamos, com toda a esperança, a Providência do Pai e também a resposta generosa dos Institutos Religiosos a esta chamada da Igreja em Cuba.

B
I
C
U
S
S
O
R
I
O
>
E
C
C

A VOCAÇÃO DO IRMÃO NAS CONGREGAÇÕES LAICAIS, CLERICAIS OU MISTAS

Ir. Pablo Basterrechea, F.S.C.
Secretário-Geral da União dos
Superiores-Gerais (Roma)

A vocação do religioso leigo, comumente conhecido como “o irmão”, mereceu, segundo o “Instrumentum laboris”, uma atenção especial nos numerosos estudos e nas respectivas comunicações que prepararam este Sínodo.

É lamentável que o Povo de Deus tenha desta vocação particular uma idéia pobre e errada. Muitos consideram-na uma vocação religiosa incompleta, “de segunda categoria”: uma vocação que se oferece àqueles que não têm aspirações ou talento suficiente para abraçar o sacerdócio. É uma idéia falsa que faz com que muitos, de certo, não a queiram abraçar.

Pelo contrário, a vocação do religioso leigo é uma expressão particular — segundo as palavras de João Paulo II — “de total consagração ao reino, é expressão da santidade da Igreja e contribui de modo eficaz e original para o desenvolvimento da missão da Igreja”. A vocação religiosa “nasceu com a configuração tipicamente laica... Não se pode pensar na vida religiosa na Igreja, sem a presença desta vocação laical”, como recordava o próprio Papa.

Nas Congregações clericais, os irmãos convertidos ou coadjutores foram sempre de grande ajuda, para permitir que os religiosos sacerdotes se dediquem plenamente às obras do seu ministério. A sua obra geralmente modesta hoje em dia requer uma certa profissionalidade mais qualificada. Com uma formação teológica suficiente, há de chegar o dia em que participarão mais diretamente nos conselhos e

órgãos de decisão da sua comunidade, e que poderão também aceder às funções de governo do seu Instituto em todos os seus níveis.

Os Institutos meramente laicais viram de modo explícito reconhecida, a partir do Concílio, “a grande utilidade que a sua ação supõe para a atividade pastoral da Igreja”. É muito importante que na inspiração e no modo de pôr em prática os seus valiosos serviços educativos, de saúde ou de outra ordem, aprofundem sempre a eclesialidade e a ministerialidade que os seus Fundadores sempre procuraram.

Nas várias categorias de religiosos leigos, insiste-se cada vez mais na formação profissional e teológica dos seus membros. Esta ajudá-lo-á a meditar e a aprofundar o verdadeiro sentido do seu trabalho e a desempenhá-lo cada vez melhor. A sua vocação específica torna-os cada vez mais próximos e sensíveis aos problemas, às iniciativas e aos trabalhos dos “chistifideles”, dos seculares convocados também a empenharem-se na nova evangelização. Favorecer com eles a animação e a integração do seu trabalho ao serviço da missão, promovendo os novos movimentos em tal sentido, permitir-lhe-á continuar a melhorar os seus serviços de evangelização. Neles, não de dar sempre uma sincera prioridade à promoção total dos pobres e marginalizados, num compromisso evangélico pela causa da justiça.

A VIDA CONTEMPLATIVA HOJE

Ir. Cristiana Piccardo
Priora do Mosteiro Cisterciense de Nossa
Senhora de Coromoto (Venezuela)

A vida contemplativa hoje não é fundamentalmente diversa da de ontem e de sempre. Ela é *memória e vigília*, antes de tudo, através da sua *celebração litúrgica*.

É memória, celebração da memória das “mirabilia Dei”, do que recebemos, da promessa pela qual vivemos, da aliança com Deus, do nosso destino. É vigília, sinal da esperança do reino, consciência do primado de Deus, do direito de Deus sobre o homem, de Cristo, sentido e destino da história.

Mas a vida contemplativa é memória e vigília também através de toda a experiência que a compõe, a sua *realidade comunitária* que tende a exprimir uma eclesialidade, uma comunhão que nunca é gratuita, mas apaixonadamente desejada. É memória e vigília, além disso, com a *dimensão ascética* que lhe é própria e que está em ordem a uma essencialidade luminosa e uma transparência interior; através do *trabalho* que nos irmana aos pobres e é colaboração no plano divino e, por fim, mediante o mistério do acolhimento.

Neste sentido, o monaquismo, cuja presença diz que o absoluto de Deus é plenitude de significado e júbilo em existir para o Reino, não é diferente do de ontem, e a sua mensagem continua a ser sempre a mesma: o homem é feito para Deus, e não encontra paz enquanto não adere a Ele e não repousa só n’Ele.

É evidente, contudo, que também à vida monástica se apresentam problemas de adaptação, de inculturação e de presença a um hoje histórico diverso do passado. Enquanto na Europa — lugar de origem da Ordem Cisterciense — se faz sentir o problema do *envelhecimento das comunidades e da diminuição de vocações*, fora da Europa multiplicam-se as fundações (37 fundações depois do Vaticano II). A consequência positiva, porém, foi que a *universalidade* entrou no coração das nossas comunidades, e tivemos que assumir os valores básicos da nossa vida com maior profundidade e responsabilidade, a fim de que a proposta monástica permaneça íntegra em cada situação ambiental e, ao mes-

mo tempo, capaz de relativizar o que não é fundamental, abrindo-se à riqueza humana e cultural de cada lugar de fundação. Quanto à *missionariedade e ao caráter ecumênico* da vida contemplativa, deve-se dizer que eles só se compreendem a partir da essência do monaquismo, que é a *glorificação do Pai no Filho*, glorificação à qual o próprio Pai “responde”, atraindo os homens à fé na unidade.

Surgem novos problemas da *integração de gerações* que se diversificam com rapidez cada vez maior, e do confronto com a problemática das novas gerações, que dificilmente interiorizam e permanecem, portanto o mosteiro deve poder oferecer-lhes uma experiência de unidade, de convergência de ideais de *consensus* maturo nas decisões, de diálogo respeitoso e realista; em síntese: uma ajuda a reconstruir identidades e significados das pessoas.

Outro empenho que hoje interpela de modo diverso do que no passado as comunidades claustrais é o *trabalho*. A necessidade de contatos externos, de exatidão administrativa, freqüentemente de pesquisa de mercado requerem, entre outras coisas, uma concepção mais maleável da clausura.

São ainda novas as exigências que requerem de nós *uma participação mais direta* e empenhada no governo da Ordem, nos seus problemas legislativos e pastorais.

Para *concluir* esta breve apresentação, podem-se exprimir um pouco as expectativas relativas ao Sínodo sobre a Vida Consagrada. De fato, queria-se pedir uma melhor definição teológica da profissão monástica, da sua incidência transformante sobre a pessoa e do seu significado eclesial; queria-se exprimir o desejo de que a vida monástica não seja reduzida a um único denominador comum; que se considere a prática da clausura com mais flexibilidade e que se ajude a vida contemplativa a uma difusão cada vez mais vasta no mundo.

TORNAR VISÍVEIS OS TRAÇOS DO ROSTO DE DEUS

Ir. Klara Sietmann

Superiora-Geral das Irmãs Missionárias
do Sagrado Coração de Jesus e
Presidente da União Internacional das
Superioras-Gerais (UISG)

Oferecemos a este Sínodo a nossa visão e experiência da vida religiosa apostólica feminina. De acordo com a índole característica dos nossos carismas, encontramos o núcleo ativo da nossa consagração religiosa na participação ativa na missão de Cristo, que se prolonga no nosso mundo de hoje, por meio da Igreja, que é missionária por sua própria natureza (cf. *IL*, 61).

O dom gratuito do nosso carisma, com o seu dinamismo missionário, solicita-nos e faz com que tornemos visíveis, através do nosso ser feminino, os traços do rosto de Deus, e de contribuir para uma realização mais plena da múltipla riqueza do mistério de salvação, em todas as dimensões humanas.

Constatamos que a experiência de Deus, tal como é percebida e vivida pelas mulheres na história da salvação e na vida da Igreja, não é reconhecida adequadamente, nem encontra canais apropriados de expressão. Constatamos a urgente necessidade de que a mulher consagrada proclame a riqueza de Deus, a partir da sua percepção feminina, participando, de modo mais amplo e eficaz, no campo da espiritualidade e da teologia, onde ainda não se lhe oferece a devida consideração, nem sequer adequadas e equivalentes possibilidades de integração.

Oxalá se crie e se promova uma atitude de discernimento e de diálogo permanentes entre a hierarquia e o Povo de Deus,

que favoreça a presença equitativa e efetiva das mulheres consagradas em funções pastorais, empenhos e cargos dentro da Igreja, também em nível de planificação e de tomada de decisões, tanto em nível local como universal, até nos organismos oficiais da Cúria Romana.

Isto refere-se de maneira especial ao processo de discernimento e à orientação do futuro da vida religiosa na Igreja.

UNIDADE E HARMONIA ENTRE CONSAGRAÇÃO E MISSÃO

Pe. Juan De La Vega Y Miranda
Superior-Geral da Congregação do
Santíssimo Redentor

Falo em nome da União dos Superiores-Gerais em referência aos nn. 60-64, 87 e 104 do *Instrumentum laboris*. A minha intervenção pode ser sintetizada com o texto de Lucas, 4, 18. "O Espírito do Senhor está sobre Mim, porque Me ungiu, para anunciar a Boa Nova aos pobres...". A unidade e a harmonia entre a consagração e a missão são uma chave essencial para a renovação da vida consagrada e do seu serviço à Igreja. Muitos jovens escolhem a vida consagrada para servir a sociedade. O dualismo entre a consagração e a missão põe em perigo primeiro que tudo a dimensão transcendente da vida consagrada.

A vida comunitária e a atividade pastoral nascem do nosso carisma e encontram sempre o seu fundamento na espiritualidade específica. As nossas comunidades devem ser comunidades em missão e para a missão. Isto leva-nos a "retornar" à inspiração dos nossos Fundadores, a inculturar o carisma dos mesmos no mundo hodierno, a escolher as situações em que há uma urgência pastoral, em particular a respeito

dos pobres, como lugar da nossa missão, e a renovar a nossa vida comunitária a fim de que dê ao mundo um modelo alternativo de vida. A opção pelos pobres não é só “estratégica”, mas também espiritual. Os religiosos dão tudo a Deus para “viver um amor irreversível pelos pobres”, segundo a expressão do Papa João Paulo II.

A vida consagrada é, e tem, uma missão profética na Igreja e na sociedade, e deve manifestar-se como uma “sociedade de contraste”. Precisamos de mais radicalismo e de mais audácia. A nossa vida deve ser um sinal profético do amor misericordioso de Deus pelos pobres, pelas vítimas da violência e das injustiças humanas. O anúncio, a denúncia, a libertação, a solidariedade, a esperança etc. são aspectos proféticos da missão da vida consagrada.

Nos países mais secularizados devemos encontrar um modelo novo de presença religiosa e de atividade que responda às urgências pastorais concretas, abandonando estruturas antigas e criando outras novas. De outro modo, surgirão novas frustrações, em particular nos religiosos jovens, os quais não encontram a possibilidade de viver de maneira mais coerente a própria missão. Perguntamo-nos com frequência: num mundo secularizado e opulento, que se há de fazer para que a nossa vida seja um anúncio explícito, profético e libertador do Evangelho?

Esperamos deste Sínodo que a vida consagrada não seja vista como um apêndice na Igreja local, que os vários carismas sejam acolhidos com as suas características próprias, que a vida consagrada se torne parte integrante dos planos pastorais das dioceses e seja reconhecida, na prática, como missão e dom do Espírito para a Igreja. E que, em particular, nos chame e exija que vivamos a radicalidade do Evangelho, mantendo a tensão dinâmica entre “profissão” e “profetismo”.

SEJA PRESTADO O MÁXIMO RESPEITO À NATUREZA ESPECÍFICA DOS CARISMAS DOS INSTITUTOS

Pe. Jonh Corriveau

Ministro-Geral da Ordem Franciscana dos Frades Menores Capuchinhos

A mais significativa fonte de renovação nos Institutos religiosos, no arco dos últimos trinta anos, encontra-se no convite contido na *Perfectae caritatis*, convite este a redescobrirmos o carisma dos nossos fundadores. A *Perfectae caritatis* restituiu São Francisco de Assis à família franciscana e ao mundo.

Aprovo, portanto, os artigos 11 e 32 do *Instrumentum laboris*, que afirmam a variedade dos carismas e dos institutos “mistos”. Compartilho também o pedido dirigido ao Sínodo, para que resolva “a questão da participação dos irmãos no governo dos Institutos clericais e mistos, para que cada Instituto possa legislar, no respeito da própria natureza e tradição” (n. 32).

Queria apresentar uma proposta genérica: isto é, que seja prestado o máximo respeito, tanto na teoria como na prática, à natureza específica dos diversos carismas da vida religiosa, e que seja concedido a cada Instituto exprimir a própria identidade particular e a sua justa normativa, no interior da própria lei e vida, com todas as necessárias conseqüências.

Algumas delas já podem ser deduzidas daquilo que afirmei:

a) a introdução de Institutos “mistos” no *Código de Direito Canônico* não deve ser demasiado condicionada pelos critérios jurídicos vigentes, os quais se põem entre os dois extremos dos Institutos leigos e daqueles clericais. Julgar uma “nova” realidade com um critério canônico que

quase sempre a exclui representaria uma grave contradição. Digo “nova” realidade porque a divisão de todos os Institutos religiosos em leigos e clericais é um fenômeno relativamente recente. Com efeito, os Institutos “mistos” que, por sua natureza, não são nem leigos nem clericais, existem e existiram desde o nascimento dos primeiros movimentos religiosos;

b) a autoridade competente deverá discernir com muita atenção as diversidades e os matizes que existem também no seio dos próprios Institutos que, aparentemente, pertencem à mesma categoria. Por exemplo, em virtude do seu carisma, nem todos os Institutos “mistos” possuem uma forma e uma estrutura de governo interno idênticas;

c) a experiência vivida pelos cristãos empenhados, inclusive pelos religiosos, graças ao seu dinamismo interior, leva a um aperfeiçoamento do direito. Permite-me mencionar um fato que diz respeito à minha própria família religiosa: nos séculos XIII e XIV, um dos períodos mais significativos para o direito canônico, as estruturas eclesiais souberam adaptar e integrar uma forma de vida como a do próprio São Francisco, a qual era tão original a ponto de poder dizer dela, de modo autorizado: “Cuius vita tanta est novitas quod de ea in corpore iuris non reperitur auctoritas” (“a sua forma de vida era tão nova que dela não se podia encontrar qualquer autoridade na legislação canônica”);

d) julgo que, uma vez que a autoridade eclesial tenha aprovado os princípios reguladores do seu direito particular, os Capítulos e as outras estruturas de governo possam encontrar sozinhas os meios mais apropriados para os aplicar de modo coerente: quando a igualdade na fraternidade evangélica é um princípio fundamental aprovado, e exigido de modo expresso pelo próprio Instituto, em fidelidade ao seu carisma, o Capítulo deve sentir-se livre de

aplicar tal princípio a todos os níveis, também ao diretivo.

O PAPEL ESPECÍFICO NA EVANGELIZAÇÃO DE TODAS AS CULTURAS

Pe. Peter-Hans Kolvenbach

Prepósito-Geral da Companhia de Jesus (Holanda)

Nesta intervenção, feita a pedido da União dos Superiores-Gerais, gostaria de evidenciar o número 107 do *Instrumentum laboris*, que recorda felizmente a importante atividade desempenhada pelos religiosos e pelas religiosas no campo da cultura, e os convida a ser hoje, e no mundo de amanhã, artífices e promotores da cultura.

A propósito desta atividade, *Gaudium et spes* observa: “Embora a Igreja tenha concorrido largamente para o progresso da cultura, a experiência demonstra, entretanto, que, por razões contingentes, nem sempre é fácil estabelecer a harmonia entre a Cultura e o Cristianismo” (GS, 62). Contudo, pode-se dizer que este acordo entre fé e cultura, nunca obtido definitivamente, sempre por reconstruir, tem uma espécie de conaturalidade com a vocação e a missão da vida religiosa na e para a Igreja. Se, segundo os termos particularmente insistentes da *Lumen gentium*, a missão eclesial da vida religiosa consiste em “manifestar”, “testemunhar”, “preencher” (LG, 44), “dar alto e exímio testemunho de que o mundo não pode transfigurar-se e oferecer-se a Deus sem o espírito das bem-aventuranças” (LG, 31), então significa que a vida religiosa, mediante a irradiação mesma do seu simples existir, já educa para a cultura, assim como Deus a quer para o seu povo. Porque, segundo a profunda observação de uma testemunha da Igreja Oriental, se cada pessoa, criada à imagem

de Deus, é o seu ícone vivo, a cultura é o ícone do Reino dos céus.

Com certeza, na vida religiosa puderam-se encontrar formas de negação mais ou menos obscurantista da cultura. Mas esta, com mais freqüência, deu uma poderosa ajuda à Igreja, na sua paciente experiência de salvar, em sentido pleno, todas as culturas. A estas culturas, sempre tentadas de se inebriar com as próprias riquezas e de se encerrar nos próprios limites, correndo o risco de se condenar por si mesmas à morte, os consagrados, testemunhas de carne do Senhor que vive, recordam o seu "eschaton", o seu destino último, além de si mesmas, não por uma razão social ou utilitarista qualquer, mas simplesmente por fidelidade à missão, que é aquela própria da vida religiosa, de anunciar Cristo e o Reino futuro. E entre estes consagrados, que são todos chamados a dar este testemunho, alguns assumem de modo mais especial esta missão eclesial de recordar às culturas — no próprio coração destas culturas, nos seus lugares de pesquisa ou de criação artística, nas instituições acadêmicas e nos centros de difusão dos meios de comunicação social — o seu fim último.

Portanto, que o Sínodo confirme o papel específico da vida religiosa na promoção da cultura, através da inculturação da vida evangélica e da evangelização de todas as culturas.

Que os consagrados estejam prontos a atuar nesta promoção da cultura, encarnando o seu "seguimento de Cristo mais de perto" num modo de vida, que será freqüentemente contra a corrente; a denunciar aquilo que nas culturas, na realidade, não passa de anticultura desumanizante; a defender, com muitos outros, os valores da justiça e da vida, da paz e da solidariedade; e mais ainda, que só Cristo dá aos valores das culturas toda a força, todo o seu aspecto atraente e os conduz à sua plena realização.

O CAMINHO MONÁSTICO: "QUAERERE DEUM"

Pe. Bernardo Olivera, O.C.S.O.

Abade-Geral da Ordem Cisterciense de Estrita Observância (Trapistas)

O monge é um cristão que dedica toda a sua vida à busca e ao encontro com Deus. Isto é algo que o monge tem em comum com todos os outros cristãos. A razão deste *quaerere Deum* é evidentemente o encontro contemplativo com Deus. Este caminho monástico está caracterizado por um certo número de meios: oração silenciosa e contínua, a oração litúrgica, a *lectio divina* e as diversas renúncias que levam à conversão e à purificação do coração; tudo isto num clima de solidão e silêncio.

A solidão monástica é um instrumento para a realização do *quaerere Deum*. É, antes de tudo, uma solidão do espírito e uma pobreza do coração. Implica, de igual modo, um distanciamento das preocupações e das atividades do mundo. O "mundo" do qual o monge quer fugir é, em primeiro lugar, o mundo que traz no seu coração: a concupiscência da carne, a avidez dos olhos e a posse ostentada da riqueza. Deste modo o monge, afastado de todos, aproxima-se e aproxima todos à origem comum: Deus.

Tudo isto é de igual modo válido, tanto para os monges como para as monjas. Pois bem, na Idade Média, foi estabelecido um tipo de clausura especial, muito mais rígida, para as monjas. Esta evolução explica-se facilmente por razões sociológicas e culturais; mas não existe nenhuma razão fundamental pela qual a vida monástica das monjas deva, neste ponto, ser diferente da dos monges. Ouvimos falar com freqüência do problema da clausura. O problema, na minha opinião, está na legislação atual estabelecida há 25 anos. Este problema tem muitos aspectos:

a) A evolução feita pela Igreja desde o Vaticano II, em relação à condição da mulher, não se encontra refletida na *Venite seorsum*. Perguntamo-nos por que é que a Abadessa de um mosteiro autônomo — que segundo o Código é Superiora Maior, c. 620 — não tem a mesma autoridade que tem um Abade, sobre a clausura de um mosteiro? No contexto atual de respeito da dignidade da mulher, não se justifica obrigar as monjas de clausura a obter o consentimento de um Superior masculino, para coisas tão evidentes como: motivos de saúde, de trabalho, exercício de direitos civis, atos administrativos etc.

b) A atual legislação, idêntica para todas as monjas de clausura, não respeita as tradições legítimas particulares e o carisma próprio de cada Ordem ou Família espiritual. Deste modo, patrimônios tão diferentes como o das beneditinas cistercienses, carmelitas, clarissas... permanecem submetidos à mesma normativa canônica referente à clausura.

c) A atual legislação torna muito difícil — e até impossível em muitos casos — uma presença fecunda das monjas na vida eclesial.

d) No nosso tempo, as comunidades monásticas femininas desenvolvem-se rapidamente nas Igrejas jovens. A inculturação do Evangelho e da vida monástica reclamam uma sensibilidade particular a este respeito.

e) É necessária uma sólida formação humana, bíblica, teológica e espiritual, para viver em profundidade a busca de Deus no seio de uma comunidade monástica. Proibir, em nome da clausura, sessões conjuntas de formação ou reuniões de formadoras ou de superioras para trabalhar na área da formação, poderia impedir a realização do objetivo, para o qual a clausura foi instituída como meio.

A VIDA APOSTÓLICA E A CONDIÇÃO FEMININA

Ir. Stéphane-Marie Boullanger

Superiora-Geral das Cônegas de Santo Agostinho da Congregação de Nossa Senhora (Canadá) e Vice-Presidente da União Internacional das Superioras Gerais

As mulheres constituem 72,5% dos representantes da vida consagrada, com cerca de 3.000 Congregações. A vida religiosa feminina, no decurso dos séculos, geralmente dependeu muito dos homens, mesmo se, a partir do Vaticano II, foram abertas diversas portas. Na sociedade, na Igreja, a palavra das mulheres é diferente da dos homens.

Com demasiada freqüência as mulheres têm de si mesmas a imagem que os homens têm delas. É, por conseguinte, uma imagem imposta por fatores externos, uma imagem que não reflete de modo algum as qualidades que, mesmo não sendo exclusivamente femininas, as distinguem em maior grau.

A sua sensibilidade perante as realidades da criação, o seu sentido inato da vida, o sentido à escuta, do respeito da pessoa, do diálogo permitem-lhes instaurar relações humanas autênticas e ser instrumento de comunhão. Esta sensibilidade torna-as mais vulneráveis aos sofrimentos dos pequeninos e dos pobres. Elas procuram promover a vida, sobretudo quando é débil e frágil.

A sua tenacidade confirma-as na busca de uma organização do mundo, onde os pobres, não importa quais, possam encontrar a sua justa colocação.

A sua capacidade de adaptação às situações, a diversos estilos de vida, fá-las evoluir, fá-las detectar as diferenças para fazer delas instrumentos de evangelização a partir da realidade na qual se inserem.

O seu sentido do tempo, mais cíclico que retilíneo, ajuda-as a perceber os sinais do Espírito na história e na sua evolução. Sabem ganhar tempo, para se adaptarem, dando atenção a particulares que, à primeira impressão, podem parecer insignificantes mas que, na realidade, são portadores de vida.

Tudo isso dá ao seu pensamento uma colaboração específica, que parte da vida e não dos conceitos abstratos. Eis por que a palavra das mulheres nem sempre é escutada.

Portanto, esperamos que haja um melhor conhecimento da dimensão feminina da vida religiosa através duma informação sobre a vida consagrada, e de modo particular nos seminários.

Desejamos, ainda, que nos diversos níveis — paroquial, diocesano, nacional e também Vaticano — seja dado um lugar real às mulheres no plano da reflexão, da decisão e não só no plano executivo, em vista de uma participação e de uma colaboração reais.

AS CASAS DOS RELIGIOSOS TORNEM-SE ESCOLAS DE ESPIRITUALIDADE

Pe. Seamus Freeman, S.A.C.

Superior-Geral dos Palotinos (Irlanda)

Encontramo-nos hoje numa situação paradoxal. São milhões aqueles que procuram o sentido profundo da existência, enquanto, ao mesmo tempo, a cultura dominante rejeita a fé como fonte da existência a que eles aspiram.

Podemos nós, nas múltiplas formas de vida consagrada, melhorar a nossa resposta a essa situação?

Enquanto deploramos as lutas entre cristãos em numerosos países, é confor-

tador aprender dos nossos irmãos e irmãs que retornam de Ruanda que são muitos os exemplos de indivíduos e comunidades cristãs que não cederam às provocações da violência. Os nossos representantes, outrora entristecidos e perplexos por verem como tanta violência podia explodir entre os cristãos, sentem-se agora enriquecidos pelas novas perspectivas quanto ao futuro da “nova evangelização”. A sua experiência demonstra como aquelas comunidades e paróquias animadas por uma fé profunda, encorajadas pela responsabilidade pessoal no processo de crescimento espiritual e ancoradas numa comunidade unida, onde a busca da unidade constitui uma prioridade, foram capazes de resistir às provocações e não responderam à violência com a violência. Por outro lado, onde a fé era “prática de massa” ou mais quantitativa do que profunda convicção pessoal, a tentação da violência era com frequência irresistível.

Esta situação visivelmente extrema mostra-nos que gênero de fruto o crescimento pessoal na fé pode produzir, e induz-nos a rever a nossa situação pessoal. Além disso, os fiéis leigos estão hoje, mais do que outrora, procurando um crescimento e uma compreensão da fé. Olham para nós como “especialistas” neste campo. Da nossa parte, estamos certos de usar plenamente o nosso potencial para lhes responder?

Mais do que ser pontos estratégicos de promoção missionária, é oportuno que as nossas casas se tornem comunidades abertas, escolas práticas de espiritualidade. Se seguida atentamente, creio que essa proposta haveria de tornar os fiéis leigos e as comunidades de vida consagrada capazes de descobrir uma nova relação recíproca. Por um lado, a chamada universal à perfeição de todos os batizados seria confirmada, enquanto eles procuram participar na vida e na aplicação dos nossos caris-

mas. Por outro lado, cada comunidade seria fortalecida na sua identidade, como expressão viva de um único carisma, uma expressão de fé que anima a própria missão.

A PRIORIDADE DA FORMAÇÃO

Ir. Maria José F. Rodríguez
Superiora-Geral das Servas do Coração
Divino (Espanha)

O futuro da vida religiosa depende da capacidade dinâmica que tiverem os Institutos na formação dos seus membros.

A formação, tanto inicial como permanente, tem um lugar relevante na lista das prioridades dos nossos Institutos.

Sem dúvida, a formação continua a preocupar-nos. O processo de formação tem sido sempre difícil, mas hoje é ainda mais, por causa das transformações profundas, do novo papel da mulher na sociedade, da crise dos valores e da realidade mesma da Vida Religiosa, que não está totalmente identificada.

Em um mundo secularizado e pós-moderno, as jovens que batem às nossas portas são completamente diferentes das gerações precedentes.

Ao lado destas dificuldades, existem outras de não menor importância, que provêm dos próprios Institutos.

Estão as nossas comunidades suficientemente renovadas e identificadas, para oferecerem, às jovens que chegam, o clima propício para o crescimento e o desenvolvimento da vocação? Com humildade devemos reconhecer que hoje nos faltam testemunhas, que sejam modelos de vida.

No quadro destas transformações profundas, a formação foi-se configurando com um novo rosto

Em relação ao estilo formativo: o estilo de formação mudou radicalmente. Antes, as jovens eram formadas; agora, são ajudadas a crescer. Antes, o modelo era o molde, agora é a planta. Antes, formava-se através do costume que gerava hábitos. Agora, através do uso responsável da liberdade.

Em relação às etapas da formação: a formação é um processo, um itinerário espiritual subdividido em diversas fases. Hoje, estamos convencidas da necessidade de um pré-noviciado mais amplo e bem pensado, em sintonia com a sua índole e natureza, que facilite a experiência amadurecida e serena do noviciado, e, de certa maneira, ponha as bases de um bom "Juniorado".

Em relação aos conteúdos: a vida religiosa feminina fez um grande esforço para melhorar os conteúdos da formação. Melhorou sensivelmente a formação humana, teológica, bíblica, litúrgica e eclesiológica. A Cristologia e o carisma estão se tornando os dois grandes pilares da formação. A paixão pela Palavra ocupa o centro da formação.

Ao mesmo tempo, nós, religiosas de vida apostólica, temos sentido a necessidade de inculturar a formação, de abri-la à comunhão eclesial e à missão, de pô-la em contato com a vida real e também com as condições dos pobres, de dotá-la de uma espiritualidade própria, mais encarnada, mais teológica, que revele Deus na oração, mas também no coração do mundo, e que tem o seu centro e ápice na celebração eucarística.

Em relação ao contexto formativo: o lugar geográfico, a casa, a comunidade e a própria encarregada da formação não são indiferentes ao processo formativo. Tudo isso foi objeto de múltiplas provas, diálogo e discernimento por parte dos Institutos.

INCULTURAÇÃO, DINAMISMO MISSIONÁRIO E PAPEL DA MULHER CONSAGRADA

Ir. Teresa Rubio Murcia

Superiora-Geral das Irmãs de São João
Evangelista (Colômbia)

A minha intervenção, como membro de uma pequena Congregação autóctone e Presidente da Conferência Nacional dos Religiosos (C.R.C.), refere-se a três pontos dos nn. 93 e 94 do *Instrumentum laboris*: a inculturação, o dinamismo missionário e o papel da mulher consagrada.

1. A inculturação na realidade das nossas culturas. Nos movimentos, encontramos:

a) a superação da distância entre os nossos estilos de vida tradicionais e a realidade vivida pelo povo. A Inserção colocou-nos em contato com as alegrias e as tristezas do povo, e isso despertou a nossa sensibilidade e o nosso empenho por uma renovação;

b) a convivência mais próxima nos bairros populares com indígenas e afro-americanos despertou vocações, que antes não podiam chegar até as nossas casas de formação. Hoje, não impomos a nossa cultura, mas abrimos espaços de diálogo para uma formação inculturada. Pedimos apoio para a

formação nos centros intercongregacionais das Conferências de Religiosos.

2. Dinamismo missionário. Isto provocou um “novo ardor missionário” não só *ad gentes* (como Congregações autóctones estamos presentes em 53 Países de três continentes), mas também no interior, o que levou à mudança para a periferia com a vida do povo e a pastoral da Igreja particular.

3. Contributo da mulher consagrada. Este empenho missionário manifesta-se melhor pelo testemunho de vida do que com as palavras; colabora-se com as Igrejas locais, para tornar realidade a dimensão missionária, a opção evangélica pelos pobres e o diálogo intercultural e inter-religioso.

Como mulheres, temos levado a especificidade do nosso ser feminino, reconhecendo os valores autóctones do nosso povo, pois dele fazemos parte. Sensíveis aos sofrimentos dos nossos irmãos, optamos por uma vida religiosa ao serviço da Vida. Nisto aplica-se de modo particular o n. 29 do *Instrumentum laboris*.

Como mulheres somos chamadas a viver como Maria, a mulher simples do povo, os valores evangélicos do povo que servimos.

Estamos convictas de que este Sínodo será um novo Pentecostes (*IL*, 1) para a vida consagrada na América Latina. Como Maria, devemos estar abertas ao Espírito renovador, para realizarmos uma missão evangelizadora mais alegre e eficaz.

PADRES SINODAIS E OUTROS PARTICIPANTES

Como prescreve o Ordo Synodi Episcoporum no seu art. 5º, também para a IX Assembléia Geral Ordinária estão

incluídos entre os seus membros os Patriarcas, os 13 Arcebispos Maiores e os Metropolitanos das Igrejas católicas de rito

oriental; os Bispos eleitos pelas respectivas Conferências Episcopais regionais, isto é, para aquelas nações que não têm uma Conferência Episcopal própria; dez religiosos masculinos representando os Institutos Clericais, eleitos pela União dos Superiores Gerais; os presidentes dos 24 Dicasterios da Cúria Romana; os 131 membros nomeados pelo Papa.

Os Bispos eleitos pelas Conferências Episcopais eram provenientes da África (36), da América (45), sendo 11 da América do Norte, 11 da América Central e 23 da América do Sul, da Ásia (22), da Europa (40) e da Oceania (5).

A União dos Superiores Gerais elegeu 10 representantes masculinos, a saber:

- Rev.do Abade Jerome THEISEN, O.S.B., *Abade Primaz dos Beneditinos Confederados*;
- Rev.do Pe. Timothy RADCLIFFE, O.P., *Mestre dos Frades Pregadores (Dominicanos)*;
- Rev.do Pe. Hermann SCHALÜCK, O.F.M., *Ministro-Geral da Ordem Franciscana dos Frades Menores*;
- Rev.do Pe. Camilo MACCISE, O.C.D., *Prepósito-Geral dos Carmelitas Descalços*;
- Rev.do Pe. Peter Hans KOLVENBACH, S.L., *Prepósito-Geral da Companhia de Jesus (Jesuítas)*;
- Rev.do Pe. Juan Manuel Lasso DE LA VEGA Y MIRANDA, C.S.S.R., *Superior-Geral da Congregação do Santíssimo Redentor (Redentoristas)*;
- Rev.do Pe. Marcello ZAGO, O.M.I., *Superior-Geral dos Missionários Oblatos de Maria Imaculada*;
- Rev.do Pe. Claude MARECHAL, A.A., *Superior-Geral dos Agostinianos da Assunção (Assuncionistas)*;

— Rev.do Pe. Aquilino BOCOS, C.M.F., *Superior-Geral dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria (Claretianos)*;

— Rev.do Pe. Egídio VIGANO, S.D.B., *Reitor-Mor da Sociedade Salesiana de São João Bosco (Salesianos)*.

A estes se acrescentaram, por nomeação papal, mais 37 bispos (dos quais 20 eram europeus e três brasileiros: D. Romer, do Rio de Janeiro; D. Eusébio Scheid, de Florianópolis; D. Damasceno, de Brasília e Celam); Dez religiosos homens (nenhum latino-americano!), 24 auditores e 41 auditoras (entre as quais quatro do Brasil: Ir. Maria Angelina Enzweiler, Superiora Geral das Irs. do Coração Imaculado de Maria; Ir. Maria José Fernandez Rodriguez, Superiora Geral das Servas do Coração Divino; Ir. Maria Tarcisa Gravina, Superiora Geral das Ir. Missionárias de Santo Antonio Maria Claret; e a Ir. Elza Ribeiro, Superiora Provincial da Congregação da Divina Providência de GAP e Presidenta da CLAR). Da mesma forma foram nomeados pelo Papa os 20 religiosos (8 mulheres) auxiliares do Secretário Especial do Sínodo, dos quais apenas uma era latino-americana e de instituto secular (da Argentina), e em 90% de sua composição, europeus.

Também foi de nomeação papal, segundo as regras próprias de um sínodo de bispos, o grupo de coordenação dos trabalhos da Assembléia:

Presidentes Delegados:

- Cardeal Eduardo MARTÍNEZ SOMALO, *Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica*.
- Cardeal John Joseph O'CONNOR, *Arcebispo de Nova Iorque (EUA)*
- Cardeal Edward Bede CLANCY, *Arcebispo de Sidney (Austrália)*

Relator Geral:

— Cardeal George Basil HUME, *Arcebispo de Westminster (Inglaterra)*

Secretário Especial:

— P. Marcello ZAGO, O.M.I., *Superior Geral dos Missionários Oblatos de Maria Imaculada*

Secretários Especiais Adjuntos:

— Ir. John JOHNSTON, F.S.C., *Superior-Geral dos Irmãos das Escolas Cristãs*

— Ir. Emília EHRlich, O.S.U., *Ursulinas da União Romana*

Finalmente, ainda diretamente escolhidos por nomeação papal, estavam as três comissões estabelecidas para atividades sinodais determinadas:

Comissão para as Controvérsias

Presidente: D. Gilberto AGUSTONI

Membros: D. Augusto Vargas ALZAMORA, S.I., *Arcebispo de Lima (Peru)*
D. Zacchaeus OKOTH, *Arcebispo de Kisumu (Quênia).*

Comissão para Mensagem

Presidente: D. Javier Lozano BARRAGÁN, *Bispo de Zacatecas (México)*

Vice-Presidente: D. Kari Josef ROMER, *Bispo Auxiliar de São Sebastião do Rio de Janeiro (Brasil).*

Comissão para a Informação

Presidente: D. Armando TRINDADE, *Bispo de Laore (Paquistão)*

Vice-Presidente: D. Bernard MOHLALISI, *Arcebispo de Maseru (LESOTO).*

Participaram também do Sínodo, por convite do Vaticano, auditores especialis-

tas nas tradições da vida consagrada das outras igrejas cristãs.

— D. ISIDOROS, *Bispo de Trales, Hegúmeno e Exarca Patriarcal, Mosteiro São João de Patmos, Patriarcado Ecumênico de Constantinopla;*

— Pe. ELIAS, *Superior do Mosteiro de Deir EI-Harf, Patriarcado Greco-Ortodoxo de Antioquia (Líbano);*

— Rev.do Arquimandrita Josef POUSTOOUTOV, *Patriarcado Ortodoxo de Moscou (Rússia);*

— Pe. Barnaba EL SORYIANI, *Responsável da Comunidade copto-ortodoxa de Roma;*

— Rev.do Arquimandrita Bartolomeu Valeriu ANDRONE, *Patriarcado Ortodoxo da Romênia (Romênia);*

— Ir. Hildegard-Lúcia CÖLLN, *“Communität Casteller Ring”, Federação Luterana Mundial;*

— Rev.do Benedict GREEN, C.R., *Comunhão Anglicana (Inglaterra);*

— Ir. Minke DE VRIES, *Superiora da “Communauté de Grandchamp”, Aliança Mundial das Igrejas Reformadas.*

Como se vê, um quadro de nomes bastante universal, embora se possa discutir certos critérios de escolha e a evidente desproporção entre o número de participantes de determinados continentes e o vigor da vida religiosa neles existente, comparado com a presença de outros lugares.

CONSELHO DA SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS

Um dos atos finais do Sínodo foi a eleição dos padres sinodais, aos quais se acrescentaram três nomes de escolha pessoal do Papa, que acompanharão os traba-

lhos da secretaria geral no período pós-sinodal. O grupo terá influência, como se percebe, na elaboração da Carta Apostólica que transmitirá as orientações do Santo Padre no futuro próximo sobre a vida consagrada.

Para que os tenhamos presentes em nossas orações indicamos seus nomes:

Nomeados pelo Santo Padre

- Cardeal Eduardo MARTÍNEZ SOMALO, Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica.
- S. B. Michel SABBAH, Patriarca de Jerusalém dos Latinos (Jerusalém).
- D. Stanislaw NOWAK, Arcebispo de Czestochowa (Polônia).

Eleitos pelos Padres Sinodais:

África:

- Cardeal Paulos TZADUA (Etiópia).

— D. Gabriel Gonsum GANAKA (Nigéria).

— D. Kevin DOWLING (África do Sul).

América:

- D. Luciano Pedro MENDES DE ALMEIDA (Brasil).
- Cardeal Joseph L. BERNARDIN (Estados Unidos da América).
- D. Oscar Andrés RODRIGUEZ MARRADIAGA (Honduras).

Ásia-Oceânia:

- D. Orlando B. QUEVEDO (Filipinas).
- Cardeal Edward Bede CLANCY (Austrália).
- D. Armando TRINDADE (Paquistão).

Europa:

- Cardeal Carlo Maria Martini (Itália).
- Cardeal Godfried DANNEELS (Bélgica)
- Cardeal Joachim MEISNER (Alemanha).

MENSAGEM FINAL DO SÍNODO

I. HINO DE ALEGRIA E GRATIDÃO

No final do Sínodo, todos nós, Padres Sinodais, juntamente com representantes da Vida Consagrada, unidos ao sucessor de Pedro, dirigimo-nos cheios de alegria e júbilo a todo o Povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade para lhes testemunhar a boa notícia da Vida Consagrada pela profissão dos Conselhos Evangélicos. Dá-nos alegria a presença no Sínodo de representantes da vida consagrada de Igrejas cristãs não-católicas. Dedicamos uma palavra muito especial a mais de um milhão de mulheres e de homens que constituem a grande família dos Consagrados e dos membros de Sociedades de vida apostólica.

Durante todo o mês, imploramos as luzes do Espírito Santo. Oramos, refletimos e dialogamos sobre o plano de Deus para a Vida Consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo de hoje. Assumimos as suas preocupações e necessidades e buscamos simultaneamente caminhos que lhes possam ser ajuda e que, em forma de propostas, entregamos ao Santo Padre.

Antes de tudo agradecemos a Deus o grande dom da Vida Consagrada na Igreja. Agradecemos a todos os membros da Vida Consagrada o testemunho da sua vida segundo os Conselhos Evangélicos. Dirigimos uma afetuosa saudação a todos quantos seguem o Senhor na vida contemplativa, que tanto apreciamos; e também a todos os que orientam a sua existência seguindo o Senhor nas diversas formas de vida ativa.

Queremos agradecer de modo muito especial às mulheres consagradas. A sua doação total a Cristo, a sua vida de adoração e a sua intercessão pelo mundo dão testemunho da santidade da Igreja. O seu serviço na Igreja e na sociedade, nos mais diversos campos da evangelização, como atividades pastorais, educação, cuidado com os doentes, os pobres e os abandonados, revela a face materna da Igreja. As mulheres consagradas devem participar mais nas situações que o requeiram na consulta e na elaboração de decisões na Igreja. A participação ativa de mulheres consagradas no Sínodo enriqueceu a reflexão sobre a Vida Consagrada, particularmente sobre a dignidade da mulher consagrada e sua colaboração na missão da Igreja.

Uma palavra de especial afeto aos membros idosos e aos doentes dos Institutos de Vida Consagrada: vós, que gastastes as vossas energias ao longo do tempo, agora que experimentais o peso da idade e do sofrimento, continuai a exercer, nessa vossa condição, uma forma de apostolado pleno de valor.

Agradecemos aos membros que suportam o peso da responsabilidade na plenitude de suas forças. Deveis assumi-lo, contando com a redução normal de energias. Não vos deixeis absorver pelo trabalho, nem esqueçais que a fecundidade da ação humana tem a sua fonte na oração e na íntima união com o Senhor.

Dirigimos uma palavra de agradecimento aos jovens que encontraram a Jesus Cristo e, no meio das inseguranças do nosso tempo, n'Ele descobriram a coragem para se decidirem a seguir o caminho dos Conse-

lhos Evangélicos. Desejamos-lhes entusiasmo e perseverança também nos momentos de desalento e de dúvida.

Uma palavra muito cordial de particular agradecimento aos irmãos e irmãs da Vida Consagrada que nos anos de perseguição pela fé, ontem e hoje, permaneceram fiéis à sua vocação. Com admiração lembramo-nos das Irmãs e Irmãos que derramaram o seu sangue pelo Reino de Deus.

II. MULTIPLICIDADE DE FORMAS NA VIDA CONSAGRADA

Durante a Assembléia Sinodal pudemos considerar a Vida Consagrada como uma preciosa expressão da vitalidade espiritual da Igreja, feita de uma variedade admirável e atraente, de generosa inserção em inumeráveis obras benéficas, de beleza sobrenatural copiosamente enriquecida de dons do Espírito Santo. Por elas a Igreja aparece como uma esposa adornada para seu Esposo e por meio dela manifesta-se a multiforme sabedoria de Deus.

Nas discussões sinodais foi ressaltada uma nota muito importante: a distinção entre a Vida Consagrada como tal na sua dimensão teológica e as formas institucionais que ela vai assumindo no decorrer dos séculos. A Vida Consagrada como tal é permanente, não pode faltar na Igreja. As formas institucionais podem ser transitórias sem que se possa assegurar a nenhuma delas a perenidade.

Existiu durante séculos e subsiste ainda uma multiplicidade de Ordens, de Congregações, de Institutos, de Grupos e também de formas novas de Vida Consagrada, todas com fisionomias diferentes. Se contarmos as femininas e as masculinas, somam vários milhares.

Cada uma tem o seu próprio estilo de vida e a sua peculiaridade apostólica: desde o deserto até a cidade, do retiro e da clausura na contemplação às fronteiras do apostolado, da "fuga do mundo" ao empenho de ser fermento nas próprias culturas, do silêncio de escuta à criatividade da comunicação social, da estabilidade do mosteiro à mobilidade da missão.

Se a Igreja é "Sacramento" de salvação, quer dizer que as várias formas de Vida Consagrada manifestam de modo concreto e visível a riqueza inesgotável da sua sacramentalidade, revelando desta forma, aos fiéis e ao mundo, a solicitude do Coração de Cristo pelo homem em todas as suas necessidades. Toda a forma de Vida Consagrada é um "sinal" visível que leva às pessoas o mistério da salvação.

Aprendamos a contemplar as diversas formas de Vida Consagrada para perceber em cada uma delas a sacramentalidade da Igreja: cada uma, de fato, manifesta mais significativamente que outra um aspecto peculiar do Amor que salva.

III. VIDA CONSAGRADA, INDISPENSÁVEL NA IGREJA

A Igreja é, neste mundo, sinal de esperança e espaço de comunhão teologal entre os seus membros. Cada batizado é chamado a seguir Cristo, morto e ressuscitado e a formar pela força do Espírito Santo a família dos filhos de Deus que é a Igreja. Nesta Igreja, comunhão, os dons e carismas do Espírito frutificam para todos.

Para que a Igreja nunca deixe de ser sinal eloqüente da graça vitoriosa, Jesus chamou alguns para O seguirem mais de perto. Estes desejam experimentar mais profundamente os mistérios do Redentor e assemelhar-se cada vez mais ao divino Mestre. Tornam-se assim, para os seus ir-

mãos, estímulo e ajuda para seguirem a Cristo crucificado.

Os que abraçam a Vida Consagrada procuram responder a um chamamento singular de Deus Pai. São atraídos por Jesus e querem viver, pelos votos ou outros vínculos sagrados, mais intimamente ligados a Ele. Pela castidade consagrada, num amor desinteressado, revelam que Cristo, amado sobre todas as coisas, é o Esposo eterno da Igreja e, por isso, meta e significado de todo afeto e amor verdadeiros. Pela pobreza, livremente escolhida, não só testemunham a sua amorosa solidariedade como os pobres e deserdados, mas proclamam acima de tudo o Absoluto de Deus que é a sua única riqueza. Pela obediência, manifestam a vitória da graça, porque são possuídos por Jesus Cristo, e a sua existência é totalmente devotada à implantação do Reino de Deus, convidando assim os seus irmãos a participarem, pelo serviço e o amor, daquela liberdade que é fruto da Ressurreição de Cristo.

Assim eles anunciam primeiro aos próprios irmãos na fé e depois ao mundo que, pela Cruz e Ressurreição de Cristo, já se instaurou a nova ordem da graça. Pela sua vida de entrega total a Deus e por Deus a todas as criaturas, tornam mais segura, para a própria Igreja, a certeza da futura bem-aventurança. E, ao mesmo tempo, são para o mundo, escravizado por tantas falsas promessas, sinal do Reino de Cristo que é amor e paz, perdão e alegria. O caminho para viver essa alegria, nas Bem-aventuranças e na certeza da Ressurreição, é a Cruz de Cristo.

Uma expressão do afeto profundo e do amor universal que os consagrados não têm à Igreja deve ser a verdadeira realização histórica do "sentire cum Ecclesia", em estreita unidade com o Vigário de Cristo e com todos os sucessores do Colégio Apostólico que, unidos ao Papa, presidem na Caridade às diversas Igrejas particulares.

IV. CONSAGRAÇÃO E MISSÃO

Cristo é primeiro Consagrado e Enviado. Cada cristão foi consagrado por Deus no Batismo e na Confirmação e tornou-se templo do Espírito Santo. Pela profissão dos Conselhos Evangélicos esta consagração, fundada no Batismo e na Confirmação, fortifica-se de modo peculiar. É uma participação mais profunda no mistério pascal de Cristo.

O consagrado recebe a graça da unidade pela qual a consagração e a missão não constituem dois momentos da sua vida, justapostos entre si; antes se implicam reciprocamente em profundidade. O membro da Vida Consagrada recebe a consagração para a missão na Igreja segundo o carisma do próprio Instituto.

A síntese vital da consagração e do envio é alimentada e defendida por uma cuidadosa escuta da Palavra de Deus; uma vida sacramental intensa que culmina na Eucaristia e que, na freqüente recepção do sacramento da Reconciliação, encontra na Igreja o Deus da misericórdia; uma digna celebração da Liturgia das Horas, a oração pessoal, a devoção mariana e as diversas formas da piedade popular.

O testemunho desta Vida Consagrada é o primeiro e o mais importante apostolado que obriga todas as irmãs e irmãos consagrados.

V. CARISMA E INSERÇÃO NA IGREJA PARTICULAR

O carisma para fundar um Instituto de Vida Consagrada é uma graça dada por Deus aos fundadores ou fundadoras para o crescimento da santidade da Igreja, e para capacitá-la a responder aos desafios do seu tempo. Em cada Instituto torna-se visível um caminho para seguir a Cristo com toda

a generosidade. A diversidade de carismas entre as pessoas e grupos de consagrados na Igreja é, portanto, um sinal do amor infinito de Deus e causa de alegria para a Igreja.

A renovação dos Institutos começa com a graça de Deus, com a revisão da sua vida e trabalho atual à luz do próprio carisma, que não pode ser fonte de tensão entre a hierarquia e as pessoas consagradas.

Entre as dificuldades que examinamos fraternalmente, está, entre outras, a necessária integração das comunidades e pessoas de Vida Consagrada nas Igrejas particulares.

A Eclesiologia do Vaticano II destaca a importância das Igrejas particulares em que subsiste e se realiza a Igreja universal. Todos os consagrados vivem na Igreja particular.

Nós, Padres sinodais, vimos muito claramente que é necessário ainda um maior esforço para que todos os membros da Igreja particular reconheçam e apreciem o que significa a presença da Vida Consagrada na mesma Igreja, em torno do Bispo.

VI. DIMENSÃO PROFÉTICA DOS CONSAGRADOS

Na cultura contemporânea, ao lado dos maravilhosos avanços da ciência, da técnica e das mais nobres conquistas a favor da dignidade humana e dos direitos do homem, do exercício da liberdade, da igualdade e da justa autonomia, surgem também lamentáveis excessos que parecem indicar um doloroso regresso à barbárie.

As mulheres e os homens que se decidiram a seguir mais de perto a Cristo pobre, casto e obediente, são com a Igreja e na Igreja a resposta profética que apresenta diante dos homens, seus irmãos, o testemunho dos valores evangélicos, desconhecidos ou rejeitados pelo mundo.

A profecia encarnada das vossas vidas, queridas irmãs e irmãos, faz da vossa consagração o melhor caminho de inculturação do Evangelho, porque é não só uma base de credibilidade para a mensagem apoiada pela vida, mas também uma demonstração do seu atrativo insuperável e da possibilidade de dar-lhe, na própria existência, um espaço privilegiado e central.

O vosso exemplo dá uma maior certeza aos homens de hoje da validade contemporânea dos valores proclamados por Cristo e convertidos em vida quotidiana pelos consagrados.

A diversidade das culturas cuja riqueza vós trazeis à Vida Consagrada torna-vos mais capazes para levar o Evangelho àquelles que ainda não o conhecem, para ajudar os irmãos a descobrirem as sementes do Verbo nas próprias culturas, para preencher o vazio de valores cristãos, desconhecidos ou não assumidos nelas. Igualmente os tornam capazes de corrigir e aperfeiçoar os modos comuns do pensamento e do comportamento, não compatíveis com a fé revelada; habilitam-vos para enriquecer o diálogo e a compreensão da mensagem com sinais e linguagem inteligíveis para o homem contemporâneo, ainda que expressem os desafios da Revelação à razão humana e à vida individual e coletiva dos homens.

A vivência dos Conselhos Evangélicos interpela a cultura contemporânea em crise, e oferece às mulheres e aos homens, vítimas do desencanto, modelos capazes de transformar as suas vidas.

Este testemunho convida os homens a recuperar na própria pessoa a imagem de Deus, obscurecida pelo pecado.

Na Assembléia Sinodal tornou-se evidente uma justa preocupação pela pobreza e surgiram, com muita insistência, propostas evangélicas em ordem à opção preferencial pelos pobres.

A Vida Consagrada, em si mesma, é uma opção fundamental e radical por Cristo pobre. O ser do consagrado vincula-se amorosamente, em Cristo, com todos os despojados, com todos os que sofrem. A profecia da pobreza do consagrado não se esgota na denúncia das carências e das injustiças, mas anuncia as inesgotáveis riquezas de Cristo.

O desprendimento dos bens, do poder e dos laços de sangue convida o consagrado, desde o próprio ser, a dedicar-se à missão que confirma o Reino e amplia as suas fronteiras.

Para o consagrado, ser missionário não é questão de opção. É um imperativo que brota da sua configuração com Cristo. A obediência ao Pai leva o consagrado a unir-se a Cristo, enviado para a salvação do mundo. O consagrado na Igreja une-se a ela para dar, diante de todo o mundo, testemunho do amor. Algumas vezes o carisma próprio dos Institutos levará os Consagrados para além das fronteiras da pátria e dos vínculos do sangue, mas será sempre a sua condição de consagrado a conduzi-lo para acompanhar com a oração e o sacrifício as obras apostólicas dos irmãos.

VII. APELO AOS RELIGIOSOS E RELIGIOSAS DAS IGREJAS ORIENTAIS

Veneráveis e amados Religiosos e Religiosas das Igrejas orientais, vai para vós o nosso pensamento agradecido. Para nós, vós representais a continuidade da Vida Religiosa. As vossas tradições monásticas são um valor inestimável para a Igreja de Cristo. Tal patrimônio comum da Vida Religiosa conservado ainda hoje nas Igrejas orientais contém em si um testemunho de unidade já conseguida. Os Padres do deserto e os Monges do Oriente expressaram a espiritualidade monástica que se

estendeu depois ao ocidente. Ela é alimentada pela "*lectio divina*", pela liturgia, pela incessante oração e é vivida na caridade fraterna da vida comum, na conversão interior, no afastamento do mundo, no silêncio, no jejum e nas vigílias. A vida eremítica ainda hoje floresce em volta dos mosteiros. Tal patrimônio espiritual forjou as culturas dos respectivos povos e, ao mesmo tempo, inspirou-se nelas.

Aos Religiosos e às Religiosas das Igrejas Orientais católicas exprimimos o nosso reconhecimento pela história do seu testemunho heróico no coração da Igreja católica e pedimos que aprofundem as suas raízes monásticas, a partir das fontes do Evangelho e da sagrada Tradição. Desejamos que as Igrejas Orientais católicas retomem a experiência monástica, acolhendo e valorizando as forças que no seu íntimo operam como fermento.

Atentos às necessidades dos vossos povos, testemunhastes de vários modos a caridade da Igreja, nos momentos difíceis de conflito, a todos aqueles que se dirigiam a vós. Este serviço continuará a fundamentar-se cada vez mais na busca do Único necessário, que é a razão de ser da vida monástica.

Estabelecei e intensificai um diálogo fraterno e sincero de conhecimento e de intercâmbio com os monges e monjas da Igreja Ortodoxa com os quais estais tão intimamente unidos pelo mesmo seguimento de Cristo.

VIII. ESPECIAL ARDOR NA NOVA EVANGELIZAÇÃO

No limiar do ano 2000, toda a Igreja está convocada para uma Nova Evangelização. As mulheres e os homens do nosso tempo, especialmente as jovens gerações, têm necessidade de conhecer a boa notícia da salvação que é Jesus Cristo.

Nós, os Bispos e os outros participantes no Sínodo, vimos claramente que a Vida Consagrada tem uma singular aptidão para ocupar um lugar muito importante nesta tarefa providencial e urgente da Nova Evangelização.

O interesse pelo diálogo ecumênico e também pelo inter-religioso é um dos fervorosos apelos do Sínodo, dirigido aos Consagrados nos seus países.

Com a vossa forma de viver, manifestais a ternura e a bondade de Deus, a verdade da esperança na vida eterna, a força e a eficácia do amor que Deus põe nos vossos corações para vencer o poder do mal e o sofrimento que afligem tantos irmãos nossos.

Sem a vossa vida de contemplativos, sem a vossa pobreza e virgindade, sem o testemunho da vossa obediência alegre e libertadora, sem o resplendor do vosso amor desinteressado e eficaz aos mais necessitados, a Igreja perderia muito da sua força evangelizadora, da sua capacidade para mostrar os bens da salvação e ajudar os homens a acolher no seu coração a Deus, Senhor desta grande esperança.

IX. GRANDE ESPERANÇA

Olhando para o terceiro milênio, é com predileção que nos dirigimos aos jovens,

na esperança da sua adesão convencida e entusiasmada a Jesus Cristo, especialmente através da Vida Consagrada. Os jovens poderão levar às futuras gerações o tesouro do Evangelho. A vós, jovens, que amais sonhar, propomos esta nossa esperança como o melhor de todos os vossos sonhos.

O Espírito Santo nunca deixa de conduzir a sua Igreja com novas e antigas formas de inesgotável santidade. A Vida Consagrada foi, através da história da Igreja, uma presença viva desta ação do Espírito, com um espaço privilegiado de amor absoluto a Deus e ao próximo, testemunho do projeto divino de fazer de toda a humanidade, dentro da civilização do amor, a grande família dos filhos de Deus.

Neste ano especial da Família, pomos a nossa esperança na Bem-aventurada Virgem Maria, primeira discípula e Mãe de todos os discípulos, modelo de fortaleza e perseverança no seguimento de Cristo até a Cruz. A Virgem Maria é o protótipo da Vida Consagrada, porque é Mãe que acolhe, escuta, intercede e contempla o seu Senhor no louvor do seu coração.

Pedimos-Lhe por todos os membros da Vida Consagrada para que Ela, como nossa Mãe, proteja, anime e renove todas as famílias de Vida Consagrada na Igreja.



Rua Alcindo Guanabara, 24 – 4º andar – Cinelândia – Tel.: (021) 240-7299
20038-900 Rio de Janeiro, RJ

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
Janeiro/Fevereiro de 1995

Em janeiro de 1994, anunciei, neste espaço, o livro **Para Fazer Bem o Retiro-2**. Mas o livro só foi posto à venda, de fato, no dia 6 de outubro. Antes, porém, do mês de dezembro chegar, antes, portanto, de 60 dias, a edição estava esgotada. Procure saber se a sua CRB Regional ainda tem algum exemplar. Não vai se arrepender de comprar este livro ou de tê-lo já comprado. O Retiro é uma atividade cíclica: breve, em todo mês e, longa, em cada ano. Fazê-lo, então, mensal e anualmente, de forma sempre mais aperfeiçoada. **O que merece ser feito merece ser BEM feito.** É difícil fazer bem qualquer coisa. Mas é impossível NADA fazer para se chegar lá. Faz-me lembrar a exortação da liturgia da ordenação sacerdotal: **Agnoscite quod agitis**. Tomar ciência e consciência daquilo que se faz.

Fazer bem cada coisa porque é assim que se deve fazer: com certa plenitude, com profundidade, para além do que é obrigado, fora da perspectiva meramente legalista e formal. Deixar-se cativar por aquilo que se faz. **Revelar uma humildé genialidade na perfeição** do que se faz. Fazer o Retiro em cada mês e em cada ano, de modo sempre mais aperfeiçoado, não consiste em fazer coisas novas e diferentes. **É o BOM que se transforma, por encanto, em novo e atraente.** Uma sólida informação evita comportamentos superficiais. Uma verdadeira formação bíblica e teológica enriquece a vida espiritual. Dá credibilidade e consistência à nossa relação com Deus. Cada qual, porém, será avaliado pela qualidade de amor e de verdade que informar suas relações em todos os horizontes de sua vida.

Neste ano de 1995, você lerá **Para Fazer Bem o Retiro-3**. Será um texto para um só dia do Retiro, um dia de Retiro dirigido, orientado e vivido fora do tempo cotidiano, numa atmosfera que ainda não existe para nós. Por um só dia cronológico e simbólico ser contemporâneo do futuro real e escatológico. Viver o presente como um futuro iminente, num objetivo imediato de esperança permanente. Aguarde. Não vai se decepcionar.

A revista que você tem em mãos é dedicada, toda ela, ao **SÍNODO**, cujo tema foi a **Vida Consagrada e sua missão na Igreja e no mundo**, realizado de 2 a 29 de outubro de 1994. Leia e releia, do começo ao fim, com redobrado interesse. Trata-se da nossa razão pessoal e social de ser. Num mundo em vertiginosa transformação que gera mais perplexidades do que certezas, com maior dose de otimismo ou pessimismo, os Padres Sinodais ouviram, debateram e sugeriram: prioridades, caminhos possíveis, hipóteses, exemplos apontando tendências..., com o objetivo de **redefinir a maneira de SER e de FAZER pessoal e comunitária** da Vida Consagrada. A consciência da maior aceleração do tempo histórico de que se tem notícia e a reconfiguração do mundo pedem uma aproximação sistêmica e uma interconexão cada vez maior das preocupações da Igreja e da Vida Consagrada na Igreja.

Está no ar certa sensação de um bem definido mal-estar de que algo não está funcionando 'a contento'. Vivemos aflições finisseculares. O horizonte não está claro. Os anseios pessoais não estão plenamente respondidos. O quadro hoje existente de buscas, encontros e desencontros, é complexo. É um fato. E o fato é. **Brigar contra os fatos só acelera a fatalidade.** O fato é importante em si mesmo. Muito mais relevante ainda quando é capaz de produzir conseqüências. Todo este torvelinho de idéias (brain-storm) do SÍNODO é um sinal efetivo de que será preciso, abertas portas e janelas pelo Vaticano II, compreender o mundo de que se faz parte. A compreensão aprofundada das tendências atuais e das exigências do mundo moderno, nesta inquieta soleira do terceiro milênio, deve fazer brotar as nossas nascentes, com o vigor de uma nova força. A tarefa é entusiasmante, mesmo levando em conta as dificuldades ingentes que encerra.

Deus nos quer como germe profético de um NOVO ardor por JESUS CRISTO. Existimos e subsistimos, como consagrados, em ontológica dependência dele. Ele é a fonte de nosso poder de suportar, de nossa capacidade de superar, de nossa determinação de continuar. Eis **a raiz e o referencial de toda a Vida Consagrada: JESUS CRISTO**, sua Missão, nossa paixão por ele. O que fugir deste foco não reproduz a face autêntica da Vida Consagrada. Nossa vocação é a disponibilidade de nosso SER para as urgências imprevisíveis do FAZER de Deus. Aí está a missão da Vida Consagrada na Igreja e no mundo. A centralidade da Vida Consagrada é a Missão porque a centralidade da Missão é Jesus Cristo.

Deus nos chama para SER, como Jesus Cristo, presença sua de verdade e de amor, entre os homens e para eles. **Deus nos quer** luz, sal e fermento, entre os homens e para eles, através de nossa configuração com Jesus Cristo. A lua recebe luz do sol durante o dia para, depois, alumiar a noite da terra. Cada consagrado recebe do Pai das Luzes dons e carismas para ser luar de prata na noite de muita gente.

Desejando-lhe toda **PAZ** e todo **BEM**, com sempre renovada estima e fraterna amizade, subscrevo-me,
atenciosamente